



ETERNAL DAWN

AETERNAE NOCTIS | BOOK TWO

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JADE KERRION

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ETERNAL DAWN

AETERNAE NOCTIS | BOOK TWO

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JADE KERRION



Tradução: Angel
Revisão: Gaya
Conferência: Angel
Formatação: Sekmet



AVISO

LIVRO TRADUZIDO E DISPONIBILIZADO GRATUITAMENTE, VISANDO DAR ACESSO AO LEITOR À LIVROS SEM PREVISÃO DE LANÇAMENTO NO BRASIL.

INCENTIVAMOS QUE O LEITOR PRESTIGIE O AUTOR ADQUIRINDO O LIVRO.

NÃO MENCIONE EM QUALQUER REDE SOCIAL (FACEBOOK, TWITTER, INSTAGRAM, ETC.), SITES, BLOGS OU FÓRUNS DE AUTORES, EDITORAS, BLOGS/SITES LITERÁRIOS, QUE LEU O LIVRO EM PORTUGUÊS E/OU PDF/EPUB/MOBI.

NÃO DISTRIBUA NOSSAS TRADUÇÕES EM QUALQUER REDE SOCIAL (FACEBOOK, TWITTER, INSTAGRAM, ETC.), SITES, BLOGS OU FÓRUNS. A DISTRIBUIÇÃO DE NOSSAS TRADUÇÕES É EXCLUSIVA DOS GD'S.

PRESERVE OS GT'S. SEJA CONSCIENTE.

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO? LEIA NO IDIOMA ORIGINAL!

Imortais e mortais lutam para coexistir.

Um inimigo está mudando as regras...

Todos os pais de Aeternae Noctis perderam filhos para a seleção, entre eles, o herbalista Rafael Varens. Os remanescentes da humanidade se rebelam contra o impiedoso governo dos três Icrathari Imortais e seu exército de vampiros; mais uma vez, eles são esmagados.

Quando a Icrathari Siri procura uma pomada para acalmar sua dor crônica, ela e Rafael fazem uma barganha. Ele curará o veneno no sangue dela se ela expandir o assentamento e libertar os filhos adormecidos na torre, incluindo o seu. Essa aliança improvável cria uma amizade inesperada, até ser destruída pela mais cruel traição.

Das trevas, abaixo da terra, um inimigo antigo e implacável surge, torcendo sua dor e colocando Rafael e Siri um contra o outro, seu primeiro passo na destruição de Aeternae Noctis.



CAPÍTULO 1

Na praça da cidade, sob a sombra da torre, Rafael Varens estava entre centenas de outras pessoas, assistindo a lua cheia em seu auge. Sua luz brilhava através da curva da cúpula que cercava a cidade de Aeternae Noctis, passando sobre seus telhados de ardósia e ruas de paralelepípedos, seus campos e florestas.

O aperto de Rafael aumentou ao redor de seu filho de cinco anos, Stefan. Sua atenção passou da cabeça loira do filho para a paisagem queimada do lado de fora da cúpula. Os picos irregulares das montanhas relampejavam enquanto a cidade, carregada por enormes motores, viajava pela noite.

Alguém na multidão sussurrou, trêmulo e baixo: — Está na hora.

Na praça da cidade, o murmúrio da conversa diminuiu para sussurros e, eventualmente, ficou tudo em silêncio. Rafael prendeu a respiração quando uma Icrathari voou do alto de Malum Turris, a torre negra que sustentava o ápice da cúpula. A criatura cortou o arco da lua e deslizou para um patamar em frente à igreja. Asas em forma de morcego batiam em toda a extensão de três metros antes de dobrar contra as costas.

Com apenas um metro e oitenta de altura, a Imortal e poderosa Icrathari foi recebida pelo silêncio nascido igualmente pela admiração e ressentimento. Seus cabelos prateados, curtos, emolduravam seu rosto. Suas feições eram delicadas, seus grandes olhos violeta eram inclinados para cima, ampliando sua aparência etérea. Um vestido de seda vermelho grudava em seu corpo; um lenço vermelho acentuava seu pescoço.

O homem ao lado de Rafael ficou boquiaberto com a Icrathari, mas não havia lugar para nenhuma emoção no coração de Rafael, exceto o desespero. Ele inalou profundamente, o som estremecendo através de seu peito dolorido. Olhou para cima e procurou o céu. Onde estavam os outros dois Icrathari, Ashra, a rainha, e Tera, a senhora da guerra?

Por que essa Icrathari, uma totalmente desconhecida do povo de Aeternae Noctis, veio para entregar a sentença mensal de morte?

O prefeito, um homem de rosto sombrio e pesado, subiu os

degraus da igreja. Ele também engoliu em seco antes de estender a mão para a Icrathari para receber a lista.

O prefeito leu os nomes em voz alta. Em cada nome, Rafael ouviu um suspiro suave, um soluço silencioso. Famílias destruídas, vidas desmoronadas. A voz de uma criança choramingou: — Eu não quero ir.

Com o coração pesado, Rafael contou cada criança chamada. Ele conhecia muitas das crianças. Ele e a parteira foram os primeiros a receber essas crianças no mundo.

— Varens, Stefan. — O prefeito dobrou o pedaço de papel e o devolveu a Icrathari.

Sessenta e dois nomes. Stefan tinha sido o último filho nomeado.

Rafael fechou os olhos com força. Seus braços tremiam, apertando a criança em seus braços. Não, não Stefan. Por favor, não o levem. Ele é tudo o que me resta. Rafael lutou contra a necessidade frenética de correr e esconder seu filho, mas Aeternae Noctis, a cidade da noite eterna, não oferecia santuário aos Icrathari e seu exército de vampiros.

— Papai? — A voz de Stefan sussurrou em seu ouvido. A voz do garoto parecia congestionada. O frio do ar noturno fez com que a dor se acumulasse em seu peito novamente. O tônico paliativo estava fervendo sobre o fogão da cozinha de Rafael, mas não seria mais necessário. Stefan percorreu um longo caminho desde a criança doente que ele tinha sido. A parteira não achou que sobreviveria quinze dias, mas, com cuidado, passou cinco anos, apenas para ser levado pela Icrathari três dias após seu quinto aniversário.

Para a Icrathari, Stefan era muito falho para se manter vivo.

Em um único segundo, os Icrathari, mestres de Aeternae Noctis, invalidaram as inúmeras horas que Rafael passara vigiando Stefan, enquanto ele chiava durante a noite. Com sua decisão, os Icratharis zombaram dos anos de pesquisa meticulosa de Rafael sobre ervas que fortificariam a constituição de Stefan.

Todo esse carinho, todo esse amor não foi por nada.

Rafael apertou os lábios trêmulos. Não, não é por nada. Nunca foi por nada. Foi pelo filho e pelos cinco anos de alegria que o acompanharam.

— Papai —, Stefan disse novamente. — Tenho que ir?

Rafael assentiu, sua voz muito sufocada pelas lágrimas para falar.

A Icrathari olhou para a torre. A cabeça dela caiu um pouco. Ao seu sinal, a ponte levadiça baixou e vampiros de pele pálida surgiram para ficar de guarda na entrada. Ela levantou a mão e esperou o silêncio cair. Sua voz, um sussurro rouco, atravessou a praça

da cidade. — Se quiserem, podem entregar seus filhos para nós aqui, ou podem vir e dizer seu último adeus na arca.

Rafael respirou fundo. Foi a primeira vez que tal oferta foi feita.

A voz de um homem gritou sobre os murmúrios da multidão: — Como saberemos que você não vai matar todos nós também?

A Icrathari inclinou a cabeça e olhou para ele.

O homem se encolheu de volta para a segurança da multidão.

Rafael supôs que não havia necessidade de esperar para matar as pessoas na arca quando os vampiros podiam, com a mesma facilidade, matá-los aqui. O jeito do tolo de travar uma batalha que não podia ser vencida. Os vampiros não hesitariam em arrancar os filhos dos braços de seus pais, traumatizando pais e filhos. O caminho mais fácil, o caminho do covarde, era entregar Stefan aos vampiros imediatamente, mas como ele podia deixar seu filho ir sozinho, aterrorizado, até o fim?

A única vitória que Rafael sabia que poderia torcer para esta situação desesperadora, era criar a partir de sua despedida final uma memória que ele e Stefan pudessem guardar.

Os braços de Stefan apertaram-se ao redor do pescoço de Rafael e ele escondeu o rosto contra o pai. A decisão foi tomada.

Quando a Icrathari virou-se em direção à torre, ele a seguiu. Vários outros pais também. Os vampiros moveram-se com graça silenciosa para flanquear a comitiva quando entraram na torre. O brilho pálido de uma noite enluarada deu lugar a um brilho fluorescente não natural. As paredes pretas eram frias ao toque. Linhas retas de corredores fluíam em curvas perfeitas antes de se endireitarem mais uma vez. Construção perfeita. Superfícies lisas e perfeitas.

Ele havia entrado na torre negra, *Malum Turris*, apenas uma vez antes, há seis meses, mas ainda o surpreendeu. Sua construção toda em aço impossivelmente perfeita e sua aparência estéril e sobrenatural colocavam a torre além da habilidade e do conhecimento humanos, além do tempo, talvez até além do mundo.

Ele não pretendia entender completamente a verdade por trás de *Malum Turris* e *Aeternae Noctis*. Mesmo depois de seis meses antes da situação, em uma batalha entre *Aeternae Noctis* e os monstros *Daevas* que viviam do lado de fora da cúpula, ele ficou tão ocupado depois da guerra, atendendo aos feridos e dispensando medicamentos que não havia tomado nenhuma medicação. E nem teve tempo de entender o que realmente significava.

A verdade variava, dependendo de qual cidadão bêbado da cidade ouvia, mas um fato incontestável emergiu da tagarelice: os Vampiros e Icratharis salvaram e protegeram os remanescentes da

humanidade por mil anos. Naquele momento, porém, era difícil para Rafael sentir alguma gratidão pelos Night Terrors. Eles ainda levavam a grande maioria de crianças de cinco anos de idade. Uma cidade de recursos limitados não poderia sustentar uma população crescente.

A Icrathari conduziu os escolhidos a uma sala tão grande que seu teto e paredes desapareceram na escuridão. Dentro da arca, milhares de tubos de vidro compridos, cada um pouco maior que a Icrathari, eram altos, empilhados um sobre o outro como ervilhas em uma vagem. Dentro de cada tubo, uma criança de cinco anos dormia, esperando a liberação que talvez nunca acontecesse.

Sessenta e dois tubos vazios, suas capas translúcidas abertas como caixões, aguardavam seus ocupantes.

A Icrathari acenou com a cabeça.

Os vampiros escoltavam cada família ou criança desacompanhada até um tubo aberto. Murmúrios de conversa e soluços silenciosos encheram a arca. Rafael ajoelhou-se na frente do tubo designado à Stefan e gentilmente abaixou o filho no chão.

— Eu estou com medo, papai. — A voz de Stefan era um sussurro trêmulo. Suas mãos trêmulas prenderam ainda mais o pescoço de Rafael.

— Eu sei. Eu também. Por que você não tenta sentar nela? Você não precisa deitar-se ainda.

Os lábios de Stefan tremeram. — Uh... tudo bem.

Rafael colocou o filho no tubo antes de tirar a mochila dos ombros.

Gostaria de um chá, como antes de dormir todas as noites?

A cabeça de Stefan balançou.

Rafael removeu um frasco selado de água quente e um pequeno pote de flores secas e ervas da mochila. Ele colocou uma colher da mistura de camomila e lavanda no frasco e adicionou uma pitada de pó de valeriana. Isso faria Stefan dormir e facilitaria sua transição para a hibernação sem fim. Só então Rafael deixou o chá de lado em infusão.

Colando um sorriso no rosto, ele passou a mão suavemente sobre a cabeça de Stefan. Os cachos macios saltaram sob seu toque. Ele piscou com força para conter as lágrimas. Oh, Deus, ele sentiria falta do filho.

— Você pode me contar uma história para dormir, papai?

Se eu tratar essa despedida como apenas mais uma hora de dormir, talvez eu consiga passar por isso sem quebrar. — Claro. Que história você gostaria de ouvir?

— Você pode me contar sobre a noite em que nasci?

— É a minha história favorita.

Stefan sorriu para ele. — Minha também.

— Era uma noite escura, fria também. A lua era crescente, fina e pálida. Sua mãe teve contrações a noite toda e, finalmente, deitou-se para descansar um pouco.

— Mas eu não dei descanso a ela, papai?

— Não, você estava pronto para sair. Levou um longo tempo...

— Porque meu espírito estava pronto, mas meu corpo não estava.

— Está certo. — Rafael ofereceu o frasco ao filho. — Beba devagar. Ainda está quente. — Ele olhou para o filho, enquanto Stefan bebia. Ele queria capturar cada momento; depois desta noite, as lembranças eram tudo o que ele teria. — A parteira e eu trabalhamos duro para ajudá-la e, finalmente, você veio ao mundo, uma coisa pequenina, sem se mexer, sem respirar.

Stefan assentiu sabiamente, aparentemente tendo ouvido a história várias vezes para não duvidar do final feliz. — E então mamãe me beijou.

— Sim ela fez. — Rafael ainda se lembrava de levantar o bebê silencioso e imóvel no rosto de sua esposa. Ariel havia pressionado sua bochecha pálida contra a bochecha do bebê e beijado aqueles pequenos lábios. Com um suspiro suave, um som estranhamente contente, ela abraçou a criança entre os seios e fechou os olhos.

— Acho que vou dormir agora. — Sua voz era um sussurro fraco.

Uma dor surda caiu no peito de Rafael. Eles haviam perdido o filho, mas, felizmente, Ariel estava bem. Ele pressionou um beijo em sua bochecha e gentilmente acariciou mechas encharcadas de suor de sua testa febril. O longo trabalho de parto difícil a exauriram. Ela precisaria de um tônico para restaurar sua força e energia. Felizmente, ele tinha os ingredientes certos, ginseng, raiz de eleutherio, raiz de alcaçuz, folha de borragem, bagas de espinheiro e sementes de aveia. Ele envolveu um cobertor pesado em volta dela antes de levantar-se e ir para a cozinha.

O tônico estava fervendo no fogão quando ouviu um gemido suave vindo do quarto. Ele endireitou-se, a descrença surgindo através dele. O bebê! Ele correu para o quarto. O bebê, ainda embalado nos braços de Ariel, agarrou-se ao peito e estava chupando com força.

Uma explosão de risada rasgou seus lábios. — Oh! Graças a Deus. Olha, Ariel, o bebê. Ele está vivo!

Em êxtase, ele colocou a mão sobre a dela.

Sua mão flácida caiu para longe do filho, para longe dele. Os olhos dela estavam fechados; seu último suspiro congelou em um sorriso doce.

Naquele momento, seu mundo se despedaçou. Ele pegou as peças, um pai solteiro lutando para fazer o melhor que podia pelo

filho, mas as peças quebradas nunca haviam se encaixado. Como poderia depois que perdeu a única mulher que já amou?

A voz de Stefan disparou: — E então o que aconteceu, papai?

Com esforço, Rafael lutou para manter a voz firme. — E então você estava bem.

— Mas a mamãe... seu espírito queria ficar, mas seu corpo não a deixou, papai?

Ele respirou fundo. — Não, ela queria ficar, mas não podia.

Stefan devolveu o frasco ao pai. Ele passou os braços em volta do pescoço do pai e deu um beijo na bochecha, antes de se deitar no tubo. Ele contorceu-se e depois bocejou. — Não é tão confortável quanto minha cama, papai.

— Eu acho que não.

— Estou ficando com sono. — Os olhos dele tremeram e se fecharam. — Você acha que vou sonhar hoje à noite?

— Claro. — Rafael sorriu e se perguntou se a curva de seus lábios era tão agriçoce quanto a dor em seu coração. — Você sonhará com sua mãe e comigo. Finalmente estaremos juntos. Seremos uma família mais uma vez.

— Promete, papai? — A voz de Stefan era um murmúrio sonolento.

— Sim prometo. — Ele inclinou-se e beijou a bochecha de Stefan. — Boa noite, meu filho. — *Adeus*. Ele manteve a mão no peito de Stefan até que a respiração do filho se estabelecesse no ritmo constante do sono profundo. Só então se afastou e permitiu que os vampiros preparassem seu filho para o processo criogênico.

Os Vampiros e Icratharis congelavam as crianças, colocando-as em animação suspensa, até o momento em que a cidade fosse capaz de sustentar mais pessoas. A intenção deles não era má, mas a lógica era irrelevante. Rafael sabia que nunca mais veria Stefan. A cidade expandida com recursos suficientes era um sonho, que nunca seria alcançado.

Da mesma forma, o vazio em seu coração, oco pela perda de sua esposa e agora de seu filho, nunca seria preenchido, pelo menos não em sua vida.

Ele guardou o frasco e o pote de ervas na mochila e passou a mão na lateral da câmara criogênica selada, acariciando o rosto do filho através do vidro.

Stefan parecia em paz, como se estivesse apenas dormindo. Pelo menos Rafael teria essa imagem para levar para o túmulo.

Ele passou a mão pelos olhos úmidos e virou-se.

A Icrathari estava a menos de um metro e meio, observando-o silenciosamente. Seus olhos violeta não revelaram nada.

Enjoado, ele seguiu o vampiro que o escoltou da torre.

A praça da cidade estava vazia, assim como as estradas sinuosas e as ruas que levavam à sua casa. Ele cambaleou passando pela mistura de aromas que brotava de seus jardins com flores e ervas, cruzou o limiar para sua casa agora silenciosa. Ele passou pela porta aberta do quarto de seu filho. Um soluço quebrado saiu de sua garganta.

Rafael não conseguiu conter-se. Sua força cedeu quando caiu, desesperado para manter sua última lembrança feliz. Ele enroscou-se na cama do filho, respirou o perfume familiar nos travesseiros e chorou.



CAPÍTULO 2

Muito tempo depois que as sessenta e duas crianças foram congeladas criogênicamente e seus pais que ainda soluçavam foram escoltados até a saída da arca, Siri manteve uma vigília solitária nas fileiras de crianças adormecidas. O silêncio que envolvia a arca acentuou a desolação de seus pensamentos. Ela passara horas agonizando sobre a lista de nomes, calculando e analisando exatamente quantas vidas a cidade e seus recursos limitados poderiam sustentar e quantas vidas teriam que ser abatidas.

A lista era a mais curta possível.

Para o povo de Aeternae Noctis, eram sessenta e dois nomes muito longos.

Além disso, seu experimento em convidar famílias para a arca para se despedir foi um desastre.

O anúncio calmo de nomes na praça da cidade foi uma melhoria nos mil anos de terror, quando os vampiros invadiram as casas e afastaram crianças gritando dos pais. No entanto, o processo ainda era tão desumano, tão frio.

Ela tentou fazer melhor pelas pessoas da cidade.

Ela falhou.

Exceto por aquele homem que havia habilmente e amorosamente colocado seu filho para dormir, o processo havia sido um pesadelo para pais histéricos e crianças em pânico. Ele se arrastou por horas. No final, as crianças tiveram que ser arrancadas dos braços dos pais de qualquer maneira. Ela teve que chamar Tera, a senhora da guerra Icrathari, e seu exército de vampiros para reprimir a revolta de pais devastados.

Ela nunca ouviria o final de Tera.

Siri fez uma careta. O ligeiro movimento percorreu seu corpo ferido. Ela engoliu o suspiro de dor; queimava como ácido descendo por sua garganta.

Grande Criador. Ela nunca se curaria?

A porta da arca se abriu atrás dela.

Normalmente, ela poderia ter olhado por cima do ombro ou até girado, mas ferida, ela se moveu com cuidadosa deliberação, debatendo a necessidade da ação contra a dor que isso geraria.

— Siri —, Reconheceu a voz familiar.

— Olá, Jaden.

Jaden Hunter, o vampiro mais velho e consorte da rainha Icrathari, Ashra, avançou para ficar ao lado dela. Alto e de cabelo escuro, possuía a constituição magra e musculosa de um guerreiro e a graça sinistra sobrenatural que somente vampiros mais velhos e icratharis podiam aparentar.

Siri inalou profundamente. Ela teria que ter cuidado para esconder sua dor e desconforto dele. Seria difícil; vampiros, predadores naturais, estavam sintonizados com a fraqueza dos outros. Felizmente, os Icrathari eram os maiores predadores, e ela era uma boa mentirosa. Mais do que qualquer outra pessoa, ela tecera a intrincada teia de mentiras em torno da população humana de Aeternae Noctis.

— A reunião do conselho está prestes a começar —, disse ele.
— Nós estamos esperando por você.

Siri deu de ombros. — As coisas demoraram um pouco mais hoje.

— Sim eu ouvi. — Os olhos verdes de Jaden brilharam através da arca, mais uma vez restaurados ao seu estado primitivo e silencioso.

Seus ombros caíram em um suspiro, quando ela lembrou-se do caos e gritaria horas antes. — Foi um desastre.

— Valeu a tentativa.

— Tera não concordaria.

— Tera não gosta de mudanças, mas precisamos mudar, e rapidamente. O povo não se contentará com o *status quo* por muito mais tempo. Agora que sabem a verdade sobre a Aeternae Noctis, esperam que nós forneçamos soluções.

Siri deu uma risada, o som irônico. — A vida era mais fácil quando tudo que eu precisava fazer era gerenciar o problema, em vez de resolvê-lo.

Jaden sorriu. — A mudança é inevitável. Se não crescermos, morreremos.

Siri conseguiu dar um meio sorriso torcido em resposta. Jaden não tinha ideia de quão malditamente preditivas eram suas palavras. Os Icratharis eram antigos, efetivamente imortais. Os três mil anos de sua vida se estenderam até o passado. O futuro dela, no entanto...

A tensão sacudiu suas asas negras. As feridas não curadas em sua garganta e estômago enviaram ondas de agonia através dela enquanto seguia Jaden da arca.

O desespero encobria seu futuro. Ela estava morrendo.



A reunião do conselho ocorreu no piso superior de Malum

Turris, o centro administrativo de Aeternae Noctis. Suas janelas de vidro paládio ofereciam uma vista incomparável da cidade em 360 graus. As paredes negras não tinham adornos, o piso metálico era despido e luzes fluorescentes emanavam de painéis transparentes no teto. Uma rede de supercomputadores, o ápice da tecnologia do século XXI antes da última guerra do ser humano, dizimar a atmosfera e queimar a Terra, espalhada ao longo da parede oposta.

O resto do conselho reuniu-se. Tera acenou para Siri quando entrou na câmara com Jaden ao seu lado. O sorriso que a senhora da guerra usava, no entanto, era perverso e mais do que um pouco divertido. Por um momento, Siri contemplou a possibilidade de ficar ofendida, mas com milhares de anos de amizade entre elas, a opção pareceu absurda.

Além disso, o fiasco na arca ofereceu-lhe um raro vislumbre da força e graça de uma Icrathari sob pressão.

Um punhado de vampiros também se reuniram. Xanthia, uma vampira de meia-idade, liderou as equipes de engenheiros que mantinham a cidade de Aeternae Noctis. Lucas, também de meia-idade e distinto por sua barba, liderou a equipe médica e supervisionou a transformação de humanos em vampiros com um coquetel misto de sangue icrathari com sangue de vampiro.

Yuri, cuja trança vermelha espelhava a trança de prata de Tera, era uma vampira transformada aos vinte e poucos anos. Ela era a segunda em comando de Tera, uma posição recentemente questionada com o retorno de Talon, um vampiro mais velho preso pelos Daevas por quase quinhentos anos.

Talon, como Jaden, era diferenciado dos vampiros por sua força e graça superiores. Os vampiros mais velhos, os primogênitos dos Icrathari, foram transformados por uma infusão completa de sangue puro de Icrathari. O processo de transformação foi perigoso e mais propenso a falhar. Poucos humanos foram capazes de abraçar a mudança. Os vampiros mais velhos eram, portanto, raros e estimados, iguais aos Icrathari em todos os seus vãos. Tera não alterou publicamente sua linha de comando, mas ficou claro para todos que Talon era um elemento vital das defesas militares de Aeternae Noctis.

Jaden, por outro lado, liderava uma pequena equipe de batedores de vampiros encarregada de encontrar uma passagem segura para a cidade. Suas missões muitas vezes os levavam de Aeternae Noctis por vários dias, um fato que não se sentava confortavelmente com Ashra.

Ashra mudou significativamente. Ela permaneceu tão dedicada ao seu dever sem fim, mas agora havia leveza em seu espírito que não existia há mil anos. Seu amor por Jaden suavizou sua extremidade severa, e seus raros sorrisos tornaram-se comuns. Ashra olhou para a

abordagem de Jaden e Siri. — Eu ouvi sobre o que aconteceu na arca hoje.

Siri lançou um olhar azedo para Tera. — Um erro que não vou repetir.

— Foi bem-intencionado.

— Os humanos não vão tolerar perder seus filhos por muito mais tempo. Eles estão inquietos. Eles estão procurando o próximo milagre.

Talon zombou. — O primeiro milagre aconteceu em mil anos. Eles podem querer dar ao segundo um pouco mais de liberdade. — Ele olhou para Jaden. — Você tem mais truques na manga?

Jaden balançou a cabeça. — Sem mágicas. Encontrei vários lugares promissores para novos assentamentos, mas não podemos fazer nada sem o vidro de paládio para criar novas cúpulas.

Ashra olhou para Siri. As sobrancelhas dela se arquearam.

Siri deu de ombros. — Eu não tenho um estoque secreto de paládio no porão.

— Onde podemos encontrar paládio, então?

— Há mil anos atrás, a resposta teria sido em Norilsk-Talnakh, na Sibéria, e no Complexo Ígneo Bushveld, na África do Sul. Também havia depósitos menores de paládio no Canadá e nos Estados Unidos. Agora quem sabe?

— Podemos percorrer a cidade para conferir se ainda existem, não é?

Siri balançou a cabeça. — É muito arriscado desviar da nossa rota traçada. Precisamos de combustível para viajar, e nossas estações de recarga solar são instaladas ao longo de um caminho específico. Poderíamos armazenar o combustível necessário para fazer a jornada, mas precisaríamos de mais botijões de combustível do que temos atualmente. Não demoraria muito tempo para que as impressoras 3D entregassem o que precisamos, mas, na verdade, para armazenar o combustível de que precisamos, seria... — Ela fez uma pausa para um rápido cálculo mental. — Dezesesseis meses antes de podermos ir à Sibéria e voltar.

— Não demoraria muito no grande esquema das coisas —, disse Talon.

— Os humanos não têm a expectativa de vida e a perspectiva que temos —, disse Siri.

Ashra levantou o queixo. — Não vou arriscar mil anos de segurança só porque os humanos não têm paciência para fazer as coisas direito. — Ela olhou para Tera. — Os humanos podem ter a impressão de que as coisas mudaram porque descobriram a verdade da cidade, mas as coisas não mudaram muito. Eu domino Aeternae Noctis. A rebelião não é tolerada sob nenhuma circunstância, e estou

inclinada a voltar ao modo como as coisas eram se os humanos se mostrassem difíceis.

Siri franziu a testa. Certamente Ashra não estava pensando em voltar a uma regra de terror, ao invés de uma cooperação e benefício mútuos? Ela lançou um olhar rápido a Jaden. Sua expressão não revelou nada, mas seus olhos estavam perturbados. Claramente, as relações humanas eram um tópico sobre o qual Ashra e Jaden não concordavam. Jaden estava inclinado a favorecer os humanos. Ele era o vaso da alma de Rohkeus, o príncipe Icrathari e criador de Aeternae Noctis, mas até seis meses atrás, ele também era humano. Mais do que qualquer um, ele preencheu a lacuna entre os humanos e os Night Terrors, os vampiros e os Icrathari. Ele seria relutante em destruir o progresso que haviam feito.

Jaden deu um passo à frente. — Não faz sentido arrastar a cidade até a Sibéria, onde quer que esteja, se os depósitos não estiverem mais lá. Vou seguir em frente enquanto você abastece. Não demoro mais do que alguns meses para chegar lá e voltar.

— Sozinho? Absolutamente não. — Ashra o interrompeu. — A Sibéria está longe demais, a jornada muito perigosa.

— Eu sou o único que você pode poupar —, insistiu Jaden.

Siri abafou uma risada. *Quão errado você está. Você é o único que ela não pode poupar.*

— Vamos discutir isso mais tarde —, disse Ashra.

— Tudo certo. Enquanto isso, vou revisar os mapas antigos e traçar um caminho possível —, disse Jaden. — Antes da nossa discussão.

Naquele momento, Siri mal conseguiu disfarçar o riso com uma tosse. *Energia irresistível encontra força imóvel.* O relacionamento de Jaden e Ashra, embora ancorado no amor, tinha pontos de atrito suficientes para proporcionar aos habitantes da torre uma grande quantidade de entretenimento.

A reunião do conselho terminou pouco depois. Os Icratharis e os vampiros se dispersaram. Siri, no entanto, permaneceu no painel de controle para monitorar o status da cidade. Lucas também ficou para trás.

Ele esperou até que estivessem sozinhos na câmara. — Como você está lidando? — Ele perguntou.

— Bem. — *Apenas mal.* Somente Lucas sabia a extensão de seus ferimentos e o fato de ela não ter se curado do ataque Daeva. Ela tocou na tela para exibir um relatório sobre os níveis de combustível da cidade. — Você tem mais da pomada que você me deu?

Ele balançou sua cabeça. — Não, foi tudo o que me restou do frasco que Dana pegou do herbalista quando Jaden machucou-se. Isso ajudou?

—Um pouco. — Ela digitalizou o relatório e depois mudou para outro. — Eu gostaria de mais.

Ele assentiu. — Vou enviar um dos vampiros para a cidade por isso.

— Não, apenas descubra quem é o herbalista. Eu cuidarei disso.

Lucas inclinou a cabeça, o gesto rígido carecia de sua graça habitual. — Mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Por enquanto não. — Siri sacudiu os dedos, dispensando-o.

Ele saiu da sala sem outra palavra.

Siri franziu a testa. O que havia de errado com ele? Os vampiros tinham uma maior predisposição para o melodrama, emoções intensas acompanhavam seus sentidos intensos, mas Lucas sempre foi do tipo estável.

Aparentemente, não mais.



CAPÍTULO 3

Um dia inteiro passou-se antes que Siri encontrasse tempo para se aventurar na cidade. Ela esperou até o anoitecer; os Icrathari não eram mais percebidos como os Night Terrors, mas sua presença ainda era considerada com um grau razoável de apreensão. Siri não viu necessidade de alarmar desnecessariamente as pessoas com o aparecimento de um Icrathari em plena luz do dia.

O leve calor do dia deu lugar ao frescor da noite. A fina camada de pomada que aplicara em seus ferimentos amorteceu a pontada de dor quando subiu da torre e dirigiu-se a uma pequena cabana nos arredores da cidade. A cabana que ladeava a floresta era emoldurada por jardins cheios de flores e ervas. A fragrância era impressionante, tão complexa e exótica que até seus sentidos aprimorados lutavam para separar seus componentes.

Ela inalou profundamente, puxando o perfume profundamente em seus pulmões. Surgiu em sua cabeça e, por alguns instantes, afastou sua mente de seu corpo dolorido. Um sorriso agradecido apareceu em seu rosto; ela esquecera como era não temer a respiração seguinte. Ela atravessou as lajes de pedra na passarela de seixos que dava para a casa. Sua batida na porta de madeira abafou o silêncio da noite.

Momentos depois, a porta abriu-se.

Os olhos de Siri arregalaram-se, assim como os do herbalista.

O herbalista era o homem que contara ao filho uma última história para dormir na arca.

Seu rosto, uma máscara de tristeza, empalideceu. Sua boca moveu-se sem som até que ele encontrou sua voz. — Eu...

Ela ergueu um frasco vazio. — Você misturou esta pomada?

A pergunta prática o sacudiu. Com esforço óbvio, alterou sua expressão para a calma profissional, mas não conseguiu purgar a mágoa dos olhos. Suas mãos tremiam quando pegou o frasco e abriu a tampa. Ele cheirou os restos de seu conteúdo. Sua voz, de um barítono rico, era instável. — Goldenseal e mirra. Sim, eu preparei isso.

— Você tem outro frasco disponível?

Ele olhou para cima e encontrou o olhar dela. Seus olhos eram castanhos, um turbilhão de verde e marrom, salpicado de ouro,

lembrando-a de uma floresta ao amanhecer. Seus traços simétricos o tornaram agradável na aparência, mas de outra forma não digno de nota. Algo brilhou em seu rosto, raiva, talvez até ódio, mas ele não bateu a porta. Seus olhos refletiam sua feroz luta interna, mas quando finalmente falou, ele a surpreendeu com a cortesia profissional. — Não tenho pronta, mas tenho os ingredientes para fazer isso. Preciso de uma hora para preparar outro frasco. Se você puder voltar...

— Vou esperar por isso.

Ele pareceu assustado. Depois de um momento, como se lembrasse de suas maneiras, afastou-se. — Gostaria de entrar e esperar?

A oferta foi mais do que esperava. Ela estava curiosa para ver como as coisas haviam mudado desde que projetara o interior da Aeternae Noctis, no estilo do século dezoito, mil anos antes. Sua casa consistia em dois pequenos quartos que ladeavam uma ampla sala de estar que incluía a sala de jantar e a cozinha. A sala, iluminada por pequenas lâmpadas, era aquecida pelo fogo na lareira. Os móveis de madeira eram antigos, mas cuidadosamente mantidos, os arranhões e cortes alisados sob o esmalte. Frascos de vidro e recipientes de barro empilhados nas prateleiras da cozinha, cada um rotulado com uma escrita elegante. Panelas e frigideiras de cobre pendiam de ganchos no teto baixo, e uma grande tigela com pilão na mesa da cozinha mostrava extensos sinais de uso.

Um carrinho de madeira estava em um canto da sala, ao lado de uma porta. Por aquela porta aberta, Siri vislumbrou o quarto de uma criança pintado de azul pálido. Ela aproximou-se. Em um único olhar, pegou a colcha colorida que decorava a cama pequena e um urso de pelúcia com um olho faltando e um coração esfarrapado costurado sobre o peito.

O quarto cheirava a uma criança pequena. Também cheirava ao homem.

O travesseiro que ela pegou estava úmido e perfumado com as lágrimas dele.

Assustada com a dor no peito, Siri olhou ao redor do quarto da criança. Um baú ao pé da cama continha roupas, não novas, mas limpas. Sapatos manchados de lama estavam de lado, descuidadamente arrancados por uma criança. A sala ainda pulsava com lembranças, com vida. Ainda não estava vazio, mas logo estaria. Seu coração foi arrancado.

Ela colocou o travesseiro na cama e voltou para a sala. O homem estava de pé sobre uma panela fervendo no fogão, de costas para ela.

Ela quebrou o silêncio primeiro. — Você tem filhos.

— Apenas um. Stefan.

Ela ouviu o tremor subjacente em sua voz. — Apenas um? — Como regra, os Icratharis selecionavam famílias com mais de um filho. Os algoritmos foram programados no supercomputador; a diversidade genética manteve a população saudável. Como o nome de Stefan surgiu apesar das regras do programa? — Nós não levamos crianças de casas com um filho único —, disse ela.

Os ombros dele ficaram tensos. — Mas você abate os doentes e os fracos. Stefan não era forte, mas estava melhorando. Com o tempo, ficaria bem, mas ele... não tinha tempo.

Enquanto falava, ele trabalhou com uma segurança tranquila, pegando potes nas prateleiras da cozinha. Ele também foi cuidadoso, verificando os rótulos e cheirando o conteúdo antes de adicioná-los à sua mistura.

Siri não precisou perguntar sobre sua esposa. Ela ouvira a história dele antes de dormir. A casa dele confirmou. A cabana estava desprovida do toque feminino de uma mulher, mas ele a transformara em um lar com risos e amor.

Com a inclusão do nome de Stefan em sua lista, Siri o destruiu.

— Stefan não está morto —, ela murmurou. Era tudo o que ela conseguia pensar em dizer, algo para aliviar seu profundo pesar. Enquanto pronunciava as palavras, ela percebeu o quão banais pareciam. Morto ou não, seu único filho estava perdido para ele. Provavelmente para sempre.

Sua única resposta foi um suspiro. Ele não falou novamente, nem durante toda a hora que levou para criar a pomada que ela havia pedido. Quando finalmente se virou para ela com um frasco cheio, com o conteúdo ainda quente, seu rosto estava composto. — Você acha que vai querer mais dessa pomada mais tarde?

Ela assentiu enquanto pegava o pote dele. Seus dedos roçaram nos dele.

Os olhos dele encontraram os dela. — Vou ter um lote novo pronto na próxima vez.

Ela quase podia ouvir suas palavras não ditas. *Dessa forma, não preciso gastar mais tempo do que o necessário perto de você.* Ele não a temia, o que era, por si só, surpreendente, mas a desprezava, assim como todos os humanos tinham desprezado os Night Terrors por mil anos.

Suas asas tremeram de irritação. A opinião dele sobre ela não deveria ter nenhum significado para ela. — O que devo a você por isso?

Ele balançou sua cabeça. — Nada.

Os olhos de Siri se arregalaram. Por que ela esperava que ele exigisse a libertação de seu filho? Porque era a única coisa que significava tudo para ele?

Ela devia estar olhando para ele. Ele pareceu confuso com a reação dela, mas continuou em um tom uniforme. — Não há nada que eu precise. Apenas pegue e vá.

Ela olhou para o frasco precioso na mão. Cada aplicação da pomada contra as feridas na garganta e no estômago lhe daria uma ou duas horas de alívio. Usada com moderação, duraria duas semanas, mantendo o suficiente da dor sob controle para que ela permanecesse funcional e escondesse sua condição dos outros.

Siri olhou para cima e encontrou seus olhos mais uma vez. Ele era mais alto do que ela, e não parecia sentir ameaçado por ela. Sua boca era firme e sem sorrir. A tristeza em seus olhos era contida, embora não tivesse dúvida de que isso o acompanharia pelo resto da vida.

Palavras desconhecidas saíram de seus lábios. — Obrigado. — Ela hesitou. Ela o conhecia apenas pelo número de identificação que o rastreava como um indivíduo único em seus registros populacionais. — Qual é o seu nome? — Perguntou.

— Rafael Varens.

— Eu sou Siri. Obrigado por isso. — Ela levantou o frasco de pomada.

Ele inclinou a cabeça. — De nada.

Ela olhou para ele. A perda de seu único filho estava crua em seu coração, mas sua assistência e sua cortesia a surpreenderam. *De quantas maneiras você me surpreenderá, Rafael Varens?*



Rafael passou a hora seguinte preparando um segundo lote de pomada. Ele moeu raiz de foca dourada, um punhado de goma de mirra, erva de São João e flores de calêndula em um pó fino antes de misturá-lo em um redemoinho derretido de cera de abelha purificada. O calor trouxe à tona o aroma da mistura e encheu a cozinha com seu aroma agridoce. Colocou a pomada em uma jarra esterilizada, deixou-a esfriar e depois limpou a cozinha.

A cozinha não precisava de limpeza, mas ele precisava da distração física. Ele trabalhou até altas horas da noite e depois saiu para cortar lenha, eliminando sua frustração e tristeza na infeliz pilha de lenha. O som de madeira lascada manteve o silêncio à distância. Suas costas doíam e os nós dos dedos estavam doloridos quando se dirigiu a casa, totalmente exausto.

Ele olhou para suas roupas. Sua camisa de algodão estava encharcada de suor, as calças cobertas de pó de madeira e lascas. Ele precisava de um banho, embora a essa hora da noite a água no banheiro não fosse mais quente que a água no riacho atrás de sua casa. A decisão foi fácil. Ele caminhou pelo quintal e seguiu o som da

água corrente na floresta.

O córrego era um dos afluentes menores da cachoeira que derramava de Malum Turris para cercar Aeternae Noctis. A água era geralmente fria e sempre intocada. Naquela noite, a temperatura da água era amena, como se tivesse retido algum calor do sol que agora era agradável por várias horas do dia.

Rafael permaneceu na água por muito mais tempo do que precisava. Além disso, ele não tinha responsabilidades para as quais retornar. Nenhuma criança febril e preocupada para vigiar. Não seria necessário nenhuma bebida calmante de camomila e limão para aliviar a tosse cheia de catarro. Ele nadou para frente e para trás em um ritmo furioso para escapar da memória de Stefan, escondido em sua pequena cama com a colcha puxada até o pescoço e um sorriso largo naquele rosto pálido e minúsculo.

A dor familiar que queimava seus ombros e braços enquanto ele nadava contra a corrente o ancorava e lembrava que ele ainda estava vivo. Lembretes ajudavam. Lembretes para respirar, comer, dormir, olhar para cima e para trás.

Ele não havia sofrido totalmente a perda de Ariel cinco anos atrás. Com um recém-nascido doentio, todo o seu foco era manter Stefan vivo a cada hora e, depois, à medida que a condição do filho se estabilizava, a cada dia. Ele não teve tempo para sofrer.

Bem, ele podia lamentar agora, e era tudo que podia fazer para manter-se vivo, não permitindo que isso o dominasse. O trabalho físico ajudou, assim como as distrações mentais, incluindo a Icrathari, Siri.

O que levou sua visita? Quem era o usuário da pomada que ele havia preparado?

Certamente não uma Icrathari ou um vampiro. Suas habilidades de auto cura eram tão potentes que eram capazes de reparar os efeitos do envelhecimento, tornando-os imortais. Um humano, então, mas até onde ele sabia, não havia humanos na torre, exceto as milhares de crianças dormindo dentro da arca.

Rafael balançou a cabeça ao sair do riacho. Ele não sabia nada sobre os Icratharis ou vampiros além do que era comumente repetido no mercado. Sua vida agitada como herbalista da cidade e um pai solteiro, não havia lhe permitido muito tempo para fofocar. No entanto, até ele conhecia Ashra, a rainha Icrathari, e Tera, a senhora da guerra, que fez de Siri a terceira e última Icrathari, e que raramente é vista do lado de fora da torre. Ninguém sabia ao certo o que ela fazia, embora sua aparição com a lista de nomes e a supervisão do processo criogênico tenham fornecido pistas para essa pergunta.

Ela era a Icrathari responsável por abater as crianças.

O anjo da morte.

Gotas de água escorriam pelos longos membros de Rafael, enquanto pegava suas roupas e voltava para sua casa. O silêncio fechou-se ao seu redor, uma presença palpável com uma voz que se contorcia com sua dor. O ar da noite tinha uma mordida claramente fria. Ele estremeceu e olhou ao redor para o farfalhar inesperado de asas. Pardais dispararam de um grande arbusto em uma rajada de vôo. Os olhos de Rafael se estreitaram. Algo os assustou. Ele não.

Uma sombra mudou, tomou forma. O golpeou de cara na árvore. O impacto explodiu luzes em sua cabeça. A casca áspera do pinheiro arranhou seu peito nu.

A mão contra as costas sem esforço o manteve preso na árvore. — Que ervas você deu a ela? — A voz era profunda e sonora com um timbre de outro mundo. Um vampiro.

— Ela? — Rafael lutou para formar palavras através dos raios de dor pulsando em seu crânio. — Siri?

— O que você deu a ela?

— A pomada que ela queria. Goldenseal. Mirra.

A mão o empurrou com mais força contra a árvore. — O quê mais? O que mais você colocou nele?

Rafael forçou as palavras a sair. — Erva de São João e Calêndula.

A pressão em suas costas relaxou por um momento antes de retornar, mais forte. — Tome cuidado com o que você dá a ela. Se você machucá-la, você pagara com algo muito pior que isso.

O vampiro puxou a cabeça de Rafael para o lado, arreganhando a garganta, expondo sua jugular. Os incisivos afundaram em seu pescoço e depois partiram violentamente, rasgando a pele, carne e veia. Rafael ofegou e caiu de joelhos quando a pressão nas costas desapareceu. Ele pressionou uma mão trêmula contra o pescoço. Sangue jorrou da ferida aberta. Assustado, ele olhou para a mão manchada de vermelho, quente e pegajosa com o sangue.

Ele tinha que mexer-se, buscar ajuda, ou iria sangrar até a morte.

Suas pernas pareciam borracha, não parte dele, enquanto tropeçava pela floresta, em direção às luzes da cidade. Por duas vezes ele perdeu o equilíbrio e caiu, mas se arrastou na posição vertical e seguiu em frente. Sua visão turvava a cada passo até o mundo transformar-se em tons de cinza.

A grama quente do chão da floresta cedeu a paralelepípedos frios. Cada passo queimava através de seus sentidos oprimidos.

Seu corpo estava se desligando devido à perda de sangue.

Ele estava morrendo.

Desista. Vá ficar com Ariel. Com Stefan.

Mas Stefan não estava morto. Ainda não. Siri dissera isso.

Rafael tropeçou pelas ruas da cidade. Através da névoa de sua visão, ele abriu uma porta. Ele cambaleou contra ela e bateu com o outro punho na madeira polida. O som sacudiu seu crânio. Ele mal conseguia distinguir a comoção de pés apressados sobre o ruído branco e estridente em sua cabeça.

A porta abriu e ele desabou sobre telhas quentes de terracota. Uma onda de atividade explodiu em torno dele.

— Rafael!

— Oh meu Deus, ele está sangrando por todo o lado!

— Depressa, criança, corra para o médico. Traga Spencer aqui agora.

— Toalhas, rápido. Traga-o para perto do fogo. Temos que parar o sangramento.

Ele lutou para se manter consciente, tentou agradecer, mas seu corpo não o obedeceu. O preto passou pelo cinza e o arrastou para a escuridão.



CAPÍTULO 4

Os primeiros raios de sol atravessaram através do arco da cúpula e brilharam contra o piso de aço carbono da câmara. Siri ergueu os olhos do assento para o painel de controle e estudou as poças de luz. Pela primeira vez em muitos dias, ela conseguiu sorrir. A dor sempre presente foi contida, graças a uma aplicação generosa da pomada de Rafael.

Lucas saiu do elevador e caminhou até ela. Uma rápida olhada confirmou que eles tinham a câmara para si. — Você recebeu a pomada do herbalista? — Ele perguntou em voz baixa.

Ela assentiu.

— Como você se sente hoje?

— Muito melhor. — Ela sorriu para ele.

— Bom. — Ele relaxou, os ombros caídos, embora seus olhos movessem-se de um lado para o outro, como se estivesse lutando com palavras não ditas. O elevador entrou em movimento e desapareceu nas entranhas da torre. Momentos depois, ele reapareceu e Yuri e Talon se afastaram.

O ar entre a vampira e o vampiro mais velho estalava de tensão, criado por partes iguais de desdém profissional e atração pessoal. Siri se permitiu um sorriso, mas se absteve de comentar sobre a atmosfera carregada. Yuri e Talon teriam que resolver por si mesmos.

— O que aconteceu? — Siri perguntou.

Yuri estava com a testa levemente franzida. — Um alvoroço na cidade. Parece que um de seus cidadãos foi atacado por um vampiro na noite passada.

— Sério? — Siri franziu a testa. O atacante deve ter sido um vampiro recentemente transformado, desafiando a regra de não caçar humanos estabelecida desde a fundação de Aeternae Noctis. — Sabemos quem é responsável?

— Ainda não. Fui à cidade para coletar uma amostra de saliva do ferimento no pescoço da vítima, mas não tinha o suficiente para trabalhar. Parece que nenhum sangue foi trocado.

— Sério? — Siri arqueou uma sobrancelha. — Você está me dizendo que foi um ataque direto, sem interesse em se alimentar?

— Parece que sim.

Talon interrompeu. — Isso significa que temos um problema maior em nossas mãos do que um vampiro desejando um lanche da meia-noite. As pessoas não vão tolerar ataques não provocados. Jaden está na cidade agora tentando acalmar as coisas, mas ele sinalizou para mim...

— Para mim —, disse Yuri categoricamente.

Talon não olhou para ela. — Para garantirmos que os militares estivessem prontos para restaurar a paz na cidade.

Siri suspirou. A Icrathari tinha problemas reais suficientes para lidar; outra rebelião humana seria um desperdício absurdo do tempo de todos. — Você já disse a Ashra?

— Tera está conversando com ela.

Siri revirou os olhos e levantou-se. — Essas duas estão procurando por uma briga há vários meses. Deixe-me ir embora agora. Ela endireitou os ombros; suas asas se espalharam por toda a extensão de três metros. Ela caminhou até a beira do poço central ao lado do elevador e olhou por cima do ombro. — A propósito, quem foi o humano que se machucou?

— O nome dele é Varens.

Siri congelou. — Rafael Varens?

— Você o conhece?

Suas mãos se fecharam em punhos para não tremer. Ela virou-se para Yuri. — O herbalista.

Yuri assentiu. — Sim, ele é o herbalista. — Seu tom ficou especulativo. — Eu não sabia que você conhecia humanos na cidade.

Com esforço, Siri manteve seu tom indiferente. — Ele é um dos poucos que conheço pelo nome. Ele está bem?

— Perdeu muito sangue, mas conseguiu obter ajuda antes de desmaiar. Spencer, o médico humano, acha que conseguirá, não que isso impeça as pessoas da cidade de ficarem furiosas conosco. Parece que as pessoas gostam muito de Rafael.

Os olhos de Siri se estreitaram em fendas violetas. — Descubra quem fez isso com ele. Envie alguém para falar com ele; ele pode ter visto seu atacante. Coloque um guarda com ele. Quem o atacou pode voltar para terminar o trabalho.

Yuri reconheceu a ordem com um aceno de cabeça. Ela enfiou a língua na lateral da bochecha e trocou um olhar rápido com Talon. — Isso é muito esforço para um herbalista.

Siri achou que não, não para o humano que possuía a capacidade de aliviar sua dor física. Ela sabia que era melhor não morder a isca; os vampiros de Aeternae Noctis eram fofoqueiros notórios. Siri saltou da plataforma e voou para a suíte de Ashra, onde duas vezes, levantadas em um debate acalorado, passaram pela porta fechada.

Siri entrou, sem ser convidada, na suíte. Ashra e Tera estavam se encarando. Ela tentou aliviar o clima. — Então, decidimos como acabar com esses camponeses ingratos? Incêndio ou inundação? Ou devemos apenas sugá-los até acabar com todo o seu sangue?

Tera lançou-lhe um olhar irritado. Suas asas queimaram quando se virou para encarar Siri. — Seu humor é equivocado. Esta é a segunda vez em tantos dias que nos encontramos à beira de uma rebelião.

— Você subestima a capacidade de Jaden de acalmar as coisas.

— Não, mas Jaden nem sempre pode estar por perto para fazer a paz. Tera jogou sua trança de prata por cima do ombro. — Todo aquele alarido por um humano, e ele nem sequer foi morto. Seis meses atrás, ninguém se importava com a vida perdida a cada lua cheia.

— Eles se importavam sim —, disse Ashra. — Mas naquela época, os humanos não eram fortes o suficiente para fazer suas vozes serem ouvidas. Eles ainda não são fortes o suficiente agora, mas sabem que há alguém, Jaden, que vai ouvir e falar em seu nome. — Ela andou pela sala, cada passo silencioso e gracioso. Seus longos cabelos prateados caíam em cachos exuberantes pelas costas. — Esse desajeitado equilíbrio entre benevolência e o terror não pode continuar. Precisamos de princípios para governar nossas ações, para não perder tempo debatendo cada situação que surgir. Os humanos precisam saber o que iremos ou não tolerar, para que possam se governar de acordo.

— Parece bom. — Siri esparramou-se em uma cadeira. Sua respiração ficou presa quando a dor rasgou sua barriga, mas o som perdeu-se no contato farfalhante de seu vestido de seda contra a almofada de veludo.

Ashra continuou. Seus olhos dourados eram de aço. — Algo tem que mudar. Ou governamos pelo terror como sempre fizemos, ou encontramos uma nova maneira de governar.

— Democracia? — A voz de Tera rugiu com desdém.

Siri riu. Com esforço, ela manteve a voz firme e falou através da dor ondulante. — Nós nos conhecemos há milhares de anos e mal conseguimos ouvir um ao outro. O que faz você pensar que teremos mais sucesso em ouvir seres humanos, que mal conseguem se concentrar além de cada dia mesquinho, sem falar na patética expectativa de vida de oitenta anos? Além disso, eles nos colocaram nessa situação. — Ela acenou com a mão para abranger a cúpula de vidro.

— E eles deram os primeiros passos para nos tirar —, apontou Ashra.

— Tecnicamente, Jaden é um vampiro mais velho agora, não um humano. Além disso, ele tem uma alma Icrathari. Ele nem era

totalmente humano, mesmo quando era.

— O que Jaden é ou foi não é relevante. Precisamos de um novo sistema de governo. Um representante humano no conselho, talvez?

Siri deu de ombros. — Jaden está no conselho.

— Jaden não é humano, como você apontou. — Ashra sorriu para Siri.

Tera interveio. — E o prefeito da cidade? Qual o nome dele?

Siri esperou cinco batimentos cardíacos antes de falar. — O fato de nenhum de vocês poder nomeá-lo deve ser evidência suficiente de que ele não é a pessoa certa para o conselho. O nome do prefeito é James Elkard. Ele é chato e pedante.

— Como ele tornou-se prefeito? — Tera perguntou.

— Porque as pessoas que o elegeram são ainda mais chatas e pedantes. Elkard vem de uma linha distinta. Infelizmente, qualquer coisa espetacular nessa linha se esgotou a várias gerações atrás. As pessoas míopes da cidade ainda não perceberam, é claro.

Ashra inclinou a cabeça. — Você não tem muito respeito pelos humanos, não é?

Siri deu de ombros. — Como posso? Estou mais perto deles do que qualquer um de vocês. Eu vejo todo o caos do qual você se distancia.

— Você não sai da torre há anos.

Não é verdade. Eu estava na cidade ontem à noite. No entanto, Siri respondeu à acusação de Tera. — Eu corro a cidade da câmara. Eu conheço as pessoas, por número, se não por nome. Eu rastreio suas linhagens, seus genes. Posso dizer quais linhagens são prejudicadas por doenças hereditárias, mesmo que não tenham se manifestado, e quais...

— Então, quem deve ser o representante humano no conselho? — Ashra perguntou.

— Alguém respeitado pelo povo, é claro, o que restringe aos artesãos, vários comerciantes, os honestos, e possivelmente as profissões médicas, os médicos, parteiras e herbalistas. Queremos que alguém toque no coração das pessoas, alguém que saiba o que está acontecendo. Mais importante, gostaríamos de alguém inerentemente solidário conosco.

Tera bufou. — Risque a lista inteira, então. Todo mundo perdeu membros da família para o abate.

Siri pensou em Rafael, em seu profissionalismo infalível diante de sua tristeza silenciosa. — Alguns lidam com isso melhor do que outros. — Por um momento, ela pensou em apresentar o nome dele, mas sabia de candidatos muito melhores. — Minha escolha é Michael Harlock.

— Quem é ele?

— Acredito que ele seja o dono da taberna mais popular da cidade, a Blue Goose. Ele também é o melhor amigo de Jaden, desde seus dias humanos.

— Não parecerá tendencioso se selecionarmos alguém próximo a Jaden? — Ashra perguntou.

Siri arqueou uma sobrancelha. — Você está preocupada com as aparências?

— Independentemente do que você pensa, o papel do representante humano não será uma farsa —, disse Ashra. — Terá uma voz, como os vampiros no conselho.

Tera riu. — Apenas escolha alguém com coragem. É preciso uma espinha de aço para um humano ficar sem medo em uma câmara cheia de Icratharis, vampiros mais velhos e vampiros jovens.

Siri apertou os lábios, enquanto afundava mais na cadeira. *Espinha de aço*. Rafael não tinha medo dela.

Ashra caminhou até a varanda de sua suíte e olhou para a cidade. Em seu vestido branco e transparente, acariciado pela luz do sol que entrava pela cúpula, ela parecia um anjo, apesar de suas asas negras em forma de morcego. — E o humano que foi atacado?

— Rafael Varens?

Ashra se virou para encarar Siri. — Seria um gesto de boa vontade, não seria?

— Bem, claro, mas...

— O que ele faz?

— Ele é um herbalista —, disse Siri. *E um excepcional nisso*.

Ashra assentiu, pensativa. — Mais do que provável, ele não será solidário conosco, não depois do ataque injustificado.

E o fato de que seu único filho fora levado.

— Mas isso daria credibilidade a seu próprio povo —, continuou Ashra. Ela olhou para Siri e Tera. — O que vocês acham?

— Ele dará —, disse Tera. — Yuri disse que estava consciente quando ela o verificou. Ele não parecia ter medo dela, embora todos os outros membros da casa estivessem à beira do pânico.

O olhar de Ashra mudou para Siri.

— Ele vai ficar bem —, Siri concordou, embora tivesse que encontrar uma maneira de garantir que sua necessidade pelo bálsamo de cura continuasse em segredo.

Ashra assentiu. — Muito bem então. Siri, convide-o para a próxima reunião do conselho na noite de lua cheia. Você fez algum progresso na identificação do atacante?

— Não, ainda não, mas eu disse a Yuri para designar um guarda para protegê-lo, caso o atacante retorne. Quando eu falar com ele, vou ver o que mais posso descobrir.

Siri deixou a torre em plena luz do dia. Considerando o alvoroço preexistente na cidade, ela não viu nenhuma razão para contornar o terror que sua presença inspirava. Ela não esperava encontrar Lucas sentado na cozinha de Rafael, folheando ociosamente um livro grosso. — O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou.

— Você pediu a Yuri para designar um guarda, mas até que o atacante seja identificado, a lista de vampiros em que ela confia é muito curta. Eu consegui o primeiro turno. Talon estará aqui em algumas horas para me cobrir.

Ah. Ela olhou para o quarto. — Como ele está?

— Inconsciente. Ele está fora há um tempo.

Ela entrou no quarto. O rosto bronzeado de Rafael estava pálido devido à perda de sangue. Colchas pesadas cobriam seu corpo. Mesmo assim, ele estremeceu, seu corpo não era mais capaz de regular o calor. Uma tigela intocada de caldo de carne e um frasco coberto estavam sobre a mesa de cabeceira. Siri sorriu. Rafael não tinha família, mas não ficou sem amigos.

Mas quem te atacou?

Ela sentou na cama e inclinou a cabeça para o lado. Cuidadosamente, ela removeu os curativos manchados de sangue e olhou para a ferida irregular de 15 cm cortando na diagonal em seu pescoço, que escorria sangue através dos pontos precisos do médico, mas não parecia infectado. Rafael sobreviveria, mas ele carregaria a cicatriz para sempre.

Sem dúvida, um vampiro foi responsável pelo ataque. Uma explicação mais mundana não daria certo, não quando o maior carnívoro da cidade era um cão vira-lata amigável de quarenta quilos pertencente ao ferreiro. *Mas por que você foi atacado, por despeito? O que você fez para trazer isso para si mesmo? E o quanto você se lembra?*

Siri colocou a mão na barriga lisa. Os poderes psíquicos dela esgotaram-se, mas colidiram com a vontade dele. Ela recuou e olhou para ele surpresa. Ele negou o acesso dela à sua mente e suas memórias. Como isso era possível? Rafael Varens era um mero humano. Como sua força de vontade poderia ser igual à dos vampiros anciões?

Havia outra maneira, é claro, embora seu lábio superior torceu em desgosto com o pensamento. O beijo de uma Icrathari gerou os mitos da submissão. O beijo Icrathari surpreendia a mente e enfraquecia a alma; tornava os homens flexíveis. Gerava luxúria irracional em suas vítimas, onde a atração natural e o amor genuíno não poderiam existir.

Ela podia beijar Rafael e tirar suas memórias de sua mente, embora o pensamento a fizesse sentir um aperto no estômago. O quanto ela precisava da verdade de suas memórias?

Certamente não o suficiente para beijar um humano.

Antes que pudesse afastar-se dele, uma imagem de Tera, com um sorriso malicioso, passou por sua mente. Ela quase podia ver os lábios de Tera moldando a palavra “covarde”.

Siri enrijeceu. Certamente, ela não temia um único beijo.

Além disso, Rafael preparou a pomada para ela. Pelo menos por isso, ela estava agradecida.

Ela inclinou-se e deu um beijo nos lábios dele.

Nada aconteceu.

Claro que nada aconteceu, ela repreendeu-se. Até ela percebeu que o beijo que proferiu foi patético. *Tudo bem, mais uma tentativa. Com sentimento.*

Seu segundo beijo uniu dois corpos com uma única respiração. Ele relaxou contra ela; as linhas sutis de dor em seu rosto diminuíram. Quando os poderes psíquicos dela voltaram a funcionar, a vontade dele cedeu à dela, mas havia uma doçura terna em sua rendição, de dois amantes de longa data que encontraram o meio termo.

A respiração dela ficou presa. A simplicidade e a retidão do momento, de Rafael, a sacudiram. Algo titânico, algo que não podia descrever completamente, mudou no âmago de seu ser. Ela nunca havia experimentado nada parecido nos três mil anos de sua existência. *Rendição sem fraqueza. Amor sem condições.*

Mantinha toda a promessa do amanhecer esquecido.

Suas memórias recentes, no entanto, ofereceram pouca informação. Nadar tarde da noite, provocada por um desejo desesperado de superar sua mágoa emocional. Um ataque por trás, o agressor invisível. Palavras enigmáticas, na voz ressonante de um vampiro, exigindo saber o que ele havia dado a ela.

Ele foi atacado por minha causa?

E então a dor, dor aguda e dolorosa, seguida por uma luta desesperada por segurança, por sobrevivência.

Lucas...

Siri enrijeceu. Lucas era a única alma viva que sabia que ela havia se aproximado de Rafael para a pomada. O mesmo Lucas que agora estava sentado na cozinha de Rafael, ostensivamente protegendo-o.

Ela suprimiu o instinto de desafiar Lucas diretamente. Ela poderia arrastar a verdade de um vampiro mentiroso, mas devia algo à amizade de seiscentos anos de idade. Lucas estava... firme. Não havia outra palavra para descrever o vampiro que serviu a Icrathari com tanta lealdade por tanto tempo. Ele não teria agido por impulso ou mesmo ciúme profissional. Tinha que haver uma razão subjacente e convincente. Ela teria que descobrir outra maneira, pois as memórias de Rafael não tinham respostas. Enquanto isso, ela tinha certeza de

que Rafael estaria seguro, especialmente sob os cuidados de Lucas. Lucas teve muito cuidado para não chamar a atenção para si mesmo.

Havia, contudo, um quebra-cabeça a ser resolvido, o próprio Rafael, sua força de vontade, sua ausência de medo. Tão inesperado em um humano.

Siri aprofundou o beijo, aproveitando suas memórias mais antigas, mas não havia mistério para ele, nem alma antiga contida em um corpo humano. Rafael era quem ele era por tudo o que havia sofrido. Ele havia perdido tudo. Ele não tinha mais nada a perder, nada a temer e nada a mais para viver.

No entanto, ele passou pelos movimentos da vida com a esperança de que algum dia esses movimentos significariam algo novamente.

Siri achava que os humanos não tinham perspectiva, mas aqui estava um homem que alterou suas crenças. Ela afastou-se e olhou para ele. Rafael era de aparência comum, mas era fascinante. A Icrathari não poderia ter escolhido um representante melhor para o conselho, embora considerando seus encontros anteriores com os Night Terrors, Siri não achou que ele aceitaria a posição. *Que pena.*

Seu peito moveu-se quando ele inalou profundamente.

Siri franziu a testa e se inclinou sobre ele. — Rafael?

Ele ainda estava inconsciente, mas parte de sua consciência veio à tona. Seus olhos não se abriram, mas um leve sorriso apareceu em seu rosto. Seus dedos, cerrados na colcha, afrouxaram. Eles se contorceram em sua direção quando seus lábios formaram uma palavra silenciosa. — Siri.



CAPÍTULO 5

Um estalo na lareira invadiu a mente de Rafael. A luz tremulou no limite de sua consciência. Ele inalou, inspirando profundamente a fragrância de lavanda em seus pulmões, e forçou os olhos a se abrirem, apenas para apertar os olhos contra o brilho das chamas na lareira.

Ele estava vivo, apesar do frio que arranhava o núcleo de seu ser. Ele também estava exausto com uma letargia profunda que nenhuma quantidade de descanso ou comida poderia reparar.

Seu único remédio era o tempo.

Ele tocou a ferida no pescoço e traçou o bordado fino do Dr. Spencer. A lesão ainda estava macia. Sangue seco com crosta nas bordas. A cicatriz resultante certamente seria um ponto de partida para conversas.

Com esforço, apoiou-se em um cotovelo e pegou o frasco na mesa de cabeceira. Estava longe demais. Com os dentes cerrados, arrastou-se pela cama. Foi preciso um tremendo esforço para mover polegadas. Ele estendeu a mão novamente, seus dedos roçando o frasco.

Sombras percorreram seu quarto. — Aqui. — Uma voz profunda e ressonante falou. Dedos finos e pálidos desparafusaram o frasco e o levaram aos lábios. Um braço forte apoiou suas costas, enquanto ele bebia o tônico de ervas.

Rafael afastou os lábios do frasco. Sua voz era rouca e instável, mas ele sussurrou: — Obrigado —, enquanto olhava para o rosto do vampiro.

A barba riscada de cinza e bem aparada da criatura emprestou a ele um olhar de gravidade. O brilho em seus olhos, no entanto, sugeria hostilidade. — Eu sou Lucas —, o vampiro se apresentou.

— Rafael Varens. — Ele afastou-se. — O que você está fazendo aqui?

— Protegendo você, caso seu atacante desconhecido volte.

— Era... era um vampiro.

— Reunimos tudo. Ele ou ela disse alguma coisa para você?

— Não. — A mentira veio facilmente para proteger Siri. O impulso inexplicável de proteger uma Icrathari que claramente não

precisava de sua proteção o assustou momentos depois, mas a mentira já havia sido proferida.

— Que relações você tem com vampiros e Icratharis?

— Nenhuma.

— Aparentemente, alguém discorda de você —, Lucas disse, sentando-se ao lado da cama de Rafael. Seus olhos eram de um azul brilhante e as unhas tinham o mesmo brilho perolado dos dentes. — Desde que Yuri confia em poucos... nenhum, na verdade, dos vampiros entusiasmados e bem-humorados recém-transformados, você está preso aos velhos vampiros irascíveis como guarda-costas.

A voz de Rafael tremeu com o esforço de uma conversa prolongada. — Mas por que proteger uma vida humana depois de tirar sessenta e duas a dias atrás?

Os olhos de Lucas se arregalaram e ele riu. — Porque a vida não é criada igual, afinal.

— Não é?

— Teria sido um mau negócio se a cidade decidisse desistir de seu fitoterapeuta por uma daquelas crianças de cinco anos de idade.

Rafael balançou a cabeça. Havia pouco sentido em se envolver em uma discussão filosófica com um imortal. Ele queria, precisava, ficar sozinho. — Quanto tempo você ficará aqui?

— Até que Talon venha substituir-me.

Rafael caiu sobre os travesseiros macios ao redor de sua cabeça. Ele deve ter sonhado com Siri e com o beijo que o envolveu com ternura e a certeza de amor, que não sentia desde que Ariel faleceu. Ele tentou livrar-se das impressões remanescentes do toque dela; elas tinham que ser ilusões de uma mente febril.

Lucas continuou. — Passei o tempo olhando o livro de receitas à base de plantas na sua cozinha.

Os olhos de Rafael se estreitaram quando ele avaliou o vampiro. Por que Lucas estava conversando como se fossem dois humanos aproximando-se da cerveja na taverna da cidade? A curiosidade de Rafael anulou sua repulsa natural pelos vampiros. Ele iria continuar, pelo menos até as intenções de Lucas ficarem claras. — É uma herança de família, transmitida por várias gerações. — Ele tomou outro gole do tônico. Aqueceu sua garganta e peito, mantendo o frio à distância.

— Eu não vi nada lá em poções do amor.

Rafael procurou a piada no rosto de Lucas, mas não encontrou nenhuma. — Se houver, ainda não a encontrei.

— Sério? — O vampiro arreganhou os dentes em um sorriso frio. Seus incisivos alongaram-se, afiados.

Rafael olhou para as presas de Lucas. *O que...*

Lucas virou-se abruptamente. O coração de Rafael bateu forte,

a batida rápida e irregular; ele tinha certeza de que Lucas podia ouvir. O que ele disse para provocar o vampiro?

Quando Lucas finalmente olhou para ele, as presas do vampiro haviam diminuído e seu rosto estava mais uma vez definido em linhas neutras, se não agradáveis. Ele apontou para o livro, que estava aberto sobre a mesa da cozinha. — Muitas das entradas parecem novas.

— Eu... — Rafael hesitou. Ele procurou o rosto do vampiro. Qualquer que seja o jogo de Lucas, Rafael também poderia jogar, pelo menos até descobrir o que estava em jogo. Ele inalou profundamente antes de responder no tom profissional que Lucas adotara. — Tentei adaptar muitas das receitas antigas que não funcionam mais.

— Por que não?

— Eu não tenho os ingredientes para elas.

— Sério? — Lucas franziu a testa. — Por que não?

Os ombros de Rafael se moveram em um leve encolher de ombros. O movimento puxou a ferida em sua garganta. — Nem tudo pode ser encontrado dentro da cúpula.

— Então, quantas receitas não são utilizáveis como originalmente escritas?

— Cerca de oitenta por cento. Talvez mais.

O queixo de Lucas caiu. — Tudo isso?

Rafael assentiu.

— Sempre foi assim?

— Se as velhas histórias de família são verdadeiras, sim. Tivemos o cuidado de manter vivo o que temos; essas plantas desaparecidas nunca existiram dentro da cúpula.

— Quanto mais eficaz uma pomada de cura você poderia fazer se tivesse os ingredientes necessários?

— Essa é uma pergunta irrelevante, não é? — Rafael perguntou. Seu olhar viajou para a janela e traçou a curva da cúpula. — Não há mais nada lá fora. Tudo o que existe é o que temos aqui.

Lucas encontrou os olhos de Rafael e, pela primeira vez, a hostilidade bancária desapareceu daquelas brilhantes profundezas azuis. — É isso? — O vampiro perguntou-se em voz alta.



Rafael sabia o suficiente sobre fisiologia humana para ter expectativas realistas sobre sua recuperação da perda de sangue. Dentro de uma semana, ele se sentiria forte o suficiente para sair da cama e ficar sem ajuda, sem que seu mundo estivesse se desvanecendo e escurecendo ao seu redor. Atividade física extenuante estava fora de questão, mas ele ainda podia misturar pomadas e poções para as pessoas que chegavam à sua porta. Ele ficava facilmente exausto e recolhia-se mais cedo a cada noite, descansando na cama, mesmo que

não conseguisse adormecer.

Seus guarda-costas vampiros desapareceram, embora não pudesse dizer se eles o deixaram completamente ou se estavam apenas ocultos. De qualquer maneira, pouco importava. Ele tinha sua própria recuperação para se concentrar. O silêncio, tanto um velho amigo quanto um inimigo odiado, o envolveu até que, às vezes, parecia que era a única coisa que podia ouvir, tocar ou ver.

Uma nova lua surgiu no céu, uma lasca de luz doentia contra a propagação escura da noite. Ele estava deitado na cama, envolto em camadas de mantas pesadas, apesar do fogo que ardia na lareira. Confortável e quente, ele cochilou, mas sua mente ficou totalmente desperta ao som de asas. Momentos depois, um rosto familiar emoldurado por cabelos prateados curtos olhou pela janela do quarto. Um sorriso hesitante curvou os lábios de Siri. — Rafael.

O batimento cardíaco dele acelerou com o som da voz dela. — Siri.

— Como você está?

— A porta está destrancada se você quiser dar uma olhada. — Ele percebeu tardiamente quão sexualmente suas palavras soavam, mas supôs que uma Icrathari dificilmente aceitaria isso além do valor nominal.

O sorriso de Siri aumentou. Ela afastou-se da janela e desapareceu.

Com esforço, ele levantou-se e conseguiu chegar à porta do quarto quando a porta da frente da casa abriu-se e Siri entrou.

Ela olhou para ele, com os olhos violeta atentos. — Você não está descansando o suficiente —, disse após um momento de análise.

— Estou bem. Se eu descansasse mais, meus músculos se atrofiariam. Ele caminhou até o gabinete, tomando cuidado para não se mover muito rápido. — Eu tenho outro pote de pomada para você. — Ele pegou o pote da prateleira e entregou a ela. Seus dedos roçaram quando o recipiente trocou as mãos. Seus ombros ficaram tensos contra o puxão desconhecido do desejo. O que diabos havia de errado com ele? — Isso fez algum bem?

— O que? — Ela perguntou.

— A pessoa que usou. Isso ajudou?

— Um pouco. — Siri desviou o olhar brevemente antes de encontrar seus olhos mais uma vez. — Foi para mim.

— Para você? — Ele encostou-se na parede de madeira áspera. — Mas os Icratharis são imortais; seus ferimentos saram imediatamente.

— Em teoria, sim —, admitiu Siri. — E então sempre tem que haver alguém para provar que a teoria está errada. Nesse caso, sou eu.

— O que aconteceu?

— Quando os Daevas invadiram Aeternae Noctis seis meses atrás, Elsker e Megun me atacaram.

— Elsker e Megun?

— Elsker, o Icrathari. Megun era a líder dos Daevas.

— Havia outro Icrathari?

Ela assentiu. — Elsker aliou-se aos Daevas e os ajudou a entrar em Aeternae Noctis. Ele e Megun tentaram me matar.

— Eu não sabia que um Icrathari poderia morrer.

— Você só precisa saber como nos matar. Cortar a garganta, furar o estômago. Ela puxou o lenço em volta do pescoço.

Rafael ofegou. A lesão vazou pus e sangue dourado; a linha irregular era crua. — Meu Deus. — Ele deu um passo à frente, a mão estendida, mas parou antes de tocá-la. — Como você ainda está viva?

— É preciso muito para matar um Icrathari.

— E sua lesão no estômago?

— Pior, se você pode acreditar.

— Mas por que esses ferimentos não estão cicatrizando por conta própria?

Siri deu de ombros. — Eu não sei. Eles deveriam. Talvez a lâmina de Elsker tenha sido envenenada, embora eu não possa imaginar como ele poderia ter encontrado algo potente o suficiente para superar as capacidades naturais de cura de um Icrathari. — Ela fechou os olhos brevemente. — Sua pomada atenua a dor brevemente, embora não feche as feridas. Nada as fecha.

Os olhos de Rafael se estreitaram. A experiência ensinou-lhe que todos os venenos tinham antídotos. — Você vai me deixar tirar uma amostra?

— De que?

— Uma amostra da sua ferida. Posso testá-lo contra várias ervas, pomadas e poções... ver se algo tem algum efeito sobre ela.

Os olhos dela arregalaram-se. — Você faria isso por mim?

— Eu sou um herbalista. É o que eu faço. — Ele olhou em volta de sua cozinha e sua coleção de extratos de plantas, uma fração do que ele realmente precisava para fazer bem seu trabalho, mas teria que ser suficiente. Certamente, em algum lugar de sua coleção de ervas, raízes e flores, ele poderia encontrar algo para ajudá-la.

Lá estava novamente, aquela compulsão irracional de fazer algo, qualquer coisa, por ela. Rafael balançou a cabeça bruscamente, como se o movimento limpasse as teias de aranha em sua mente. O que havia de errado com ele?

Talvez, nada, percebeu quando seus olhos se encontraram. A vulnerabilidade na expressão dela puxou seu coração. Ele era um herbalista, afinal, ajudar os outros era o que fazia, e Siri precisava de sua ajuda. Os ombros de Rafael caíram em um suspiro silencioso. Ele

estava pensando demais na situação e sempre achou a paranóia pouco atraente, mesmo quando justificada.

Seu toque foi gentil quando ele esfregou o ferimento no pescoço dela com uma fina folha de papel de arroz para coletar amostras de pus e sangue, e depois colocou o papel em uma jarra limpa. Ele balançou a cabeça enquanto olhava mais de perto a ferida. Era ainda mais profundo do que imaginara. — Não consigo imaginar como você lida com a dor.

— Eu não sabia que tinha uma escolha.

— Sua voz natural não é um sussurro rouco. O ataque também danificou suas cordas vocais, não foi?

Ela assentiu novamente. — Você acha que pode realmente me ajudar?

Ele quase estremeceu com o suave toque de esperança na voz dela. — Farei o melhor que puder com as ervas que temos na cidade.

— Não é muito, é? — A respiração dela estremeceu. — Lucas me contou sobre as ervas limitadas que você tem aqui. Eu não estou surpresa. Tentamos salvar o maior número possível de espécies vegetais e animais, mas acho que não conseguimos salvar mais de quinze por cento delas. Temos sementes e embriões armazenados na arca também.

— Você tem sementes de plantas? Além daquelas que crescem na cidade?

Siri assentiu novamente.

O sorriso dele brilhou. — Isso é fantástico. Você sabe se você tem...?

Ela riu. — Faz mil anos desde que revi a lista. Eu provavelmente poderia recitá-la e acertar noventa e cinco por cento, mas você provavelmente ficaria mais à vontade revisando a lista pessoalmente se chegasse à torre.

O peito dele se apertou. — A torre?

Siri apertou os lábios. Ela parecia magoada. Só então ele percebeu que recuara vários passos até atingir a parede. Ela engoliu em seco; o horrível ferimento no pescoço mudou com o movimento, fazendo-a estremeecer. — Nós não somos monstros, Rafael.

— Eu sei. — A resposta foi automática, mas ele não acreditou.

— Você estava disposto a me ajudar.

Ele respirou fundo. — Sim, mas... — *Mas eu nunca pensei que seria necessário voltar para a torre, para a arca, onde Stefan está.*

— Gostaríamos que você representasse os humanos em nosso conselho.

— Conselho?

— Ashra governa Aeternae Noctis. O conselho a aconselha e executa seus comandos. — O lábio superior de Siri deu um meio

sorriso. — As coisas eram mais fáceis quando governamos a cidade por medo e terror, mas agora, tentamos pelo espírito de cooperação.

— Não posso representar a cidade.

— Você é a melhor pessoa para isso. As pessoas respeitam-no e você sabe o que está acontecendo na cidade...

— Conheço os problemas de saúde deles. Eu sei se alguém tem gota, um dente dolorido ou uma dor de cabeça persistente. Nada disso me dá uma ideia dos pensamentos ou sentimentos deles. Eu não posso fazer isso. — Ele virou-se.

— Você não tem medo dos Icratharis ou dos vampiros, então por que você está se retraindo?

— Eu... — Seu olhar foi para o quarto abandonado de Stefan. A casa estava silenciosa sem o filho; os quartos estavam dolorosamente vazios. — Não posso voltar para a torre.

O olhar de Siri seguiu o dele. — Ah...

A gentileza na voz dela o irritava. Onde estava essa simpatia quando ele levou seu único filho à torre? Quando contou a Stefan sua última história para dormir? Onde estava essa empatia quando se afastou do tubo de vidro, sua visão embaçada pelas lágrimas e viu o corpo do filho endurecer com o processo de congelamento criogênico, seu último suspiro congelado nos lábios que haviam dado um beijo de boa noite em Rafael? Onde estava essa compaixão quando a vida era rotineiramente extinta na criança que ele amava?

Para Rafael, Stefan era uma criança cheia de risos e amor, generosa com abraços e beijos, queixando-se de sua fraqueza, sempre esperançosa para com o futuro.

Mas para os Night Terrors, Stefan não passava de uma linha na lista de nomes, um ponto de dados que não atendia aos padrões mínimos de qualidade e, portanto, foi eliminado.

A respiração de Rafael estremeceu. — Eu não posso ajudá-la.

— Mas você disse...

— Eu sei por que os Night Terrors levam as crianças, mas isso destrói nossas famílias; isso nos destrói. Você quer que eu fique no conselho e perdoe suas ações? Não posso fazer isso. Não posso te ajudar.

Dor rasgou em seus olhos.

A dor correspondente em seu coração o assustou. — Não se trata da pomada de cura. Farei tudo o que puder por você, mas não posso e não vou apoiar os Night Terrors.

Uma leve carranca franziu a testa. — Essa é uma distinção sutil.

— Uma importante.

— Eu posso ver isso. — Ela suspirou. — Existe algo que eu possa dizer ou fazer para convencê-lo a fazer parte do conselho?

Meu filho. Eu quero meu filho de volta.

Ele engoliu sua necessidade desesperada. — Expanda o assentamento. Encontre uma maneira de libertar as crianças, todas elas.

O olhar de Siri apontou para ele. Seus lábios se moveram silenciosamente antes que ela encontrasse sua voz. — Cure-me.

— O que?

— Encontre uma maneira de me curar completamente, e devolverei para você, seu filho, e para as pessoas, seus filhos também.

Seus olhos encontraram-se, a sala, exceto pelo crepitar das chamas, estava silenciosa. Dúvida desgastou seus nervos. Ele poderia, com seus recursos limitados, curá-la? Qual seria a penalidade por tentar e falhar?

Seu coração e mente voaram para o filho, envolto em um caixão de vidro. *Ele está dormindo, não morto, mas apenas se eu puder mudar seu destino.* Um músculo se contraiu na bochecha macia de Rafael. — Aceito. Sua vida por todos eles.

Siri permaneceu imóvel como uma estátua, mas ele tinha certeza de que ela havia se encolhido com a agressividade de seu tom. Finalmente, ela assentiu. A leve inclinação de sua cabeça selou a barganha.

Em silêncio, Rafael a observou sair, uma figura angelical emoldurada pelas asas do demônio. Ele fez um pacto com um anjo ou um demônio; não tinha certeza de qual. Quem conseguiu o melhor resultado do acordo?



O trabalho de Rafael na pomada de cura de Siri o manteve ocupado durante os longos e solitários dias e noites. Ele trabalhou na cozinha, olhando ocasionalmente para o quarto vazio de Stefan. Muitas vezes, parava quando a lembrança fantasmagórica da risada de seu filho ecoava pela cabana. Era fácil, durante o dia, se perder na ilusão de que Stefan estava no jardim ou na floresta, brincando, que ele estaria em casa em horas, cansado e sujo, com um sorriso largo no rosto.

Assim, Rafael elogiou a concentração mental e as horas de trabalho exigidas pelo novo medicamento para Siri. Semanas se passaram antes que ele tivesse certeza da pomada que preparara. Ele olhou pela janela aberta enquanto selava o frasco. A lua brilhava, cheia e bela, sobre Aeternae Noctis.

Um mês inteiro passou-se, mas a perda de Stefan doeu tanto quanto na primeira noite.

Rafael reprimiu um suspiro, enquanto colocava dois potes de pomada em uma pequena cesta e incluía uma nota com instruções

escritas. Embora Siri não tivesse dito muito, ele sentiu que o ferimento dela não era do conhecimento geral dos Night Terrors. O segredo dela estava seguro com ele, refletiu enquanto cobria os frascos com flores recém-cortadas.

Ele não sabia como lhe dar o remédio, antes de subir à torre ou esperar na praça da cidade pelo anúncio dos nomes das crianças que deveriam ser abatidas.

Siri, no entanto, não apareceu na praça da cidade. Em vez disso, Jaden Hunter, o vampiro mais velho que era humano apenas sete meses antes, apareceu com a lista. Naquela noite, cinquenta e oito crianças foram nomeadas.

Rafael permaneceu na extremidade externa da multidão, assistindo em silêncio enquanto cinquenta e oito famílias se despedaçavam. Ele conhecia todas aquelas crianças também. Ele prescreveu óleos essenciais para erupções cutâneas e cólicas, misturou bebidas à base de plantas para aliviar a febre e observou as crianças e seus pais responderem com gratidão.

Todo esse carinho, esse amor, por nada.

Ele rangeu os dentes. Cada noite de lua cheia seria uma reabertura da ferida, uma nova onda de mágoa, um lembrete de como ele havia perdido Stefan. Silenciosamente, ele amaldiçoou os Night Terrors e olhou para Jaden, que estava no topo da escada, em frente à catedral. Muitos rostos manchados de lágrimas encaravam ansiosamente o vampiro mais velho. Jaden tinha sido humano uma vez. Certamente, ele seria ainda mais gentil do que a Icrathari fora no mês anterior.

Sombras mudaram sob o brilho da lua quando os vampiros avançaram para cercar a multidão. Um lampejo de emoção, rápido demais para discernir, passou pelo rosto de Jaden. Sua voz não revelou nenhuma de suas emoções. — Entregue seus filhos para nós agora.

— O que? — Hans, o comerciante da vila, exclamou. Ele passou os braços protetoramente em torno de sua filha. — Não, não faça isso. Você deve nos deixar dizer adeus.

— Diga adeus aqui.

— Vamos nos despedir na arca. — A voz de Hans aumentou vários pontos. Outros homens se organizaram ao redor dele. Suas mãos apertaram-se ao redor dos punhos das espadas e dos cabos dos machados que carregavam.

Os olhos de Jaden se estreitaram em fendas de esmeralda. — Cuidado, Hans. Eu posso distinguir entre tristeza e raiva em seu batimento cardíaco acelerado e, agora, sua raiva excede em muito sua dor. Sinto o cheiro dos feromônios de alarme em sua pele. Eu não sou um tolo. Simpatizo com a perda de seus filhos, mas não tolerarei

rebelião. Você também não deveria, não quando isso vai custar muito mais do que nos custará.

Um murmúrio de vozes ultrajadas abafou os soluços silenciosos das crianças. — Quem diabos você pensa que é? Você é um maldito traidor...

Jaden virou-se em um movimento preciso e fluido. Uma flecha passou por ele, a alguns centímetros de sua pele, e afundou na porta da catedral de três metros de altura. A linha de sua mandíbula endureceu. Ele fez um gesto para a frente com a mão. Sob seu comando, os vampiros se lançaram, varrendo a multidão, arrancando crianças dos braços de seus pais.

Espadas e machados nas mãos de moradores mal treinados poderiam fazer pouco contra a velocidade e agilidade sobrenatural dos vampiros, mas as pessoas lutaram de qualquer maneira, geralmente com nada além de punhos. Maldições exasperadas tornaram-se gritos de desespero.

Uma Icrathari em voo cortou o brilho da lua. Como uma bandeira de guerra, sua sombra desenrolou-se pelas ruas de paralelepípedos.

As pessoas ergueram os olhos arregalados para o rosto pálido. Um rato chiou, o som audível na praça silenciosa da cidade. No alto, o poderoso bater de asas ficou mais alto quando a Icrathari espiralou em direção a Jaden.

Com um vasto gemido, a multidão quebrou e fugiu.

Com os dentes cerrados, Rafael lutou para se manter firme contra a onda de pessoas que se afastava da aproximação iminente dos IcrathariS. Ele apertou mais o cesto de flores e refugiou-se em uma porta até a praça esvaziar-se de pessoas.

Simplesmente, a rebelião acabou.

Jaden acenou com a cabeça para os vampiros que carregavam as crianças trêmulas. — Leve-as para a torre. — Seu suspiro soou exasperado, mas sua voz traiu a tristeza sob a fachada de controle absoluto.

Uma vampira com uma longa trança vermelha perseguiu Jaden, arrastando um homem de rosto pálido pelos tornozelos. — Este é o homem que atirou em você. — Com um bufo de nojo, ela deixou cair os pés no chão. — Devo matá-lo?

— Não. Há mais medo do que ódio nele. Deixe-o ir.

A vampira revirou os olhos, mas obedeceu com um chute leve no fundo do homem para mandá-lo sair da praça da cidade.

A corrente de vento através da praça desmoronou em uma calma mortal quando a Icrathari pousou. Tera avançou, as asas dobradas contra as costas. Sua longa trança prateada pendia sobre um ombro, acentuando um corpo esbelto envolto em um bustiê de couro

preto e calça.

— Tera —, Jaden reconheceu com uma leve inclinação de cabeça.

— Peço desculpas por estragar a diversão, mas Ashra decidiu que não era o momento certo para uma lição sobre como os vampiros são mais fortes que os humanos.

Jaden balançou a cabeça. — Foi uma lição pontual sobre quanto terror está associado a um mero vislumbre de um Icrathari. Em suma, poderia ter sido uma lição mais eficaz.

Um sorriso apareceu nos lábios de Tera. — Feliz por ajudar. O conselho está esperando por você. — Suas asas negras farfalharam quando ela subiu ao ar.

Os vampiros também partiram. Jaden estava sozinho na praça. Só então Rafael afastou-se da sombra da porta. — Jaden.

— Rafael. — Jaden virou-se para encará-lo. — Como está sua lesão?

— Bem melhor. — Rafael estendeu a cesta de flores. — Você pode levar isso para a Siri, por favor?

— Siri? — Jaden aceitou a cesta com um brilho especulativo em seus olhos verdes. — Você poderia entregar isso diretamente a ela se viesse comigo para a torre.

Rafael balançou a cabeça, deu um passo para trás e virou-se. Era melhor, mais seguro, manter Siri à distância. Afinal, ela era uma Icrathari. Um de sua espécie quebrou as costas de uma rebelião humana iminente sem mais esforço do que lançar sua sombra no chão. Como indivíduo, no entanto, algo sobre a força silenciosa de Siri diante de uma dor avassaladora, reforçou sua coragem e capacidade de superar cada dia sombrio e noite solitária.

Se ela poderia sobreviver a extrema angústia, ele também poderia.

Ela era uma Night Terror, mas ele não conseguia livrar-se da sensação de que estavam de alguma forma conectados. Esse sentimento estava ancorado na lógica ou impulsionado pela emoção? Ele não sabia, e cada vez mais, perguntava-se se isso importava mesmo diante da atração não natural que sentia por ela.

As emoções enredaram seus pensamentos em nós. Algo estava errado com ele, e não tinha ideia de como consertar.



CAPÍTULO 6

Em um canto da grande câmara, Tera falava baixinho com Ashra, aparentemente atualizando-a sobre a rebelião humana naquela noite. Nenhuma das duas parecia particularmente preocupada com a virada dos acontecimentos, e Siri não viu nenhuma razão para enlamear as águas, apontando a crescente frequência de rebeliões humanas. Em vez disso, reclinou-se em uma cadeira, tomando cuidado para manter sua pose lânguida, mesmo quando sua respiração ficou presa pela dor. Ela ficou sem a pomada de Rafael; teria que fazer outra visita à cidade quando a reunião do conselho terminasse.

— Ele não vem? — A voz de Ashra cortou os pensamentos de Siri.

Siri olhou para cima. — Jaden?

— Não, Rafael Varens.

Ela balançou a cabeça. — Ele não quer estar no conselho. Insiste que não pode representar adequadamente o povo da cidade.

— Sêrio? — Ashra inclinou a cabeça para um lado. — E qual é a verdadeira razão?

— Ele odeia o que fazemos... o abate das crianças. Seu único filho foi preso no mês passado.

— Filho único? — Ashra ecoou. — Quando começamos a selecionar filhos únicos?

— Quando suas falhas genéticas excedem o valor que sua diversidade genética oferece à cidade. — Siri balançou a cabeça. A declaração soou fria saindo de seus lábios, mas era a triste verdade. Ela voltou ao computador e revisou os algoritmos. Não importa de que maneira ela o cortasse, o nome de Stefan sempre fazia parte da lista. O garoto estava muito doente.

Ela poderia, no entanto, anular e permitir que Stefan vivesse, por qualquer bem que isso fizesse. A menos que seu prognóstico tenha mudado significativamente, seu tempo de vida potencial poderia ser contado nos dedos das mãos. Rafael teria perdido Stefan dentro de alguns anos, mas estaria em uma situação diferente e neutra, devido à doença e não ao abate de crianças.

Rafael não teria motivos para odiá-la.

Ela traçou um círculo com o dedo do pé. Não importava, ela supôs. No grande esquema das coisas, o ódio de Rafael significava

pouco. Ele era humano; o que era uma vida humana em comparação com a dela? Perspectiva. Ela precisava de uma perspectiva para combater a vibração inexplicável de nervos no estômago toda vez que pensava nele. Ela era uma Icrathari. Ela não tinha nada a ver com um humano.

O elevador parou no andar superior da torre e Jaden saiu. A fragrância sutil de lavanda flutuava através da câmara. Siri olhou para cima quando Jaden parou na frente dela. — Rafael enviou isso.

— O que? — Siri olhou para a cesta de alfavema e grama decorativa. Pegou a cesta de Jaden e passou os dedos levemente sobre as flores violetas pálidas, enviando uma explosão de perfume ao ar. Dois frascos de vidro selados jaziam sob a profusão de flores. Rafael enviou remédios para ela e enterrou seu cheiro exclusivo de ervas sob o perfume avassalador de lavanda recém-cortada.

Siri relaxou em um sorriso, quando levantou a cesta para o rosto e inalou profundamente. Ah, Rafael era um astuto.

Ashra arqueou uma sobrancelha. — Existe algo que devemos saber sobre você e Rafael Varens?

— Só que ele tem um excelente gosto para as mulheres —, disse Siri, enquanto pressionava a língua na parte interna da bochecha.

— Parece que ele superou sua repulsa pelo que fazemos.

Siri balançou a cabeça. — Não, mas ele é capaz de traçar uma linha muito clara entre o que fazemos e quem somos como indivíduos. A maioria das pessoas olha para nós, e tudo o que vê são monstros. Rafael nos aceita como indivíduos, mas despreza as coisas monstruosas que fazemos. Em sua mente, pelo menos, a separação é clara. Ele ainda não representará os humanos em nosso conselho.

— Não sob nenhuma circunstância?

Deveria saber que Ashra iria trabalhar no mesmo ponto que ela. A cooperação de Rafael poderia ser comprada? — Ele pediu uma expansão do assentamento e a libertação de todas as crianças que foram abatidas —, disse ela.

— E a dele?

— Como uma extensão da liberação geral, mas ele não pediu especificamente que seu próprio filho fosse libertado da arca.

A linha na testa de Ashra desapareceu. — Uma pessoa impressionante.

Siri concordou. — Que não quer nada conosco. — Embora, ela percebeu, não era inteiramente verdade. O chamado de Rafael como curador o levou à compaixão. Ele lhe forneceria uma pomada fresca para suas feridas, mesmo sem a vida de seu filho na balança. Ele estava tornando-se a única coisa que ela não esperava encontrar entre os humanos, um amigo.

E então ela pôs em dúvida o altruísmo dele, transformando-o em uma pechincha. A vida dela pelas crianças.

Uma barganha do diabo. Siri inalou profundamente. Ela não tinha a menor idéia de como cumprir sua parte do acordo.

Ashra lançou a Siri um olhar especulativo antes de virar-se para passear pela câmara. — Como estamos indo com o combustível necessário para explorar os depósitos de paládio?

— Mal temos o suficiente para nossas necessidades, e o estoque é um desafio —, afirmou Siri. — Os Daevas estão destruindo nossas estações de recarga. Calibrei os movimentos da cidade para garantir que sempre tenhamos combustível suficiente, pelo menos para chegar à próxima estação de recarga. Mesmo se estiver destruída, podemos sentar sobre ela e fornecer a cobertura necessária para repará-la. Mas estocar... é um sonho, no momento.

Um rosnado baixo saiu da garganta de Ashra. — Quero que os Daevas parem.

— Nós sabemos onde encontrá-los. Eu posso lutar contra eles. — Disse Tera.

Siri balançou a cabeça. — Você não pode atacar a base de operações deles. Isso é suicídio. Existem milhares deles para cada um de nós. Mesmo com os vampiros atrás de nós, não há como vencer essa luta.

— Não estou procurando briga —, disse Ashra. — Estou procurando paz.

— As lutas muitas vezes precedem a paz —, disse Tera. — Tudo o que precisamos fazer é derrubar os líderes. Não estou sugerindo um ataque completo. Talvez algo mais furtivo...

— Estou impressionada; você mudou —, disse Siri. — A Tera que eu conhecia há mil anos atrás, nunca teria sugerido entrar por uma porta dos fundos, quando existia uma porta da frente. — Ela bateu no lábio inferior. — Precisamos trazê-los para a mesa de negociações. Temos Megun —, disse ela, referindo-se à criança meio Daeva e meio Icrathari nascida de Megun e Elsker, que Ashra e Jaden estavam criando. — Mas precisamos de algo mais para tirá-los da segurança de sua casa subterrânea. Poderíamos derrubar as cavernas com explosivos. Sufocá-los com fumaça venenosa...

— Tudo o que preciso é de um líder Daeva com quem possamos negociar —, disse Ashra. — Diminuir o número deles os levará ao desespero, e isso pode criar mais problemas.

— Você poderia tentar conversar —, disse Tera, com o rosto impassível. — Mas, historicamente, isso não funcionou bem.

O olhar de Ashra moveu-se entre Tera e Siri. — Quero conversar com um líder Daeva que tenha poderes para negociar uma paz. Faça o que for necessário para trazê-lo para a mesa.

Siri franziu a testa. — Essa é uma ordem bem ampla que está nos dando. Você não quer estabelecer limites?

— Você precisa de limites? — Ashra perguntou intencionalmente.

Siri olhou para Tera e arqueou uma sobrancelha.

A senhora da guerra Icrathari balançou a cabeça, sua longa trança balançando.

Os limites apenas atrapalhariam.



Após a reunião do conselho, Siri levou sua cesta de flores para sua suíte. A salvo atrás das portas fechadas, ela desempacotou os potes e leu a nota que Rafael havia incluído. Suas instruções, escritas em uma letra fluente, eram concisas, mas claras. A pomada havia sido testada em animais e em seres humanos, mas não em vampiros ou Icratharis. Ela deveria antes aplicar a pomada na pele intacta, para garantir que não tivesse uma reação alérgica.

Siri desenroscou a tampa e levou o frasco ao nariz. O perfume era um almíscar de terra, diferente do perfume de bálsamo que usava. Ela passou um pouco da pomada de cor ocre no braço. Formigava pelo contato, mas não era um sentimento desagradável. Ela levantou a mão para a luz enquanto a pomada absorvia em sua pele. O tom avermelhado desapareceu, deixando sua pele pálida como sempre.

Ela não tinha certeza de como era uma reação alérgica, mas certamente sua reação não se enquadrava no espectro de nada que devesse ser observado.

Sua mandíbula ficou tensa. Estava na hora de testar a nova pomada de Rafael. Ela ficou na frente do espelho e cuidadosamente desembrulhou o cachecol do pescoço. Por um momento, olhou para a feroz cicatriz vermelha na garganta, não, não era uma cicatriz. Uma cicatriz implicava que alguma cura havia ocorrido, mas esse não era o caso de seus ferimentos.

Elas eram feridas abertas.

Siri espalhou uma fina camada de pomada sobre a ferida aberta no pescoço, sobre as pústulas e o sangue seco.

Os olhos dela arregalaram-se. A dor, violenta e visceral, tomou conta dela, causando espasmos em sua garganta fechada e triturada através de cada grama de autocontrole que ela havia desenvolvido nos seis meses anteriores. Ela teria gritado, mas não conseguiu forçar o som. O pote aberto de pomada caiu de seu aperto relaxado. O mundo girou quando ela jogou-se no chão. A escuridão tomou conta de sua visão.



CAPÍTULO 7

Rafael encheu uma tigela com ensopado da panela fervendo sobre o fogão e trouxe a tigela para a mesa. Ele sentou-se em uma cadeira devagar e com cuidado, como um homem velho no final de um longo dia de trabalho.

O aroma de manjerição e tomilho flutuava do ensopado. Ele olhou para os pedaços de carne tenra flutuando entre cenouras e batatas e perguntou-se quando seu apetite retornaria. Fazia um mês desde que olhou para a comida com prazer. Somente por disciplina mantinha uma refeição diária, e raramente duas, descendo pela garganta. Ele havia perdido peso, o suficiente para que suas roupas ficassem frouxas em seu corpo.

Em algum momento, ele sabia que se recuperaria.

A linha do tempo, no entanto, se estendeu para o futuro.

A porta abriu-se. Algo acelerou na sala, arrancou-o de seus pés e o bateu contra a parede. Uma voz rosnou em seu ouvido: — O que você fez com ela?

Ele lutou para se concentrar através da explosão de luzes em sua cabeça. — Lucas?

— O que você fez com Siri?

— O que? — Ele agarrou as mãos de Lucas e as empurrou para longe. — O que aconteceu com ela?

— Ela desmaiou em seu quarto. Um pote de sua pomada derramou ao lado dela. O que você deu a ela, droga? Eu te avisei para não machucá-la.

— Você? — Lucas o atacou na floresta? Naquele momento, porém, a verdade não importava. Rafael pegou sua mochila e encheu-a com vários potes de ervas. — Leve-me até ela.

Lucas levou Rafael ao longo da periferia da cidade. A ponte levadiça para Malum Turris abaixou quando se aproximaram. Talon, o vampiro mais velho, estava parado na entrada.

— Como ela está? — Lucas exigiu.

— Nenhuma mudança —, disse Talon. — Rápido.

Uma plataforma móvel carregava os três para cima da torre. Eles saíram e Talon liderou o caminho até uma suíte grande. Ele abriu a porta e conduziu Rafael à sua frente. — Eu a encontrei aqui a cerca

de dez minutos atrás. Ela estava no chão em frente ao espelho. Levei-a para a cama e fui encontrar Lucas.

Rafael olhou para o pote de pomada derramada no chão. — Eu preciso de uma tigela de água quente, o mais quente que você puder, e de uma toalha. — Ele sentou-se ao lado da cama de Siri quando Lucas saiu correndo da sala.

Talon inclinou-se sobre o ombro de Rafael. — O que há de errado com ela?

Rafael olhou para ele. — Você não sabe?

O olhar de Talon caiu na fina linha vermelha no pescoço de Siri. — Foi quando Elsker a atacou? Por que não curou? — Algo brilhou em seus olhos. — E por que ela não contou a ninguém?

— Ela contou.

O queixo de Talon caiu. — Ela contou para você? Você preparou a pomada para ela?

Lucas voltou com uma tigela grande. O vapor subia de sua superfície. Uma toalha grande estava pendurada no braço dele.

— Coloque ao lado dela, na cama. Certifique-se de que não derramará —, disse Rafael. Ele procurou em sua mochila frascos de óleos essenciais de alecrim e erva-cidreira, pingou duas gotas na água quente e depois colocou a toalha sobre a tigela e o rosto de Siri para criar uma tenda de ar infundida com fragrâncias potentes.

Siri mexeu-se. Ela soltou um suspiro suave.

Suspiros de alívio encheram a sala. Rafael removeu a toalha e sorriu para os olhos violeta atordoados que o encaravam. — Como você está se sentindo?

— Rafael? — A voz de Siri estava rouca ainda, mas era mais alta que o sussurro que tinha sido. — Você está na torre?

— Em uma emergência, eu faço visitas em casa. Você pode me contar o que aconteceu?

— Eu testei a pomada na minha pele como você disse.

— E?

— Um leve formigamento, nada mais. Então eu apliquei na minha garganta e...

— E? — Rafael perguntou, quando a voz dela ficou em silêncio.

— Doe... como nada que eu já tenha sentido.

Lucas rosou. Ele agarrou Rafael e o teria puxado para longe, mas Rafael levantou a mão. — Espere. — Ele olhou para a penteadeira. — Traga esse espelho de mão aqui.

Talon pegou e estendeu para Siri.

— Dê uma olhada na sua garganta —, disse Rafael.

Seus olhos se arregalaram quando ela se olhou no espelho. — Acabou —, ela respirou.

— Não inteiramente —, disse Rafael. — Mas a superfície fechou-se, o que é um passo na direção certa.

Talon sacudiu a cabeça. — Você quer dizer que isso é uma melhora?

Rafael assentiu.

Siri olhou para ele. — E você sabia que faria isso?

— Eu suspeitava que sim. Funcionou no coelho em que eu testei e em mim.

— Você testou em si mesmo?

— Eu tinha uma ferida no pescoço bem fresca. — Rafael inclinou a cabeça. A ferida irregular havia fechado, deixando apenas uma leve cicatriz. — Desmaiei também e não acordei até a manhã seguinte.

Os olhos de Siri brilharam. — E você não me avisou?

— Você é uma Icrathari. Não pude prever seus efeitos em você. — Ele inclinou-se para mais perto para olhar a lesão. — Posso?

Ela assentiu.

Com dedos gentis, ele sondou as bordas da cicatriz. — O interior está extremamente macio; você ainda tem muita pele para curar. Infelizmente, a pomada funciona melhor em feridas abertas, não tanto em lesões internas.

— Para que eu possa aplicar na ferida no meu estômago para fechá-la?

— Sim, mas vai doer —, disse ele calmamente.

Sua mandíbula ficou tensa. — Eu sei. — O olhar dela disparou para Lucas. — Traga a pomada.

Lucas pegou o pote do chão. Seus brilhantes olhos azuis estavam perturbados quando se sentou ao lado dela e segurou o frasco aberto na mão.

Siri olhou para a pomada e depois tirou o vestido vermelho dos ombros para desnudar o estômago. Suas mãos tremiam um pouco quando ela removeu o curativo ensopado de sangue que cobria a ferida.

Rafael respirou fundo. Siri estava certa. O ferimento no estômago era ainda pior do que o ferimento na garganta. Talon fez um som sufocado. Rafael olhou para cima; a pele pálida do vampiro mais velho estava ainda mais pálida e ele parecia revoltado.

As feridas amarelas e molhadas da ferida vazaram sangue dourado. — Aqui, deixe-me limpá-lo antes de aplicar a pomada —, disse Rafael. Ele usou a toalha e a água quente para remover as secreções, parando quando ouviu a respiração de Siri travar com dor e continuando apenas quando a respiração dela ficou firme mais uma vez. Finalmente, ele colocou a toalha de lado. — Tudo bem, se você estiver pronta para isso...

— Eu quero que você me abrace.

— O que?

— Me segure. Lucas pode aplicar a pomada. Eu preciso de algo para me segurar.

Rafael hesitou. Talon e Lucas poderiam ter fornecido melhor apoio, mas naquele momento, ele não podia dizer não a ela. Os braços dela envolveram o pescoço dele. Ele embalou seu corpo esbelto em seus braços.

Seu corpo estava rígido em antecipação à dor.

Ele a puxou para perto, sua voz um sussurro silencioso em seu ouvido. — Estou aqui. Está tudo bem. Apenas respire comigo. Concentre-se em mim; Eu vou passar por isso.

Longos momentos se passaram antes que seu corpo relaxasse contra o dele.

— Estou pronta. — Sua voz era um sussurro trêmulo.

Rafael chamou a atenção de Lucas. Ele inclinou a cabeça.

Seus lábios pressionados em uma linha fina, Lucas passou uma aplicação generosa de pomada sobre a ferida no estômago de Siri.

Seu corpo reagiu. A dor contorcia cada membro. Sua boca abriu-se em um grito. Na penumbra da sala, seus incisivos alongados brilhavam em branco perolado.

O instinto, irracional, inexplicável, levou Rafael a avançar. Ele fechou a boca sobre a dela, silenciando seu choro com um beijo. Suas presas cortaram contra seu lábio e língua. O sangue escorreu de sua boca para a dela. O efeito foi instantâneo. O peito dela estremeceu; a tensão vazou dela enquanto a união se aprofundava.

Eles compartilharam um suspiro; seus corpos se uniram intimamente. Ele podia sentir as vibrações da dor lavando através dela, e ele respirou através de cada uma com ela, por quatro segundos, por seis. Com o treinamento dele, os batimentos cardíacos rápidos e irregulares se estabilizaram e diminuíram, mas ele não a soltou nem quebrou o beijo até que o corpo dela estivesse quase mole.

Os olhos dela estavam fechados, mas a mão dela agarrou a dele, quando ele a abaixou na cama. Os lábios dela se moveram. — Fique por favor.

— É claro —, ele murmurou, ainda com gosto de sangue na boca. Ele olhou para o estômago dela. As bordas serrilhadas de sua ferida juntaram-se, a carne lentamente fechando. Levaria horas para que a lesão ficasse completamente fechada, mas a cura externa havia começado.

A cura interna ainda não tinha certeza. Ele precisava de mais experimentos com as amostras de veneno que encontrara nas secreções de suas feridas, embora provavelmente exigisse plantas medicinais que ele não possuía. Pelo menos ela não teria que lidar

com as evidências externas do ataque de Elsker.

Rafael gentilmente puxou as cobertas de cetim sobre o corpo dela e sentou-se em uma cadeira ao lado da cama. Ele não soltou a mão dela.

Lucas acenou a cabeça para a porta. — Talon, vamos lá. Deixe ela descansar. — Seu olhar brilhou para Rafael. — Conversamos depois.

Rafael assentiu, não surdo ao sinal de ameaça na voz de Lucas, mas cansado demais para se importar. Ele caiu na cadeira, fechou os olhos e permitiu que o sono o levasse.



CAPÍTULO 8

Siri acordou, quente e confortável, envolta em seda e cetim. A dor de seus ferimentos ainda a atormentava, mas era silenciosa - constante, mas não mais dissonante. A ausência de dor foi quase o suficiente para embalar suas costas para dormir, se não pelo contato não familiar com outra pessoa.

O olhar dela desviou para a mão que segurava a dela. Ao lado de sua cama, Rafael cochilava em uma cadeira pequena demais para ele. Ele estava com o pescoço meio caído, ela notou com um sorriso afetuoso quando se sentou e tentou ajustar o ângulo da cabeça dele.

Ele começou a acordar. Seus olhos castanhos brilharam alarmados por um momento antes que ele parecesse lembrar-se de onde estava. Só então um sorriso tocou seus lábios. — Como você está se sentindo?

Ela evitou a pergunta. — Quanto tempo eu dormi?

Rafael deu de ombros. — Eu não sei. É muito difícil acompanhar o tempo em que as horas da luz do dia e da escuridão são irregulares.

Ela não queria entrar em uma discussão sobre os padrões de viagem da cidade, a necessidade de economizar combustível e o pesadelo logístico de evitar postos avançados dos Daevas. Na verdade, ela não sentiu necessidade de dizer nada. Foi o suficiente estar com ele.

Rafael não era notável; ele não era fisicamente atraente, mas também não era atraente como Jaden Hunter. Ele não tinha o estilo extravagante de Talon, nem exalava presença e poder como Jaden e Talon.

No entanto, ela gostava da companhia dele acima de qualquer outra pessoa.

Ele rolou o pescoço e esticou as costas. O pobre homem deve ter ficado extremamente desconfortável naquela cadeira. No entanto, ele ficou porque ela pediu.

Seu olhar estudou as diferentes texturas e materiais em sua suíte. — É como um mundo diferente —, ele murmurou.

— Essas coisas têm mil anos de idade, projetadas e fabricadas por seus antepassados antes da guerra final.

— A guerra final?
— Aquela que destruiu a atmosfera e queimou a Terra.
— Mas se foram feitos por humanos, como é que não temos essa tecnologia na cidade?

— Ashra decidiu que os humanos não podiam confiar na tecnologia. Depois que lançamos Aeternae Noctis, redesenhei a cidade e enviei a civilização humana de volta quinhentos anos. A única tecnologia do século XXI pode ser encontrada aqui, nesta torre. Tudo o resto da cidade é uma revolução pré-industrial. Os seres humanos são engenhosos, no entanto. A cada duas décadas, temos que purgar a cidade de avanços científicos que a colocariam no caminho da industrialização.

— Então é tudo mentira, como a imagem do mundo fora da cúpula. As florestas, campos, montanhas cobertas de neve e cachoeiras...

Siri assentiu. — Uma projeção de Malum Turris. — Ela inalou profundamente. — Após o apocalipse, os humanos que salvamos se suicidaram aos milhares quando perceberam o que haviam feito na Terra. Eu criei a projeção para dar-lhes esperança, Rafael. Os humanos morrem sem esperança.

— Acho que teríamos preferido a verdade, embora seja irrelevante agora. — Ele balançou a cabeça e mudou de assunto. — Como você está? — Perguntou novamente.

A pergunta a lembrou de seus papéis - curandeiro e paciente, humano e Icrathari. Ela puxou a mão da dele e passou os dedos sobre a cicatriz enrugada deixada no lugar da ferida aberta. — Estou muito melhor.

— O veneno ainda está em seu corpo...

Os olhos dela se arregalaram. — O quê?

— O veneno. Suas suspeitas sobre o envenenamento da arma de Elsker estavam certas.

— Lucas trabalhou na identificação de possíveis venenos nos últimos sete meses, mas não chegou a lugar algum. Como você o encontrou tão rapidamente?

— Foi quase um sonho. — Um sorriso triste atravessou seu rosto. — E talvez tenha sido. Depois que o vampiro me atacou, pensei que você tivesse vindo até mim. Quando você inclinou-se sobre mim, senti o seu hálito.

— O que você cheirou?

— Aconitum. O acônito processado é usado, embora raramente, em medicamentos e, mesmo assim, em pequenas doses. Acônito bruto, no entanto, é um veneno extremamente letal. Nos seres humanos, a morte pode ocorrer dentro de duas a seis horas. Se a dose é grande o suficiente, a morte é instantânea.

— No entanto, eu não morri.

— Você não é humana. Venenos e medicamentos afetam você de maneira diferente. Ele levantou-se e andou pela sala. — Esse foi o maior desafio para tratá-la, posso executar testes indefinidamente, mas não posso prever o que acontecerá quando você aplicar ou consumir o tratamento com ervas.

— E você diz que o veneno ainda está no meu corpo?

— Encontrei traços significativos na amostra que tirei de você. Fechar uma lesão externa é uma coisa, mas até você remover o acônito do seu sangue, suspeito que você continuará sofrendo os sintomas, incluindo danos gastrointestinais e cardiovasculares. — Ele fez uma pausa, virando-se para olhá-la. — Se você fosse humana, seu corpo acabaria purgando as células sanguíneas contaminadas, mas não tenho ideia de como um corpo Icrathari funciona. Considerando que você está doente a sete meses após o ataque, estou inclinado a dizer que seu corpo não está se livrando do sangue envenenado.

— Um dos problemas de ser imortal é que seu corpo não sofre mudanças constantes.

— Exatamente assim.

O leve sorriso de Rafael era tão doce que ela queria puxá-lo em seus braços e abraçá-lo com força. Em vez disso, ela disse: — Então, qual é a cura para o envenenamento no sangue por acônito?

O sorriso dele desapareceu. — Eu não sei. Eu verifiquei o livro e identifiquei onze possíveis ervas...

— Isso é maravilhoso.

— Eu só tenho duas das onze. — Seus ombros caíram em um suspiro silencioso. — Vamos começar com esses dois: a fruta jujuba e o rizoma do ligusticum. Podemos avançar com isso e talvez não precisemos dos outros.

— Quais são os outros nove? Eu posso ter amostras de sementes na arca.

— Cogumelo Agaricus, astrágalo, cogumelo cordyceps, cogumelo coriolus, raiz Dang Gui, He Shou Wu, fruta de lítio, formiga polyrhachis e raiz de sálvia.

Siri mentalmente comparou sua lista verbal com a que ela se lembrava de montar mil anos antes. — Não, eu não tenho nenhum. — Ela balançou a cabeça. — Muito se perdeu. Para sempre.

Rafael pegou a mão dela, o primeiro contato que havia iniciado. — Vamos nos dar bem com o que temos —, ele assegurou. — É importante estar viva. Tudo o que podemos melhorar. Eventualmente servirá.

Seu otimismo diante da desesperança esmagadora tinha que ser a coisa mais notável nele. Não tinha sido diferente quando perdeu o único filho. Ele pegou os cacos de sua vida e seguiu em frente,

cumprindo fielmente seus deveres diários, apesar do desespero devastador. Ela olhou para os dedos entrelaçados. A dor persistia nele, uma parte tão familiar e inevitável dele que ela mal percebeu. Ela não pode; ela não se permitiria esquecer a única cunha entre eles que nunca poderia ser removida ou alterada.

A voz de Ashra cortou o momento agridoce. — Siri!

Siri revirou os olhos. — Aí vem problema.

As asas de Ashra brilharam quando ela entrou na sala. — Talon me contou sobre seus ferimentos. Como se atreve a esconder essas informações de mim?

— Eu não estava pensando direito.

Os olhos dourados da rainha Icrathari brilharam com a resposta irreverente de Siri. — Você não estava pensando direito por sete meses? Quanto tempo você continuaria mentindo para mim?

— Ah, tecnicamente, eu não menti.

Ashra girou sobre Rafael. — E você, você e Lucas conspiraram para esconder isso de mim.

Siri levantou-se e colocou-se entre Ashra e Rafael. Ela não achava que Ashra atacaria Rafael, mas nunca tinha visto Ashra tão furiosa. — Deixe Rafael e Lucas fora disso. Eu disse a eles... eu disse a Lucas, pelo menos, para guardar segredo. Rafael descobriu por conta própria. Eu não queria que meus ferimentos fossem uma distração para você ou Tera; você tem o suficiente para se preocupar. Enfim, já passamos por isso agora. Minhas feridas fecharam-se e...

— Lucas disse que a cura não estava completa.

Droga. Lucas tinha estado a par dessa parte da conversa também. Estava na hora de toda a verdade feia aparecer. — Você se lembra dos ferimentos que sofreu enquanto lutava contra Megun e como eles levaram muito tempo para curar?

— Sim.

— Provavelmente foi envenenamento no sangue por acônito. Isso diminuiu sua autocura e, no meu caso, a destruiu completamente.

— Como eu me recuperei sem tratamento?

Siri deu de ombros. — Eu não sei. Talvez porque você seja mais velha, mais forte e mais malvada? Independentemente disso, Rafael conhece algumas ervas que podem ajudar a neutralizar o veneno. Não faria mal ter antídotos à mão. Os Daevas usaram veneno duas vezes agora. Se eles usarem novamente em nós ou nos vampiros, quero estar preparada para combatê-lo.

A fúria nos olhos de Ashra apoderou-se da resposta prática de Siri. Quando Siri terminou de falar, Ashra estava mais uma vez perfeitamente calma e no controle. Ela olhou para Rafael. — Como os Daevas podem ter desenvolvido o veneno? Elsker poderia ter fornecido a eles acônito?

Rafael balançou a cabeça. — Somente se Elsker usasse amostras de sementes da arca. Eu nem cultivo acônito até precisar, e minhas sementes são armazenadas com segurança. Não há acônito em nenhum outro lugar da cidade.

— O cofre de sementes na arca não foi aberto desde que eu o fechei há mil anos —, disse Siri.

— O que significa que ele obteve acônito em outro lugar —, disse Ashra. Ela levantou a cabeça. — Os Daevas. Eles têm de alguma forma.

— Isso é impossível. Pelo que você, Jaden e Talon descreveram sobre a caverna do submundo, não há como eles cultivarem plantas de qualquer espécie.

— Não é como se eles tivessem nos dado uma grande turnê do lugar —, rebateu Ashra. — Você tem outra explicação para como eles colocaram as mãos no acônito?

Siri bufou. — Não.

— Se eles tiverem acônito, poderiam facilmente ter outra coisa, não poderiam? Incluindo, talvez, um antídoto ou outros venenos?

Os olhos de Siri se arregalaram. O que mais os Daevas tinham? Ela assumira que a cultura deles havia degenerado em tribalismo primitivo. Que outra conclusão ela deveria tirar da falta de roupas, da linguagem em grunhidos guturais e da profunda afinidade pela violência?

Siri rangeu os dentes. O último ponto não provou nada. Os humanos tinham uma profunda afinidade pela violência e, até o apocalipse, sua civilização era a mais avançada da Terra. Quanto aos outros dois traços, ela poderia ter estado enganada, embalada pela aparente simplicidade dos Daevas em compreender a verdadeira complexidade de sua civilização?

O traidor Elsker certa vez chamou a cultura Daeva de rica e complexa. Ele poderia estar certo?

Siri olhou para cima e encontrou os olhos de Ashra. Elas se conheciam há tempo suficiente para não precisar de palavras para se comunicar. Cavar as nuances da cultura e do conhecimento Daeva era agora sua principal prioridade.

O único problema era que ela não tinha ideia de como enfrentar o desafio, antes de se aventurar profundamente no território Daeva.



CAPÍTULO 9

Rafael balançou a cabeça enquanto se acomodava com um suspiro silencioso em uma cadeira perto da lareira. Durante o dia, as pessoas da cidade o mantinham ocupado com o pedido de curas com ervas, mas seu tempo livre foi consumido por sua pesquisa com acônito para encontrar uma cura para o envenenamento no sangue de Siri. Aquele dia, no entanto, passou para a escuridão. A hora estava atrasada e a noite fria. Ele estava exausto.

Nos últimos três meses, ele passou a maior parte de suas noites em um laboratório de estufa em Malum Turris, onde cultivou plantas de acônito e testou várias curas contra elas. Era, como Siri havia apontado, mais seguro do que plantar acônito em seu jardim de ervas.

Siri costumava trabalhar ao lado dele. Seu trabalho com o jujuba e o rizoma do ligusticum produziu pouco para curar a toxicidade do sangue, mas suas conversas fáceis sobre ciência, medicina e ervas fizeram as horas da noite passarem. Seus sorrisos e risadas atraíam os dele, e sua presença constante o lembrava que, embora tivesse perdido Stefan, não estava sozinho.

Para sua surpresa, ele encontrou uma parceira que compartilhava seus interesses profissionais e que, entre discussões complexas sobre herbologia, o surpreendeu com histórias da Terra, como tinha sido, com cidades amplas e torres altas, brilhando sob um sol suave.

Ele riu, lembrando a conversa deles naquele dia. Ele pousou o tubo de vidro antes de lhe lançar um olhar estreito. — Transportes de passageiros de metal sem motoristas? — Rafael fez uma careta. — Que tipo de idiota você acha que sou?

— É verdade —, protestou Siri com risadas suaves que não aumentaram sua credibilidade. — Os carros autônomos eram a forma mais segura de transporte no século XXI.

— Mas por que?

— Algumas das cidades eram enormes. Imagine um cavalo correndo duas vezes na velocidade máxima. O cavalo levaria quatro horas para viajar de um extremo a outro da cidade.

Rafael fez uma careta.

— É difícil imaginar, não é? — Siri disse. — Aeternae Noctis

tem apenas dez milhas de largura em seu ponto mais largo. As maiores cidades se espalharam por centenas de quilômetros.

Ele balançou a cabeça. — Tanta coisa... perdida.

— Dez bilhões de pessoas. Milhões de espécies. Exterminadas. — Ela virou-se.

Rafael a seguiu até uma janela com vista para Aeternae Noctis. As pessoas empurravam carrinhos de mão pelas ruas de paralelepípedos. O edifício mais alto era a prefeitura de três andares, encimada por um sino quebrado. Animais da fazenda serpenteavam de seus galpões e campos nos arredores da cidade para passear pelas ruas.

Ela acenou com a mão sobre a cidade. — Isso é tudo o que nos resta. Doze mil pessoas e uma pequena fração da diversidade de plantas e animais que existia antes da guerra.

— Conte-me sobre isso.

Ela encolheu os ombros. — Não há muito o que dizer. Os seres humanos travaram guerra desde o início dos tempos, mas à medida que suas armas se tornaram mais mortais, sua paciência ficou mais curta. Quando eles começaram sua guerra final, Rohkeus, nosso príncipe, ordenou a construção de Aeternae Noctis. Os humanos detonaram sua melhor arma uma noite, destruindo inúmeras vidas e incinerando a atmosfera. Concluímos Aeternae Noctis poucas horas depois e colocamos tudo o que podíamos. Os motores da cidade voltaram à vida quando o sol quebrou seus primeiros raios letais no horizonte. — Os ombros de Siri caíram em um suspiro silencioso. — Por mil anos, a cidade fugiu do sol, abrigada em segurança na noite eterna.

— Mas não mais.

Siri riu. — No pânico do apocalipse, Rohkeus esqueceu de transmitir algumas instruções realmente importantes, como o fato de nossa cúpula de vidro de paládio filtrar a maior parte do calor do sol. Ele nunca pretendeu que Aeternae Noctis ficasse presa à noite, mas não realizamos seu plano mestre até que o recente ataque dos Daevas encalhasse a cidade durante o dia.

— O que aconteceu com Rohkeus?

— Ele morreu, assassinado por um humano há mil anos, momentos antes da cidade decolar. — Ela apertou os lábios, como se quisesse conter as palavras. Siri encostou a cabeça na janela. Naquele momento, ela parecia indescritivelmente cansada.

Seu peito doía.

Para ela...

Eles tinham um acordo, a cura dela em troca do despertar das crianças, mas não foi apenas o rosto de Stefan que o manteve passando por cada hora frustrante de pesquisas fúteis. Era o dela; o

leve vinco de uma careta quando ela se moveu muito rapidamente; a dor persistente em seus olhos.

Acordo ou não, ele teria feito qualquer coisa por ela.

Mas por que? Por que a torção dolorosa da empatia por uma Icrathari?

Siri continuou: — As pessoas que salvamos não consideraram suas vidas uma bênção. A devastação que eles causaram na Terra levou a maioria deles ao suicídio, então Ashra nos ordenou que apreendamos todas as crianças. Nós os colocamos em êxtase, como seus filhos. Depois que a primeira geração passou, redesenhei o interior da cidade, retirando toda a tecnologia moderna e depois liberamos as crianças do sono. Por anos, os vampiros serviram como professores e mentores, e então Ashra nos ordenou a recuar na torre. — Um sorriso irônico dançou nos lábios de Siri. — Ela sabia que o medo sempre seria mais eficaz que a benevolência. Mantenha a atenção dos humanos voltada para dentro, focada em monstros mais fortes que eles, e eles não teriam tempo ou energia suficiente para desvendar a estranheza de sua noite eterna.

— Até Jaden.

— Sim, mas Jaden é diferente.

— Então agora você governa através da benevolência?

— Ashra? Benevolente?— Siri riu da ironia que ela deve ter ouvido em sua voz. — Hábitos são difíceis de quebrar. O medo era uma ferramenta extremamente eficaz, mas a verdade é que precisamos dos vampiros lutando contra os Daevas, não reprimindo distúrbios internos. Por esse motivo, o convite que fizemos a você para se juntar ao conselho. Os humanos precisam de uma voz, e precisamos de alguém que não tenha medo de falar quando cercado por vampiros e Icratharis.

— E eu sou essa pessoa?

— Você não é? — Ela apontou para o laboratório de estufas que eles compartilhavam. Além das portas de vidro, os vampiros trabalhavam na torre, sem prestar atenção. — Você é quase um de nós.

Quase um de nós.

As palavras o assustaram menos do que a pergunta e o apelo em seu tom. Parecia que ela estava tentando se convencer de alguma coisa, mas o quê? Ela era uma Icrathari, um dos três governantes imortais de Aeternae Noctis. O que ela tinha para provar a alguém?

Ela estendeu a mão para ele. Era pequena; Siri mal tinha um metro e meio de altura, mas ele viu Ashra e Tera em batalha. A força delas era proporcional à idade, não ao tamanho. Siri poderia ter quebrado seu pescoço sem esforço algum.

Ele não tinha motivos para pegar a mão dela, mas ele fez. A

palma da mão dela estava lisa contra a pele calejada. Ele apertou a mão dela entre as suas. *Tão frágil;* ele não conseguiu checar o pensamento irracional.

Ela levou as mãos unidas ao rosto e apoiou a bochecha nas costas da mão dele. Algo, ele não sabia o que, tremia através dele.

Amor?

Não, não poderia ser.

Mas o que quer que fosse, o abalou. O mundo, o mundo dele, não parecia exatamente o que era.

De alguma forma, foi por causa dela.

Ele se despediu dela logo em seguida e retirou-se para sua casa para se cercar de lembranças que entendia, em vez de emoções que não conseguia entender. Ele encarou as armadilhas da curta vida de seu filho, um ursinho de pelúcia, um carrinho de madeira. A dor ainda pulsava através dele, mas se transformou em uma pontada quase tolerável. Ele nunca poderia acreditar que a Icrathari que tirou seu filho dele seria quem lhe daria força e graça para sobreviver à perda do filho. Quando Siri passou a significar tanto para ele? Quando perdeu o controle de sua vida?

O único som era o estalar da madeira pousando na lareira enquanto ele lentamente folheava as páginas do livro de remédios fitoterápicos transmitidos por gerações. Ele traçou as ilustrações de plantas que existiam apenas nas memórias de homens e mulheres há muito mortos. Sem as ervas que precisava, ele não poderia fazer nada por Siri.

Rafael rangeu os dentes. Ele não conseguia explicar sua necessidade, sua compulsão, de fazer algo... qualquer coisa... por Siri. Ele até sugerira uma expedição às cavernas Daeva em busca do antídoto, mas ela recusou-se a aceitar a ideia. — Muito perigoso —, ela disse. — Absolutamente fora de questão.

Então, o que mais ele poderia fazer?

Uma batida suave na porta da frente interrompeu seus pensamentos. A porta abriu-se e Talon olhou para dentro. Um sorriso passou pelo rosto de Rafael. — Entre.

Quando ele se tornou amigo de vampiros e vampiros mais velhos? Quando ele passou por eles na torre, eles o cumprimentaram como se fosse um deles. Lucas e ele ainda tinham que falar sobre o ataque de Lucas, mas Rafael teve o cuidado de manter distância do vampiro que o odiava.

Talon exibia um sorriso. — Nós não vimos você na torre esta noite, então Jaden me enviou para dizer olá.

A testa de Rafael franziu. Vampiros mais velhos e vampiros possuíam poucas habilidades sociais, eles não precisavam de educação quando suas presas e garras mantinham a lei e a ordem na cidade.

Dizer olá estava completamente fora do personagem, mesmo para Jaden, que mantinha mais características humanas.

Talon caminhou até a lareira, puxou uma cadeira e montou nela. — Estávamos pensando se você poderia estar interessado em uma pequena... escapada.

— Que tipo de fuga?

— O tipo que provavelmente nos causará muitos problemas com Ashra. — Talon parecia positivamente alegre.

Rafael sabia o suficiente para ser cauteloso. Ele não tinha tido muitos contatos com a rainha Icrathari, mas suspeitava que Ashra não tivesse senso de humor. Ele escolheu suas palavras com cuidado. — Eu espero que um vampiro mais velho possa sobreviver à sua ira, mas eu? O que você tem em mente?

Obviamente, ele não escolheu suas palavras com cuidado suficiente. O sorriso de Talon era radiante como uma criança, dado o desejo de seu coração em seu aniversário. — Jaden quer explorar as cavernas Daeava e perguntou se eu queria ir junto.

— E você está aqui porque...

— Nós pensamos que você poderia querer se juntar a nós.

— Serio? — Rafael caiu na gargalhada. — Eu?

Talon deu de ombros. — Nas cavernas de teto baixo, o voo não oferece vantagem para os Daeavas. Os corredores estreitos canalizam seu ataque. Sob essas condições, dois vampiros mais velhos em bom estado de saúde são mais do que iguais aos Daeavas. Nós somos tão fortes, tão rápidos. Podemos fazer o mesmo que eles, exceto voar.

— Mas por que você quer ir para as cavernas?

— Eu? Porque tenho umas contas para acertar com os daevas que me aprisionaram por quinhentos anos. Jaden? Porque está procurando uma cura.

— Uma cura para o que?

— Envenenamento por sangue por acônito. Apenas no caso de.

— Em caso de quê?

— Ashra tem traços de acônito em seu sangue. Nada como Siri, mas o suficiente para ser detectado agora que Lucas sabe o que procurar. Jaden quer o antídoto pronto antes que seu filho nasça.

O queixo de Rafael caiu. — O filho dele? Mas eu pensei que os vampiros fossem...

— Estéril? Nós somos, mas aparentemente Jaden e Ashra foram para o quarto antes que ele se transformasse em um vampiro mais velho. A criança que ela está carregando é meio Icrathari, meio humana. Ninguém sabe o que esperar. Aparentemente, isso nunca aconteceu nos milhares de anos de civilização Icrathari.

Rafael balançou a cabeça. — Isso é incrível.

— Sim, essa criança é a única que Jaden vai ter, e isso o deixa

completamente transtornado. Ele está dando a todos os pais expectantes, e mães também, um nome ruim. Ele está determinado a eliminar todos os obstáculos do caminho de seu filho.

Rafael respirou profundamente através da dor aguda no coração. Ele se sentia assim com Stefan. Jaden, pelo menos, nunca teria que se preocupar com o filho ser abatido na loteria Icrathari. Ressentimento e raiva tinham um gosto amargo em sua boca. Ele engoliu em seco e esperou até ter certeza de que sua voz estava firme. — Então, a caverna Daeva?

— Ele está convencido de que encontraremos o acônito e seu antídoto lá. Seria uma loucura desenvolver um veneno sem antídoto?

Rafael deu de ombros, seu tom de zombaria. — Os melhores venenos são aqueles sem antídotos. — Seu trabalho, como herbalista, no entanto, era garantir que os melhores venenos não existissem.

A pontada familiar apunhalou seu peito com força quase física.

Como herbalista, ele falhou com Siri.

Talon sorriu, seus dentes brilhando brancos na penumbra da sala. — De qualquer forma, Jaden está entrando nas cavernas, mas ele não sabe o que procurar. Ele não sabe a diferença entre uma papoula e uma petúnia.

— Geralmente, elas nem são da mesma cor —, Rafael murmurou.

— Você vem com a gente?

— Então, o que é isso sobre ter problemas com Ashra?

— Ela não sabe, é claro. Ela vetaria totalmente. Ela não arriscará Jaden, não por nada.

— Nem mesmo por seu próprio filho?

— A maternidade é um conceito confuso para uma Icrathari que nunca a contemplou nem uma vez em quatro mil anos. Ela pode ser maternal quando a criança nascer, mas, francamente, eu não apostaria nisso. Bem? — Talon inclinou-se. — Estás dentro?

— Esta noite?

Talon assentiu. — Siri está instalando painéis solares no domo. Eles absorvem o calor do sol, transformando-o em energia para alimentar os motores da cidade. Aeternae Noctis não está mais vinculada à sua rota com baterias e, assim que os painéis forem instalados, ela está direcionando a cidade para o norte, em busca de depósitos de paládio.

O que é paládio? Rafael fez uma careta. — Eu não seria bom em uma luta.

— Se quiséssemos alguém bom em uma luta, teríamos convidado Yuri.

— Você não fez

— Claro que não. Ela é a segunda em comando de Tera. Ela se

sentiria obrigada a contar a Tera, e então Tera contaria a Ashra, e então Ashra provavelmente encontraria uma desculpa para nos trancar no porão da cidade.

— Siri sabe?

— Claro que não. Ela não joga do jeito que Ashra faz, mas tenho certeza de que encontraria uma maneira de impedir que você aparecesse com uma crença equivocada de que poderia ser muito perigoso.

— Não é? — Rafael perguntou secamente. Ele levantou-se e caminhou até a lareira para mexer as brasas.

— O que mais você tem a ver com o seu tempo? Sei que sua pesquisa com essas duas ervas não deram certo. Você não quer encontrar uma cura para Siri? Você se importa com ela, não é?

Rafael estremeceu, agradecido por estar de costas para Talon.

Talon continuou, seu tom casual. — Você sabe, um dos benefícios de ser um vampiro mais velho é que eu posso ouvir mudanças no batimento cardíaco. A sua acelerou até na menção do nome dela. Então, você está apaixonado por ela ou a ama?

Rafael respirou fundo. *Amor?*

Ele estava fascinado por Siri e a admirava. Ele até a considerava uma amiga, mas amor, o amor era uma impossibilidade. Ele era humano e ela era Icrathari.

Mas Jaden também era humano e, de alguma forma, ele e Ashra conseguiram fazê-lo funcionar.

— Humm —, disse Talon, como um médico diagnosticando uma doença. — Você já passou de uma paixão.

Rafael levantou-se e virou-se para encarar Talon. — Isso é um golpe baixo.

Talon deu de ombros. — Você nos conhece, somos vampiros mais velhos. Somos predadores impiedosos e mortais de várias maneiras. Coniventes e manipuladores. Você vem?

Se isso significasse encontrar uma cura para Siri... — Sim, claro.

— Ótimo. Jaden está planejando nossa fuga.

— Quando?

Talon sacudiu a cabeça. — Não pergunte. Negação plausível pode impedir Ashra de matá-lo depois que ela nos pegar. Jaden nos encontrará na saída. Vamos. Precisamos sair da cidade durante a noite.

Rafael enfiou luvas, frascos vazios e uma pinça na mochila. Ele também jogou pomadas, uma seleção de ervas frescas, incluindo lantana e folhas de yarrow em sua bolsa, logo após colocou uma capa. — Tudo bem, estou pronto.

Talon levou-o através da cidade calma até as profundezas de

Malum Turris, passando pelas enormes salas de máquinas que mantinham a cidade flutuando e movendo-se durante a noite. Jaden saiu das sombras quando Talon e Rafael aproximaram-se da extremidade leste do porão. Jaden ofereceu a Rafael um sorriso. — Estou feliz por estares aqui. Vamos.

Ele puxou uma alavanca. Painéis no chão abriram-se e rajadas de ar quente invadiram a torre.

— Talon, leve-o —, ordenou Jaden. — Eu vou atrás de você.

Talon assentiu, agarrou Rafael pela cintura e pulou pelo painel aberto.

Rafael fechou os olhos com força quando seu estômago correu para sua garganta. Talon pousou silenciosamente, o impacto conjunto mal sacudindo através de Rafael.

Os olhos de Rafael abriram-se. O luar banhava a superfície da terra. Ele olhou para o lado de baixo da cidade, a superfície lisa marcada por motores circulares de repulsão, cada uma das rajadas de ar quente e carregando a cidade a trinta metros acima do solo enegrecido.

Momentos depois, Jaden juntou-se a eles, suas espadas duplas presas às costas. Um guerreiro, Jaden exercia uma autoridade natural e uma influência fácil sobre os Night Terrors, com a possível exceção de Ashra. Rafael suspeitava que a rainha Icrathari não tinha muita experiência em receber ordens e era improvável que estivesse aberta à ideia de fazê-lo.

— Por aqui —, disse Jaden.

Talon lançou um olhar final para a cidade. — Você acha que fizemos uma fuga limpa?

— Claro. — Jaden olhou por cima do ombro. — Mas, caso não o fizéssemos, devemos fugir antes que uma das fúrias aladas descubra.

≈

O que acabara de acontecer?

Siri inclinou-se e passou os dedos levemente sobre um painel de controle no supercomputador. Por um breve espaço de cinco segundos, as telas congelaram. Ela percebeu isso apenas porque estava observando os números de compressão do motor e os dados não haviam mudado como deveriam.

Um diagnóstico rápido confirmou que um vírus de computador havia infectado o supercomputador. Era um vírus leve, cujo único objetivo, até onde sabia, era parar o supercomputador por cinco segundos. No entanto, não era páreo para sua capacidade de fazer engenharia reversa dos danos que infligira.

Os relatórios voltaram. Nada de extraordinário aconteceu durante esses cinco segundos, exceto que a saída de aço carbono abriu-se.

O queixo dela caiu. Seus dedos correram sobre o painel de controle, puxando a gravação da câmera de segurança que monitorava a saída. A tela cinza transformou-se em imagens nítidas. Jaden, Talon e Rafael?

Rafael não parecia estar lutando para fugir. Talon saltou, levando Rafael com ele. Jaden puxou a alavanca para fechar o painel e, em seguida, ele também saltou pelo espaço em contração.

Com um deslizamento de osso contra carne, as garras de Siri alongaram-se em uma resposta instintiva ao estresse.

Talon e Jaden não haviam saído da torre sem permissão. Eles sabotaram seu supercomputador - Jaden, provavelmente; Aparentemente, a genialidade de Rohkeus não estava totalmente perdida quando sua alma renasceu - e eles de alguma forma coagiram Rafael a acompanhá-los.

Siri não tinha dúvidas de onde eles estavam indo.

Ela ativou os monitores externos. Apesar da escuridão, as câmeras capturaram os dois vampiros mais velhos e seu companheiro humano se movendo rapidamente através das rochas em direção a um aglomerado de pedras em um leito seco do rio - a única entrada conhecida nas cavernas Daeva.

Sua mente engasgou-se com um emaranhado de palavrões. Nenhum era adequado para descrever o pânico flutuando em seu peito. Se Jaden e Talon queriam ser mortos tomando milhares de Daevas, era a escolha deles, mas não tinham o direito de arrastar Rafael para essa loucura.

As asas de Siri pressionaram contra suas costas enquanto ela descia a torre. Ela estava correndo pela saída antes mesmo de seus pés tocarem totalmente o chão.

Ela traria esses três bandidos de volta para Aeternae Noctis. Ashra poderia lidar com os dois vampiros anciões rebeldes. E quanto a Rafael, ele teria sorte se ela não quebrasse seu pescoço tolo por se deixar levar por aventuras que até imortais teriam sorte em sobreviver.



CAPÍTULO 10

Durante a maior parte de sua vida, Rafael acreditava que o mundo fora da cúpula era um paraíso de florestas exuberantes, vastos prados e cachoeiras em cascata no topo de montanhas. Quando os Daevas atacaram, no entanto, os humanos descobriram que o paraíso era simplesmente uma imagem projetada por Malum Turris, uma ilusão projetada para manter viva a esperança dentro de uma população em cativeiro.

O ataque Daeva quebrou a grande mentira de Aeternae Noctis. Os humanos perderam a vista deslumbrante quando ganharam a verdade.

De dentro da cúpula, o mundo exterior parecia árido e desolado, sua paisagem queimada diariamente pelos implacáveis raios do sol. Mesmo assim, o mundo externo era mais infernal do que Rafael imaginara. A Terra era uma pilha de lixo de matéria inorgânica. O que parecia colinas à distância eram restos de prédios de concreto, deteriorados pelo tempo. Os detritos assumiram a forma de cascas de metal. Rafael puxou a capa firmemente pelos ombros enquanto se apoiava nos dedos gelados do vento uivante.

— A terra queima de dia e congela de noite —, disse Jaden. — A atmosfera está muito destruída para regular as temperaturas.

— Ainda bem que os vampiros são imunes ao frio. — Talon deu a Rafael um sorriso perverso. — Você deveria considerar.

— Considerar o que?

— Transformar-se. Os benefícios superam os pontos negativos.

Rafael riu. — Eu não esperava um discurso sobre considerar o vampirismo.

— Eu recomendaria o vampirismo mais antigo, apesar dos riscos mais altos —, disse Jaden.

— Não estou interessado em viver para sempre, mas apenas por curiosidade, qual é a diferença?

— Vampiros anciões são os primogênitos dos Icrathari, transformados por uma transfusão de sangue puro de Icrathari. Os vampiros, por outro lado, são criados a partir de uma mistura de Icrathari e sangue de vampiro. A pureza do sangue Icrathari é diluída nos vampiros, tornando a mudança muito mais provável de ter sucesso.

— Não sabia que as transformações poderiam falhar.
— A probabilidade aumenta quanto maior a porcentagem de sangue Icrathari.
— E o que acontece quando falha?
— Insanidade —, entoou Talon.
— Eu poderia argumentar que os dois vampiros mais velhos que eu conheço são loucos.

Talon rugiu de rir. — Você realmente não tem medo de nós. É bom encontrar um ser humano com quem eu possa ter uma conversa normal. A maioria deles está petrificada demais para falar comigo. Enfim, a maioria das transformações de vampiros anciões falha. O processo exige o enterro do vampiro mais velho fora da cidade. Se ele sobreviver, ele terá coragem de voltar à cidade. Caso contrário, o imortal, o vampiro mais velho louco, morre por uma eventual exposição ao sol.

— Geralmente —, acrescentou Jaden.
— Usualmente? — Rafael perguntou.
— Às vezes, eles são espertos o suficiente para se esconder durante o dia; nesse caso, podem viver quase indefinidamente aqui, a menos que estejam feridos. Vampiros e Icrathari não precisam de sangue como alimento; precisamos apenas dele para curar. Eu encontrei dois imortais durante minhas expedições de aferição.

— Sério? O que você fez?
— Nós os matamos —, disse Jaden. Seu tom era prosaico. — Eles caçam e matam vampiros. A menos que um Icrathari ou um vampiro mais velho acompanhe os vampiros, os vampiros não têm chance contra os imortais. Mesmo com um vampiro mais velho, ser algo próximo.

— Você já passou aperto, não foi? — Talon zombou.
— Quase aconteceu —, disse Jaden. Ele deu a Rafael um sorriso. — O outro benefício do vampirismo é a cura acelerada. Raramente precisamos viver com as evidências físicas das brigas que não acontecem do nosso jeito. — Ele se agachou perto do chão enquanto se aproximava de um aglomerado de rochas em forma de edifício. — A entrada é lá. — Ele olhou para Rafael. — Sua última chance de desistir.

Rafael deu de ombros. — Não estou recuando.

O pequeno prédio de pedra estava vazio. Jaden ajoelhou-se, seus dedos raspando no chão de seixos. Em instantes, encontrou um alçapão. Ele a abriu e olhou para a escuridão. Ele tirou as espadas gêmeas da bainha que usava nas costas e pulou, com os pés primeiro, na caverna. Talon agarrou Rafael pela cintura e o seguiu.

Eles pousaram em pé. Vários momentos se passaram antes que os olhos de Rafael se ajustassem à escuridão. O breu se transformou

no contorno bruto dos túneis de calcário que corriam nas duas direções. Nenhum dos túneis tinha características distintivas.

Rafael rangeu os dentes. — Ficar perdido aqui seria a coisa mais fácil do mundo.

— Não faz parte do plano —, Jaden assegurou. — Por aqui. E se tivermos problemas, fique entre Talon e eu.

— Quão bons são seus sentidos? — Rafael perguntou.

— Perfeitos.

— Você poderá seguir uma trilha de aromas, então. — Rafael pegou um punhado de folhas de lantana da mochila e as esfregou contra a parede esquerda da caverna.

Talon fungou. — Citrino.

Rafael assentiu. Até um humano podia cheirá-los. — Vou deixar uma trilha que todos podemos seguir. Pode me tornar útil, já que não sou bom em uma luta.

Ele sombreou Jaden, e Talon o seguiu. Os vampiros mais velhos moveram-se silenciosamente, e Rafael fez o possível para minimizar o som que fazia. Mesmo assim, seus passos pareciam muito altos, embora não parecesse haver ninguém por perto para ouvir o barulho.

— Onde está todo mundo? — Talon exigiu em um sussurro.

Jaden balançou a cabeça. — Eu não sei. — Ele também parecia decepcionado.

Rafael reprimiu um suspiro. Apenas a sorte dele. Ele havia saído com dois vampiros mais velhos estragando uma briga.

— Eles podem ter abandonado essas cavernas. Eles saberiam que voltaríamos mais cedo ou mais tarde - continuou Jaden.

— Deixar as cavernas para viajar para outro lugar seria complicado à luz do dia —, disse Talon. — Aposto que essas cavernas se conectam a outras. Nós apenas temos que mapeá-la.

— Espere. — Rafael levantou a mão pedindo silêncio. — Você ouviu isso?

Jaden inclinou a cabeça e franziu a testa. — Água corrente. — Ele seguiu o som silencioso através dos túneis sinuosos até uma pequena piscina de água escondida atrás de um grande grupo de estalactites e estalagmites. Um filete de água de um rio subterrâneo pingava no lago, que brilhava em azul com plâncton bioluminescente. Jaden pegou um punhado de água e tomou um gole. — É salobra.

— Provavelmente pelo alto conteúdo mineral no solo —, disse Rafael. — Mas é boa o suficiente para algumas plantas. Veja. — Ele enfiou as folhas de lantana no bolso antes de se ajoelhar para examinar várias plantas finas que combinavam com desenhos de seu livro sobre remédios fitoterápicos. — Este é um cogumelo poria e isso... — Ele respirou fundo. — Não tenho certeza, mas poderia ser um

cogumelo reishi.

— Isso é bom? Essa não é uma das ervas que você está procurando, é?

— Não, mas o cogumelo reishi deve ser uma das mais incríveis substâncias à base de plantas; acredita-se ser uma erva antienvelhecimento e estimula e modula o sistema imunológico. Nunca tive nenhuma experiência pessoal com ela, nunca tivemos na Aeternae Noctis, mas tenho que obter uma amostra dela e das outras plantas daqui.

Jaden olhou ao redor do lago. — Não vejo muitas plantas.

— Há mais do que você pensa —, disse Rafael. — A luz é fraca e é difícil diferenciar as plantas sem um estudo cuidadoso.

— Quanto tempo você leva para coletar suas amostras? — Jaden perguntou.

Rafael desviou o olhar para avaliar o tamanho da caverna. — Um bom tempo. Vou trabalhar o mais rápido que puder.

— Tudo certo. Eu vou procurar adiante. Talon, você fica aqui com Rafael.

Talon fez uma careta para Jaden. — Você percebe, é claro, que eu obedeço suas ordens apenas porque você me criou.

Rafael olhou para Talon. — O que? — Quantas correntes subjacentes ancoravam essas complexas relações entre os Night Terrors?

— Rohkeus me transformou em um vampiro mais velho há mil anos.

— Rohkeus. O príncipe Icrathari?

— Você conhece a história? Não é um conhecimento comum entre os seres humanos.

— Siri contou-me quem criou a cidade. Ela também disse que ele foi assassinado.

Talon sorriu. — Ele foi. Sua alma, no entanto, renasceu.

O olhar atordoado de Rafael passou para Jaden. — Em você?

Jaden deu de ombros. — Não é algo que compartilhamos com as pessoas da cidade. É importante que eles me vejam como humano, ou pelo menos anteriormente humano. A situação é tensa o suficiente. Não há necessidade de complicar com os detalhes técnicos.

— Um Icrathari reencarnado não é um detalhe técnico.

Um músculo contraiu na bochecha lisa de Jaden. — Eu sou humano, ou pelo menos eu era humano. Minha alma pertenceu a alguém que amava Ashra há muito tempo. O fato de residir no corpo de um Icrathari é irrelevante.

— É isso? — Rafael perguntou.

— Um Icrathari tem uma cabeça, dois braços e duas pernas. Como isso é diferente de um humano?

As sobranceiras de Rafael ergueram-se. — Asas de morcego? Força sobrenatural? Imortalidade?

— As diferenças só importam se você as notar.

— Fechar os olhos, a mente e o coração para elas não as faz ir embora.

Talon ficou entre eles. — Tenha paciência com ele —, disse a Jaden. — Rafael está se esforçando para não se apaixonar por Siri.

A mandíbula de Jaden caiu. — Siri? — De repente, riu, sua postura sutilmente defensiva dando lugar à camaradagem. — Boa sorte.

Uma careta confusa franziu a testa de Rafael.

— Vai parecer errado antes de parecer certo —, disse Jaden.

Rafael balançou a cabeça. — Siri e eu estamos trabalhando juntos na cura do envenenamento por acônito. Isso é tudo.

— Uma causa comum o levará mais longe do que você imagina.

— Não é longe o suficiente —, Rafael murmurou.

Talon bufou. — Se as duas senhoras terminarem de fofocar sobre suas vidas amorosas, terão pena de mim e vão calar a boca, já que eu não tenho nenhuma.

Jaden sorriu. — Yuri não está de cabeça para baixo por seu charme abundante?

— Cale a boca, Senhor Amante Destinado. — Talon chutou uma pilha de terra. — Você e Ashra não precisaram realmente trabalhar pela felicidade eterna.

— Trabalhamos para isso. Todo dia —, disse Jaden friamente. — Vou explorar adiante. Talon, você fica aqui com Rafael.

Rafael desenterrou cuidadosamente as plantas pela raiz e as inseriu em frascos vazios, junto com amostras de solo e água. Talon passeava ao longo da caverna. — Você terminou? — exigia a cada cinco minutos.

— Não, e quanto mais você perguntar, mais tempo levará.

Talon bufou e continuou seu ritmo inquieto.

Rafael abafou uma risada.

— Eu ouvi isso —, Talon rosnou.

— O que?

— A mudança na sua frequência cardíaca. Você está rindo de mim.

— Vocês, vampiros mais velhos, são engraçados. Deve ser por sua natureza melodramática.

Talon ergueu os olhos bruscamente na direção de onde tinham vindo. — O que é que foi isso? Você ouviu isso?

Os olhos de Rafael se estreitaram. — Não ouvi nada.

— Soou como algo em voo. Fique aqui. Vou dar uma olhada.

Rafael deu de ombros. — Certo. — Ele não estava muito preocupado. A caverna tinha apenas dois túneis levando a ela. Jaden desceu um e, com Talon no outro, os dois túneis estavam seguros. Ele continuou trabalhando, coletando amostras das inúmeras plantas espalhadas pelo lago.

Ele estava terminando de colher a última planta quando uma mão forte pousou em seu ombro. Ele a olhou rapidamente e avistou as conhecidas unhas peroladas. — Estou quase terminando aqui.

— Bom —, uma voz masculina, não a de Jaden ou Talon, falou com um timbre baixo e ressonante. — Talvez então você possa me explicar o que está fazendo aqui.

Rafael levantou-se e virou-se.

O vampiro era tão alto quanto ele, mas seu corpo rijo sugeria uma eternidade de quase inanição. Fracas lascas de ouro brilhavam em uma cabeça de cabelos de cor indeterminada, e sua pele pálida mostrava manchas de sujeira. Suas roupas estavam manchadas de poeira e sujeira, sua cor original nada mais que uma lembrança. — Onde estão os dois que entraram com você? — Falava devagar, como se fosse de uma linguagem esquecida há muito tempo.

— Explorando.

Depois de um longo momento, o vampiro assentiu como se finalmente reconhecesse a palavra. — Você não é como eu. Você cheira diferente.

— Eu sou humano.

Um sorriso fino expunha presas brancas. — Você é corajoso. E tolo. — Ele levantou a cabeça e olhou na direção em que Talon havia ido.

Rafael abriu a boca para gritar um aviso.

Como um flash de mercúrio, dedos retorcidos e deformados se fecharam ao redor da garganta de Rafael e apertaram com força.

Rafael tentou puxar as mãos do vampiro, mas manchas negras brilharam em sua visão antes de se fundir em uma cortina de escuridão que puxava ao seu redor.



CAPÍTULO 11

Rafael acordou assustado. Uma dor de cabeça cruel golpeou seu crânio enquanto respirava profundamente. Ele ainda estava vivo, o que era promissor, considerando que sua última lembrança vívida era das presas brancas peroladas de um vampiro.

Seu corpo doía, mas a ausência de dor aguda implicava contusões em vez de cortes abertos ou ossos quebrados. Sua visão vacilou. As paredes e o teto da caverna começaram a girar, como se estivessem vivos. Ele passou a mão sobre os olhos. Porra, ele provavelmente teve uma concussão.

Levou alguns momentos para perceber que o problema não estava nos olhos dele.

Seu ambiente brilhava verde pálido, azul e roxo, um mundo subterrâneo mágico florescendo com a cor das algas bioluminescentes crescendo nas paredes da caverna. O ar estava úmido com um leve aroma herbáceo; tinha que haver uma fonte de água por perto. A caverna em que ele estava era uma fração do tamanho da caverna com o lago, e era mobiliada, de certa maneira.

Ele empurrou um cotovelo e examinou a pilha de pano arrumada sobre o chão áspero como um palete. Os tons desbotados confirmaram que as roupas eram velhas, mas eram bem cuidadas.

Uma grande rocha com uma superfície plana fornecia uma plataforma estável para várias bacias escavadas em pedra. Pigmentos coloridos, provavelmente criados a partir de plantas ou minerais coloridos, manchavam as tigelas. Pintura? Rafael olhou para a parede de pedra calcária. Os olhos dele se arregalaram; sua respiração ficou presa.

A pintura cobria todo o comprimento da parede. Campos luxuriantes e densas florestas de pinheiros cercavam a cidade de Aeternae Noctis e sua distinta torre central. A forma de um Icrathari com asas de morcego pairava sobre Malum Turris. No fundo, montanhas cobertas de neve com cascatas emolduravam a cena.

Era a mesma imagem, a grande mentira de Aeternae Noctis, que havia se projetado desde os níveis mais altos de Malum Turris por mil anos, envolvendo os humanos na crença de um mundo perfeito além da cúpula, dando-lhes esperança, apesar de seu cativeiro.

— Você gostou disso?

Rafael ficou tenso. Como ele não havia notado o vampiro em seu exame anterior ao seu redor? Ele levantou-se e virou-se para encarar o captor, que emergia das sombras profundas nos cantos da caverna. — É lindo. Quando você escapou de Aeternae Noctis?

— Escapar? — Presas brancas brilharam. — Eu não escapei. Fui descartado, enterrado fora da cidade e deixado para morrer.

Enterrado fora da cidade. A testa de Rafael franziu. Seu sequestrador não era qualquer vampiro. Ele era um vampiro mais velho. Um imortal. — Há quanto tempo?

Franziu o cenho. — Você não tem medo de mim. Por quê?

— Porque você não poderia ser mais louco do que os dois vampiros mais velhos que eu segui até aqui. Há quanto tempo? — Rafael repetiu sua pergunta.

Ombros encolheram os ombros em um movimento gracioso. — Há muito tempo. — Passou um dedo ao redor da borda de uma tigela de pedra. As duas mãos estavam deformadas; os dedos que seriam longos e elegantes, os dedos de um artista, estavam torcidos. A lesão incapacitante deve ter ocorrido antes de ser transformado; caso contrário, teria curado corretamente. O Immortali não olhou para Rafael. — Por quê está aqui?

— Eu sou um herbalista. Estou procurando espécies de plantas que não existem em Aeternae Noctis.

— E você encontrou alguma?

— Várias. — Rafael fez uma pausa, procurando as palavras certas. — Estou buscando uma cura para o envenenamento por sangue por acônito.

— Ah, o veneno. Então, funcionou.

Um calafrio passou por Rafael. — Sim, funcionou. Onde está o antídoto?

— Não há nenhum. Os Icrathari merecem a morte. — A criatura olhou para a pintura, seus olhos escuros repousando sobre a imagem do Icrathari voando acima da torre. — Tão bonitos. Tão mortais. Mentirosos e enganadores. — Sua voz era baixa, como se estivesse falando consigo mesmo. — Amá-los é ser amaldiçoado. — Com a mão torcida, acariciou a pintura do icrathari, seu toque gentil, e depois apoiou a testa no calcário frio. Fechou os olhos.

Pode ter sido um Imortali, mas naquele momento parecia um homem que havia se perdido.

Quem ele amava? Ashra? Tera? Siri? Qual Icrathari ele queria matar?

O Immortali levantou a cabeça. Sem abrir os olhos, ele disse suavemente: — Você também ama uma Icrathari.

Rafael encolheu-se. Malditos batimentos cardíacos traidores. — Possivelmente. — Sim.

— Então você é um tolo. — Seus olhos abriram-se, o brilho zombeteiro e cheio de desespero. — Eu vou te matar agora para poupar a dor da traição deles.

— Eu vou aproveitar minhas chances. — O olhar de Rafael vasculhou a caverna, buscando uma saída.

O Immortali avançou. Rafael recuou, combinando cada passo, mantendo distância. Ele não se atreveu a desviar sua atenção da criatura. Em vez disso, as pontas dos dedos roçaram as paredes enquanto ele avançava pelo perímetro da caverna. Droga. Onde era a saída?

O monstro riu. — Você não pode escapar. Se você implorar, eu vou te matar e poupar o tormento de enlouquecer.

Continue falando. Distraia-o. Ganhe tempo. Encontre um terreno comum. — Você ouve o silêncio?

Olhos azuis arregalaram-se. Um longo momento se passou antes de responder. — Você?

aram, diminuindo sua rápida descida pelo poço, levando às cavernas Daeva. O silêncio que a recebeu a aliviou e a assustou. O nariz dela ardeu quando cheirou o ar; o aroma aromático de citros parecia completamente fora de lugar. A trilha do perfume, provavelmente obra de Rafael, traçou um caminho ao longo da parede esquerda da caverna, por um dos corredores indistinguíveis.

Ela seguiu a trilha pelos túneis vazios e sinuosos. Onde se acreditava que existia a reunião maciça de Daevas nessas cavernas? Para onde eles poderiam ter ido? Mais importante, por que eles partiriam quando seus números superiores poderiam ter derrotado qualquer tentativa por parte dos Icrathari e dos vampiros de tomar as cavernas à força?

Siri reprimiu um suspiro. A superioridade numérica dos Daevas não dissuadiu dois vampiros idosos suicidas e um humano tolo. Pessoalmente, ela ficou aliviada por não encontrar oposição significativa. Tera teria gostado de uma briga. Até Ashra poderia ter gostado. Siri, por outro lado, preferia uma batalha de inteligência ao invés de uma envolvendo presas e garras. Além disso, não estava totalmente certa sobre si mesma desde que fora ferida.

Os nervos a mantiveram alerta e ela sentiu as vibrações no ar quando alguém se aproximou. O perfume era familiar. Ela fez uma careta para Talon quando ele virou a esquina.

Ele teve a audácia de lhe oferecer um sorriso provocador. — Ah, aqui está uma das fúrias aladas.

Sua carranca aprofundou-se. — Você está tirando sarro de mim?

— Rafael diz que é fácil zombar de nós por causa de nossa

natureza melodramática. Ele tem o hábito de rir de mim.

Ela aproximou-se dele e colocou os punhos pequenos na camisa dele. — O que em nome do Criador você e Jaden estavam pensando? Saindo da cidade? Levando Rafael com você?

— Nós não o trouxemos a força. Ele veio de bom grado.

— Você não deveria estar aqui.

— Rafael já encontrou algumas plantas que não existem em Aeternae Noctis.

Os olhos de Siri se arregalaram. — O que?

— Ele está coletando amostras agora.

— Jaden está com ele?

— Não, Jaden saiu para explorar...

— Você o deixou sozinho? — A voz de Siri subiu a um guincho.

— Ele é um menino grande

— Ele é humano. Ele não tem presas e garras, ou a compulsão de um vampiro em brigar.

Talon revirou os olhos. — Você está exagerando. Você sabe, esse é um sintoma típico de atração não natural.

— O que não é natural?

— Paixão. Luxúria. Amor. Chame como quiser. Como você apontou, ele é humano. O que você vê nele?

O coração de Siri deu um pulo no peito. O queixo dela levantou-se. — Não preciso me explicar para você.

— Ficar na defensiva é outro sintoma

— Cale a boca, Talon. Cadê o Rafael?

Talon riu. — Vou levá-la até ele.

Siri seguiu Talon ao longo da trilha até uma grande caverna com um lago subterrâneo. Uma mochila aberta, cheia de pequenos frascos, jazia à beira da água.

Ela ficou rígida. Ela sentiu o cheiro familiar de Rafael, assim como o de Jaden e Talon, mas havia outro cheiro, que não reconheceu.

Não havia sinal de Rafael.

— Oh, droga —, disse Talon.

— Droga? — Siri ecoou. Com o deslizar de osso contra carne, as unhas se estenderam e se curvaram em garras. — Estou a segundos de arrancar sua cabeça. Por que, em nome do Criador, você o deixou sozinho?

— Porque ele estava seguro. Existem apenas duas saídas desta caverna. Jaden seguiu por uma, e eu a outra.

Siri rosnou. — Salve-me de vampiros estúpidos que pensam que são imortais.

Talon bateu no peito e conseguiu piscar seu sorriso arrogante.

— Eu sou imortal.

— Você não continuará a ser um se não encontrarmos Rafael.

— Siri ajoelhou-se para examinar a mochila e as amostras de plantas que Rafael havia coletado. Algo provocou seus sentidos; ela ergueu a cabeça ao leve cheiro cítrico e olhou por cima do ombro para um amontoado de pedras em um canto da caverna.

O perfume ficou mais forte quando se aproximou do leito seco do rio. Franzindo a testa, chutou uma pilha de pedras, mas não caiu em um deslizamento de pedra. Um exame mais atento confirmou que as pedras estavam coladas com algo que parecia e tinha um gosto suspeito de sangue Daeva. — Ah —, Siri murmurou. — E eu que pensei que teria que consertar Aeternae Noctis com fita adesiva e cuspir.

A pilha de rochas, grande demais para qualquer ser humano mover, não representava desafio para um Icrathari. Siri empurrou-a para o lado revelando um túnel estreito que serpenteava na escuridão. Ela olhou para Talon. — Vá encontrar Jaden e traga-o de volta. Eu vou atrás do Rafael.

Talon assentiu. — Você percebe que o que estava aqui não era um Daeva. Cheirava diferente.

— Eu sei. Era um vampiro mais velho... um imortal. — E os imortais eram frequentemente muito mais perigosos que os Daevas. Não importa a falta de asas. A insanidade costumava inclinar o equilíbrio da batalha.

Talon lançou-lhe um olhar sombrio. — Tenha cuidado. — Ele virou-se e correu para longe.

Siri ajoelhou-se para espiar dentro do túnel inclinado para baixo, dificilmente largo o suficiente para uma pessoa. Um Icrathari era menor que um humano, no entanto, e a caverna fornecia amplo espaço para ela, mesmo com as asas e tudo o mais. Entalhes na parede da caverna forneciam apoio, não que precisasse delas. Ela respirou fundo e sentiu o cheiro cítrico das folhas de lantana misturado com o aroma familiar de Rafael.

Porra, ela odiava lutar e não era particularmente boa nisso, mas provavelmente poderia se defender contra um imortal.

Ela engoliu em seco. Talvez.

De qualquer maneira, Rafael precisava dela, o que não deixou escolha. Com as asas dobradas contra as costas, ela pulou de cabeça na passagem e deslizou através do túnel quando ele curvou-se mais fundo na terra. A gravidade a puxou para baixo. As curvas agudas raspavam sua pele e suas asas. Siri reprimiu uma maldição quando as sombras profundas do túnel cederam a um brilho pálido, e ela caiu em uma pequena caverna iluminada com bioluminescência.

As duas figuras do outro lado da caverna assustaram-se diante

de sua barulhenta intrusão. Rafael e o Imortali a encaravam de boca aberta.

— Você veio pelo humano? — As palavras saíram do Imortali, seu sussurro afiado pelo choque. — Impossível! — Suas garras rasgaram a garganta exposta de Rafael.

Sangue jorrou.

— Não! — Siri gritou. Ela lançou-se contra o Imortali, mas ele saltou direto para a pequena abertura no telhado da caverna e desapareceu na escuridão.

Siri pegou Rafael antes que ele caísse no chão. Seus olhos estavam arregalados, sem ver; seu peito arfava a cada respiração difícil. Sangue era bombeado para fora a cada batimento cardíaco, vermelho manchando sua camisa.

Siri pressionou a mão contra o ferimento na garganta dele, mas o sangue dele derramou pelos dedos dela. O pânico a agarrou. Ela não poderia perdê-lo. Ela não o perderia.

Suas garras estenderam-se e ela passou uma unha afiada no pulso. Sangue dourado brotou. — Aqui, beba —, murmurou, segurando o pulso nos lábios dele.

Seu batimento cardíaco já estava irregular, seus olhos vidrados e sem foco. Sangue escorria por seus lábios. Siri fechou os olhos e respirou profundamente através da sensação surpreendente de sangue correndo por suas veias e entrando em seu corpo. De repente, ele afastou-se dela. Os olhos dele dilataram; preto engoliu a avelã de sua íris. Seus lábios pálidos, brilhando com o sangue dourado dela, tremeram e formaram palavras sem som.

Ela podia ver o terror tomar forma em sua mente, sua presença tão real que era quase palpável. Sua respiração acelerou e ele engasgou de medo. Um grito estridente como um animal moribundo rasgou sua garganta.

A boca dela fechou-se sobre a dele. Ela silenciou seus gritos. Seu corpo ficou tenso contra o dela, instintivamente revidando, rejeitando-a. — Silêncio, meu amor. — Ela embalou a cabeça dele com um braço; com o outro, acariciou sua bochecha. Sua pele ardia com febre onde momentos antes estavam frios e úmidos.

Como um animal selvagem, ele lutou contra ela, suas unhas compridas rasgando seu rosto, mas ela recusou-se a deixá-lo ir. — Segure-se por mim. Eu vou passar por isso. — Sua promessa fervorosa e desesperada era tanto para si mesma quanto para ele.

Criador misericordioso. Não posso dar-me ao luxo de perdê-lo. Não o tira de mim.



Morrer teria sido mais fácil, um lento desligamento de seus sentidos, mas, em vez disso, ele estava vivo, terrivelmente vivo. Sua

consciência gritou em excesso, bombardeada com estímulos de todos os lados. Os sons expandiram-se para explodir em seu crânio, vibrando como se fosse quebrá-lo em fragmentos. O brilho bioluminescente azul pálido, verde e roxo explodiu em cores fluorescentes ofuscantes. Os aromas almiscarados da terra, o cheiro metálico do sangue, a fragrância cítrica da lantana misturaram-se em um cheiro tão tangível que o deixou sufocado.

Ele estava se afogando em si mesmo.

Um grito brotou e o rasgou.

O grito de um animal louco ecoou pela caverna. Sua voz, ele percebeu. *Caindo aos pedaços. Quebrando em pedaços. Ficando louco.*

Seu grito foi interrompido. Lábios macios pressionados contra os dele. Seu sussurro cortou os sons ensurdecedores em sua cabeça. — Silêncio, meu amor.

Amor? Não, meu amor está morto. Ariel está morta. Stefan está morto. Todos mortos.

Mentiras. Tudo mentiras. Decepção.

Amá-los é ser amaldiçoado.

Ele a afastou, lutando com toda a força em seu corpo em mudança, mas ela não o deixou ir. Suas palavras afastaram a loucura e a detiveram. — Segure-o para mim. Eu vou passar por isso.

Siri. O nome dela passou pela sua mente. Se pudesse gritar o nome dela, sabia que iria acordar do pesadelo que o consumia.

O grito silencioso construiu uma pressão tão intensa que pensou que iria esmagar sua caixa torácica. Sua língua estava como chumbo. Sua boca abriu-se, mas nenhum som surgiu.

Gritar. Ele tinha que gritar. Ele tinha que se libertar de um corpo transformando-se além de seu controle.

O grito exigiu mais esforço do que qualquer coisa que já havia feito em sua vida. Ele o forçou a sair, passando por um baú congestionado de medo, passando por uma garganta bloqueada pelo terror. Rasgou-o, um grito rasgado por misericórdia. — *Siri!*

— Estou aqui. — A voz dela o ancorou. — Eu não vou deixar você.

Segure-me.

Os braços dela o embalaram, protegendo-o até que uma nova sensação invadissem sua crescente consciência. O ar mudou em resposta ao bater de asas enormes.

Daevas.



Nos braços de Siri, Rafael ficou tenso e emitiu um som sufocado quando ela afastou-se. O olhar dela passou por ele. Ele estava se transformando em um predador, capaz de enfrentar até um Daeva alado, assumindo que ele sobrevivesse ao processo.

Suas unhas alongaram-se e ficaram com um tom branco iridescente. Seus lábios abriram-se para revelar incisivos alongados. As outras mudanças, Siri sabia, eram sutis, mas ainda mais profundas - aumento de força, agilidade aprimorada, auto cura acelerada.

Por que ele estava se transformando tão rapidamente? Havia algo em seu sangue contaminado?

As vibrações no ar intensificaram-se com o bater das asas que se aproximavam.

Rafael não estava pronto para uma luta, e ela não podia deixar que os Daevas o pegassem. A passagem no telhado da caverna canalizaria a aproximação dos Daevas e daria a ela uma esperança tola de vencer a luta.

Tera e até Ashra, apesar de seus delicados vestidos brancos, eram muito mais adequadas para batalhas físicas, mas Siri também tinha asas, presas e garras. Ela os colocaria em uso.

Mais importante, ela tinha um motivo para lutar.

Ela rasgou a garganta magricela do primeiro Daeva que correu pela entrada e arrancou o braço direito do próximo. Seu estômago revirou de náusea, mas fechou os ouvidos e o coração aos soluços chorosos do Daeva. Os Daevas eram jovens - com pouco mais de algumas décadas - e não eram páreo para um Icrathari de três milênios.

Por que os imortais enviariam esses Daevas tão jovens para a batalha? Certamente deveriam saber que eles não tinham chance contra um Icrathari antigo.

Siri passou suas garras pelo estômago de um terceiro Daeva. Seu sangue derramando, dourado, no chão de pedra.

— Não! — uma voz gritou. O Imortali mergulhou pela entrada e jogou-se entre Siri e os Daevas feridos. Ele gritou algo na linguagem gutural dos Daevas. O incompreensível amontoado de palavras era vagamente familiar, como se extraído dos restos de uma linguagem humana. Seus olhos escuros brilharam com fúria e saltou para atacar.

A força e a agilidade do Imortali eram iguais às dela. O voo não lhe ofereceu vantagem na caverna de teto baixo. Siri levou apenas um momento para perceber que não poderia vencer.

Ela lutou de qualquer maneira. Ela tinha que ganhar o máximo de tempo possível para Rafael concluir a transformação. O golpe da mão do Imortali pegou-a no rosto e jogou-a contra uma parede. Ele saltou, mas ela se abaixou. Seu punho bateu na parede da caverna. Detritos e poeira de calcário caíram sobre sua cabeça.

Seu chute derrubou uma de suas pernas por baixo. Ele caiu em um joelho e usou o momento para rolar para frente, sob suas defesas. Um sorriso perverso brilhou sobre seu rosto quando prendeu os pulsos nas mãos e a bateu contra a parede. Seu lábio superior afastou-se,

revelando incisivos brilhantes, e avançou para a morte.

Siri podia sentir o calor de sua respiração contra sua garganta uma fração de segundo antes de uma força violenta bater contra seu lado, arrancando-a dela.

O Imortali e o vampiro mais velho colidiram com a parede oposta em uma pilha emaranhada de membros.

Ou pelo menos Siri esperava que Rafael fosse um vampiro mais velho. Ela cedeu, o peito arfando com o esforço por causa da luta. Em um canto, os Daevas feridos enrolavam-se em busca de segurança, seus gemidos suaves perdidos nos sons da batalha.

Os olhos castanhos de Rafael - graças ao Criador - eram legais e focados enquanto ele apartava os ataques do Imortal. Ele não era um guerreiro treinado como Jaden e Talon, mas a transformação em vampiro mais velho fez dele um predador. Seus instintos assassinos eram tão aguçados quanto o sangue que o transformava era antigo, embora a batalha não fosse vencida com rapidez ou facilidade. Rafael e o imortal estavam muito próximos.

O Imortali percebeu isso também. Um olhar de desespero surgiu em seus olhos. Ele afastou-se de Rafael, jogou-se na frente dos Daevas feridos e estendeu a mão. — Não.

Rafael era muito recentemente humano para não responder a um pedido de misericórdia.

O Imortali aproveitou a hesitação momentânea de Rafael para puxar os Daevas para seus braços. Com uma onda de força, saltou para a passagem e escapou com os três jovens Daevas.

Siri piscou. O que foi aquilo?

Rafael parecia tão confuso quanto ela. Ele virou-se para ela e seus olhares se encontraram do outro lado da sala. Sua garganta trabalhou e ele desviou o olhar. O desespero atravessou sua fachada estoica.

Lentamente, ela aproximou-se. — Rafael?

Ele olhou para suas mãos enquanto suas garras se retraíam. O silêncio entre eles quebrou com a sua inalação aguda de ar e uma liberação estremecida de sua respiração. — Por quê? — ele sussurrou.

Siri ouviu sua descrença. Ela procurou as palavras certas e percebeu que não havia nenhuma. — O que você quer dizer? — Sua voz captou a pergunta.

Rafael fechou os olhos, o gesto esticando a distância entre eles. Ele balançou sua cabeça. — Não importa. É tarde demais agora.

Siri olhou para Rafael. O que ele quis dizer? Tarde demais para quê?

Os olhos dele abriram-se. A dor crua neles levou-a de volta ao seu primeiro encontro com ele, no dia seguinte a Stefan ter sido tirado dele. Ela passou três meses purgando sua dor, mas em um instante, ela

devolveu-a com mais intensidade.

Ele afastou-se dela e olhou para a passagem no telhado da caverna. — Precisamos avisar Jaden e Talon.

Suas palavras a puxaram de volta à realidade. Eles ainda estavam em perigo. Ela teve que se concentrar em algo que não fosse o arrependimento de cortar o coração na voz de Rafael ou seu sentimento de perda também a afetaria. — Pode ser uma armadilha —, disse Siri depois de um olhar ao redor da caverna. — Aqui, podemos retirar os Daevas, um de cada vez, quando eles vierem até nós. Lá em cima, vamos ser encurralados.

— Não podemos ficar aqui para sempre.

— Não, não podemos — o olhar de Siri caiu sobre a pintura na parede. A boca dela abriu-se. — O que é isso?

— Arte das cavernas, por espécies.

— É lindo. — Ela traçou os contornos de Malum Turris e dos Icrathari. — É Tera —, disse ela, maravilhada em sua voz.

— O que? — Rafael caminhou até ela.

— Isso não parece uma trança?

Os olhos dele estreitaram-se. — Sim.

— Mas não me lembro dele, o que é estranho.

— O Imortali?

Siri assentiu. — Eu documentei todas as nossas tentativas de criar vampiros mais velhos e sou boa com rostos. Não me lembro do número do seu caso. Além disso, ele é um artista. Nós nunca teríamos escolhido um artista para ser um vampiro mais velho.

— Ou um herbalista?

Siri ouviu o rancor na voz de Rafael. A raiva enrijeceu sua espinha. O estalo de sua voz foi mais agudo do que pretendia. — Eu salvei sua vida.

Rafael deu as costas para ela, caminhou até a passagem que dava para a caverna e espiou. — Fique aqui até eu chamar. Se houver problemas, pelo menos você estará segura. — Ele agachou-se e depois saltou, desaparecendo no túnel.

Siri apertou os lábios. Uma dor pulsou em seu peito. Ela nem tinha percebido o quanto a amizade dele significava para ela até que a perdeu.

— Está claro aqui. — Seu som de barítono rico e profundo desceu até ela.

Ela lançou um olhar final ao redor da caverna do Imortali. Algo branco flutuando em um canto chamou sua atenção. Ela pegou e virou na mão. Plástico? Ela não via nada parecido há quase mil anos. Ela alisou e estudou as palavras negras impressas no plástico rasgado.

A respiração dela ficou presa. Mas como poderia ser?

— Siri? — A voz de Rafael, afiada de preocupação, chegou até

ela. — Você está bem?

Com as asas apertadas nas costas, disparou pela passagem e ressurgiu na grande caverna com seu lago subterrâneo.

Rafael estava ajoelhado à beira do lago, colocando frascos de plantas em sua mochila.

Siri olhou para o túnel onde Talon havia desaparecido em busca de Jaden. — Por aqui.

Ele assentiu. — Suponho que retornar sem Jaden não seja uma opção.

— Não, a menos que você queira passar o resto de sua vida não natural justificando a decisão para Ashra.

Ele sorriu e, por um momento, o Rafael que ela conhecia, aquele que podia ver o humor irônico em quase qualquer situação, estava de volta. Alcançando o bolso, ele puxou um galho esmagado de folhas de lantana e deu um passo rápido pelo corredor, ocasionalmente roçando as folhas na parede da caverna. Alguns minutos depois, ele parou para rasgar uma tira de pano da bainha da camisa.

Siri olhou com curiosidade enquanto o enrolava no pescoço e o amarrava como um curativo. — O que você está fazendo?

— Apenas por precaução.

— Contra o quê?

Ele não resistiu quando ela desenrolou o pano. Os olhos dela arregalaram-se. Ela estendeu a mão, mas se conteve antes de fazer contato com a ferida que escorria sangue. A lágrima irregular infligida pelo Imortali não havia se fechado completamente. — Rafael... — Ela olhou para ele com horror crescente quando a verdade afundou.

— Parece que também herdei intoxicação por acônito.

— Eu... você...

— E você me salvou por isso?

Eu sinto muito. Eu nunca quis que você se machucasse. Mas como as palavras poderiam ser suficientes? Seu coração doía tanto que ela pensou que iria explodir em seu peito. Seus lábios moveram-se, mas ela não conseguiu passar as palavras pelo nó na garganta.

Por um momento, ele olhou para ela, esperando por uma resposta, mas quando ela não disse nada, ele deu as costas. O gesto não poderia doer mais se ele tivesse cortado sua garganta.

Ela usou de sarcasmo ao redor dela como uma armadura. Seu riso tinha um tom zombeteiro. — Pelo menos eu sei que você estará altamente motivado para encontrar a cura.

Ele girou em descrença. A dor rasgou forte e rápido através de seus olhos antes que desviasse o olhar.

Oh, Abençoado Criador. Se ao menos ela pudesse retomar as palavras. Rafael não merecia. Ele identificou o veneno que a infligiu,

criou uma pomada que fechou suas feridas superficiais e trabalhou até a exaustão tentando desenvolver uma cura à base de plantas. Presumivelmente, ele também havia deixado a segurança de Aeternae Noctis para procurar o antídoto para ela.

Todo o esforço que ele gastou, todos os riscos que assumira, foram por ela.

Siri engoliu em seco contra o peso da culpa. — Rafael, eu...

Ele balançou sua cabeça. — O Imortali estava certo.

— Certo sobre o que?

— Sobre você.



— Sobre mim?

Rafael não respondeu. Ele não confiava em si mesmo para falar sem atacar. Ele passou os dedos pelos cabelos. Suas unhas afiadas arranharam seu crânio. Se pudesse puxar o eco provocador dela da cabeça dele. *“Pelo menos eu sei que você estará altamente motivado para encontrar a cura.”*

Amá-los é ser amaldiçoado. Ele deveria ter confiado no Imortali que falava com a voz da razão fria e amarga. Tudo o que fez foi um meio para encontrar a cura pelo envenenamento por acônito.

Ela o encarou, a expressão em seus olhos violeta indecifrável.

Rafael desviou o olhar. Ele pensou que a conhecia. Ele admirara sua força e coragem. Ele gostava da companhia dela, de suas conversas fáceis, e valorizava o que imaginara ser a amizade dela. Se ele a amava, era nos seus próprios termos, sem nenhuma expectativa de que seu amor fosse correspondido. Afinal, ela era uma Icrathari e ele era humano. O relacionamento terminaria com sua morte a poucas décadas de distância.

Não mais.

As mãos de Rafael fecharam-se em punhos; as unhas cortaram as palmas das mãos. Ele não tinha ninguém para culpar além de si mesmo. Ele havia deixado a segurança de Aeternae Noctis e se colocado em perigo. Ele condenara sua alma por uma Icrathari que não sentia nada por ele.

A morte estava agora a uma eternidade de distância, e Siri era tanto um enigma como sempre fora.

Ela era um Night Terror, e agora ele também era.



CAPÍTULO 12

Um conjunto de túneis passava por cavernas, grandes e pequenas. Um rio subterrâneo, brilhando com bioluminescência azul, serpenteava pelas cavernas. O riacho ocasionalmente mergulhava sob pilhas de pedras e reaparecia, borbulhando no chão em várias cavernas depois. Caminhos desgastados no chão pelo passo de muitos pés forneciam a única evidência de que os Daevas já haviam habitado essas cavernas. Cogumelos e samambaias, aninhados em canteiros de musgo, cresciam em cantos úmidos. Rafael parou para examinar as plantas, ocasionalmente adicionando uma ou outra à sua coleção.

— Você encontrou o que precisa? — Siri perguntou, espiando por cima do ombro. Sua voz era casual, como se nada entre eles tivesse mudado.

Rafael não se permitia ser consumido pelo conhecimento de quão pouco ele significava para ela, não quando a culpa era parcialmente dele. Ele deveria saber que não devia confiar em uma Icrathari.

A única coisa que ele ainda podia fazer era seguir em frente. Ele tinha que ficar à frente da dor ou isso o esmagaria. Rafael recorreu à defesa emocional que utilizara quando conhecera Siri, no dia seguinte à perda do filho. Friamente profissional, ele assentiu sem olhar para ela. — Não, mas encontrei muitas outras que não esperava. — Ajoelhou-se e transplantou outra espécie de cogumelo em um de seus frascos de coleção. — Há vida aqui em baixo.

— Os humanos poderiam viver aqui?

Rafael olhou em volta. Eles poderiam? As cavernas eram espaçosas e as pessoas teriam acesso à água. A bioluminescência oferecia algum tipo de luz, e a temperatura era estável, embora um pouco fria. As pessoas estariam a salvo do sol.

— O que eles fariam por comida? — ele perguntou.

O olhar de Siri varreu a largura da caverna. — A terraformação pode alterar o conteúdo mineral do chão da caverna, tornando-o adequado para as plantas. Eu posso instalar colunas leves para as colheitas.

— Como você alimentaria as colunas?

— Células de energia solar. Colocarei estações de carregamento na superfície da Terra. As pessoas teriam que reabastecer as células

todas as noites quando fosse seguro emergir do subsolo. — Siri deu de ombros; ele percebeu que ela estava pensando em voz alta enquanto passeava pela grande caverna, esboçando mentalmente o layout do novo posto avançado. — O acordo não seria bonito. Não seria o mesmo que viver na superfície, aproveitando a luz do sol sob a proteção da cúpula, mas haveria espaço para expandir e permitir que as famílias crescessem.

Ele vislumbrou uma pitada de desespero em seu olhar, embora não pudesse imaginar o porquê. O acordo, por qualquer motivo, significava muito para ela. — E os Daevas? — Ele perguntou.

— O único problema no grande plano —, admitiu Siri. — O posto avançado, e eu não começaria com a migração em massa, precisaria ser protegido por vampiros. Nós nunca os superamos, então teremos uma luta inteligente. Eu teria que desenterrar o armamento do século XXI que escondi e descobrir o que podemos usar contra os Daevas sem derrubar as cavernas ao nosso redor.

Ele levantou-se e espanou as mãos nas calças. — Eu ficarei aqui.

Ela levantou a cabeça. — O que?

— Eu vou ficar aqui, com o novo posto avançado. Você precisará de um vampiro mais velho, caso o Imortali retorne.

Ela deu a ele um olhar firme e inescrutável.

As mãos de Rafael fecharam-se em punhos. Ela esperava que ele fosse voluntário. O assentamento subterrâneo era sua maneira de mandá-lo embora? Talvez ela tenha percebido, como ele, que era o melhor. Ele havia confundido proximidade com amizade e até amor uma vez antes. Ele não pretendia cometer esse erro novamente. A distância entre eles o protegeria contra isso.

Rafael olhou para o som de passos movendo-se rapidamente em direção a eles. Ele sentiu o cheiro de aromas familiares, Jaden e Talon, e preparou-se para o choque.

Os dois vampiros mais velhos pararam tão rapidamente que quase derraparam no chão arenoso da caverna. A mandíbula de Jaden caiu. — Rafael?

Rafael não se sentia tão diferente, mas supôs que a diferença entre um humano e um vampiro mais velho seria óbvia para Jaden e Talon.

Talon soltou uma gargalhada. — Parece que o discurso sobre vampirismo funcionou, afinal.

Jaden fez uma leve carranca enquanto caminhava para frente. — Rafael, você está ...? — Ele lançou um olhar rápido e incerto a Siri. — Eu sei que você não queria isso.

— A decisão está tomada. Não há como desfazer isso. — Rafael soltou o fôlego, os ombros caídos em um suspiro silencioso. — Eu vou

sobreviver de alguma forma. — Ele mudou a mochila. Estava cheia, mas ele não percebeu seu peso. — Precisamos voltar.

Jaden assentiu. — Talon disse que sentiu a presença de um Imortali.

— Existe mesmo um Imortali—, confirmou Siri. — Mas eu não lembro dele, o que é estranho. — Ela balançou a cabeça. — Eu tenho que conversar com Ashra e Tera sobre os Imortais. Se elas estão criando, de alguma forma...

Rafael interrompeu. — O Imortali disse que veio de Aeternae Noctis. Ele disse que foi descartado, enterrado fora da cidade.

— Descartado? Ele está definitivamente louco, então —, disse Siri. — Analisamos todas as esperanças de vampiros mais velhos completamente. Dei-lhes instruções detalhadas sobre o que iria acontecer com eles e o que fazer se sobrevivessem à transformação. Talon conseguiu, mas isso foi antes de Aeternae Noctis, e depois nada por mil anos, até Jaden.

— E agora Rafael —, acrescentou Talon com um sorriso. — Estou feliz que você tenha conseguido, apesar de nunca ter duvidado.

— Então você teve mais fé em mim do que eu.

Talon deu de ombros. — Geralmente é assim que funciona. Bem vindo à eternidade.



Uma laje de pedra bruta, com paredes inclinadas e um telhado inclinado, ficava às margens do que antes fora um rio. Dentro da estrutura, uma escotilha escondida no chão sacudiu e depois se levantou lentamente. Um par de olhos violeta espiou pela fenda estreita e apertou os olhos contra os raios de sol que entravam pela porta aberta do edifício de pedra.

Carrancuda, Siri fechou a escotilha. Suas asas dobraram contra suas costas quando ela caiu no chão para juntar-se aos três vampiros mais velhos. —Perdemos nossa janela para retornar a Aeternae Noctis. Provavelmente temos dez ou mais horas de luz do dia para matar antes que possamos sair novamente.

— Oh, que bom. — O sorriso de Talon mostrou suas presas. — Temos tempo para lutar. Nós podemos matar algum tempo e Daevas. Como isso é eficiente?

— Não estamos aqui para cumprir sua vingança privada durante seus quinhentos anos de prisão.

— Vingança particular? Ah, não, isso é um bem social... uma responsabilidade pública de acabar com todas as criaturas aladas antigas com más atitudes, excluindo a chefia atual, é claro.

Jaden balançou a cabeça. Seu suspiro estava entrecortado de diversão. — Ashra teria arrancado suas entranhas por esse comentário.

Talon sorriu. — Sim, e Tera teria me espetado. Essas duas

senhoras não têm senso de humor algum. Mas, na verdade, sou incapaz de não fazer nada por dez horas...

— É o que diz o vampiro que ficou preso por quinhentos anos. — Jaden riu.

Rafael interrompeu. — Nós poderíamos explorar. Encontrar um local adequado para o novo posto avançado.

Os olhos arregalados de Jaden e Talon moveram-se entre Rafael e Siri. — Que novo posto avançado? — Jaden perguntou.

Um sorriso espalhou-se pelo rosto de Siri e ela começou a falar.

Por alguns minutos, Rafael ouviu a explicação de Siri e depois afastou-se do grupo, buscando a solidão e a quietude de seus próprios pensamentos. As reações de Jaden e Talon eram o que ele esperava - Jaden estava cautelosamente otimista e Talon dobrou-se com risadas incrédulas.

No entanto, Talon havia feito excelentes pontos.

As cavernas eram miseravelmente escuras.

É verdade, embora a visão de vampiro de Rafael lhe permitisse extrair toda a luz do ambiente. As cavernas que eram totalmente escuras antes agora tinham tons azul-acinzentados, como o último suspiro do crepúsculo ou o primeiro beijo do amanhecer. Pinceladas de cores emanavam de algas, plantas e insetos bioluminescentes. A luz dançava na escuridão, transformando as cavernas em um país das maravilhas místico. Não era luz do sol, mas ainda era bonito.

As cavernas eram úmidas e cheiravam a podridão.

É verdade, embora apenas os seres vivos pudessem apodrecer. Por implicação, então, as cavernas possuíam vida suficiente para serem atormentadas pela morte. Além disso, a umidade afetava apenas as cavernas onde o rio subterrâneo borbulhava na superfície, e a vida prosperava nessas cavernas. Cogumelos e samambaias floresceram no solo escuro da margem do rio.

Rafael ajoelhou-se e passou os dedos pela terra. Tinha um cheiro mais rico que a terra que usava para suas ervas mais delicadas e estava carregado de nutrientes e minerais. Se tivesse acesso a geradores solares e colunas de luz, ele poderia criar uma estufa incrível. A visão tomou forma: lotes de ervas medicinais naquele canto, plantas e flores comestíveis ao lado deles. As plantas venenosas estariam em uma área separada, envasadas individualmente; o local cercado para manter as crianças afastadas.

Seu jardim em Aeternae Noctis também era cercado, mas Stefan não precisara de tal orientação. Rafael e Stefan passaram horas juntos trabalhando no jardim, podando as folhas frágeis e transferindo mudas para vasos maiores. Ele ensinara ao filho seu ofício; Stefan havia aprendido a distinguir as plantas perigosas das que eram seguras. Ele sabia que Stefan poderia ser abatido aos cinco anos, mas

ele recusara-se a racionar seu amor. Ele havia se concentrado, apostado, no futuro. E havia perdido.

Ele jogou mais uma vez, desta vez em seu inexplicável fascínio por Siri e em sua compulsão por ajudá-la. E ele havia perdido novamente.

As cavernas eram monótonas.

É verdade que elas eram silenciosas e solitárias, abençoadamente. Eles forneceram exatamente o que ele precisava; tempo e espaço para aprender a viver com o silêncio e o vazio dentro dele. Ele poderia encontrar satisfação, se não felicidade aqui.

O que aconteceu com sua alma? Pereceu, como o povo de Aeternae Noctis acreditava, no momento em que se tornou um vampiro? Ele trocou sua prometida vida após a morte com Ariel e Stefan por uma eternidade de nada?

Ele estremeceu. A eternidade era longa demais para ser contemplada, especialmente para um homem que, até recentemente, contava a cada hora de cada dia apenas para passar cada hora de cada noite revirando na cama. Por um tempo, Siri havia lhe dado um novo objetivo, mas agora sabia que era pouco mais que uma ilusão.

Novos arredores e um novo começo eram exatamente o que precisava.

Um gemido silencioso o alcançou. Ele franziu a testa e inclinou a cabeça para ouvir.

Algo farfalhou. Pode ter sido grandes asas de couro.

Os sons ricocheteavam em pequenos ecos nas paredes curvas, dificultando a identificação da fonte, mas ele caminhou na direção aproximada. Ocorreu-lhe que, horas antes, ele teria se retirado para a segurança perto de Talon, Jaden e Siri.

Aparentemente, sua cautela saudável em manter distância de sons estranhos havia perecido junto com sua humanidade.

O que mais havia mudado? Ele realmente queria saber?

Ele caminhou em direção a um aglomerado de pedras. A tensão percorreu a largura de seus ombros. Algo estava por trás das pedras, embora não pudesse dizer como sabia. Talvez o cheiro, o som e a maneira como o fluxo de ar mudou, algo muito sutil para ser detectado por um humano, mas óbvio para um vampiro.

O movimento explodiu. Uma agitação de asas embaçou sua linha de visão.

Rafael levantou os braços para bloquear as garras que raspavam em seu rosto. Ele golpeou o Daeva, jogando-o contra a parede da caverna.

Bateu na parede e caiu no chão. O demônio de estrutura pequena enrolou-se em uma bola fetal. Sua mão esquerda pressionava contra o coto sangrando do braço direito. Rafael olhou. Seu sangue era

dourado, suas unhas peroladas. Não era mais alto que um Icrathari, e aquelas asas, a envergadura de três metros, o couro preto liso ...

Os Daevas, criaturas que Rafael havia considerado demônios, estavam relacionados aos Icrathari.

Ela nunca me contou.

Ele inalou profundamente. Um leve perfume provocou seus sentidos.

Cuidadosamente, ele se aproximou da criatura encolhida. A criatura tentou dar um tapa nele, mas Rafael era mais forte. Ele pegou o pulso do Daeva e manteve o rosto da criatura imóvel enquanto inclinou-se perto e respirou fundo.

Os olhos amarelos do Daeva piscaram para ele.

Movimento balançou atrás dele. Rafael virou-se. Garras cortaram sua mandíbula. Unhas afiadas marcaram sua bochecha. O ataque o fez cair no chão. Ele rolou com o impulso e se agachou.

Uma voz baixa rosnou. — Fique longe dela. — O Immortali puxou a Daeva ferida em seus braços e correu para as profundezas das cavernas não mapeadas.

Rafael conteve um grunhido de dor enquanto se levantava. Ele enfiou a mão na mochila em busca de folhas de yarrow e as pressionou contra sua carne rasgada. Ajudaria? Quem sabia? Tudo seria uma jornada de descoberta para ele. A carne formigou e se contraiu. O sangramento diminuiu e parou, mas a lesão não fechou.

— Rafael! — A voz de Talon rolou em ondas ecoando pelas cavernas. Momentos depois, ele irrompeu na caverna. Os olhos dele se estreitaram. — O que aconteceu aqui?

— Encontrei uma Daeva ferida. O imortal voltou, bateu-me e levou-a embora.

— Parece que mais do que lhe deu um tapa. — Talon pegou o queixo de Rafael e virou a cabeça para o lado para que Talon pudesse examinar melhor a ferida. — Por que não está fechando?

— Porque eu tenho envenenamento por acônito no sangue.

Talon soltou o queixo de Rafael e deu um passo para trás.

— Não é infeccioso —, disse Rafael. O tom amargo em sua voz o surpreendeu. — Desde que você não me morda e beba meu sangue.

— Vou manter isso em mente. — Talon franziu a testa. — O que você vai fazer sobre isso?

— Encontrar uma cura. O veneno de acônito nasceu aqui, nessas cavernas. Nossa melhor chance de encontrar uma cura também está aqui.

— É por isso que você se ofereceu para iniciar o acordo e protegê-la?

Rafael assentiu.

Talon olhou para Rafael. — O fato de o plano funcionar

excepcionalmente bem para manter Siri à distância não teria nada a ver com a sua decisão, teria?

Rafael deu de ombros enquanto amarrava os restos de sua camisa frouxamente em volta do pescoço para esconder a ferida. — Coincidência?

Os olhos de Talon se estreitaram. — Você não vai morrer por isso, vai?

— Eu não sei —, disse Rafael. — Tudo novo. A única coisa que sei é que não sou mais humano. No mais estou aprendendo da maneira mais difícil. — Ele fez uma pausa. — Os Daevas, eles estão relacionados com os Icrathari?

Talon assentiu. — Ninguém realmente fala sobre isso, mas ouvi dizer que quatro Icratharis optaram por não entrar na Aeternae Noctis. Megun, a Daeva que feriu Siri, era um deles.

— Então os Icrathari evoluíram pela exposição ao sol e se tornaram Daevas? Que outros elementos de sua fisiologia mudaram?

Talon deu de ombros. — Como eu vou saber?

— Eles não o mantiveram em cativeiro por quinhentos anos?

— Sim, mas não conversamos muito durante esse período.

— O que aconteceu com Megun? — Rafael perguntou.

— Ashra a matou depois que ela e Elsker lideraram um ataque a Aeternae Noctis.

— Ashra matou Megun em Aeternae Noctis? O que aconteceu com o corpo de Megun?

— Eu não sei. Por quê?

— Porque pode haver oligoelementos no veneno em suas unhas, garras, ou como você os chama.

Talon examinou as unhas peroladas. Eles se estenderam como instrumentos curvos e afiados de morte. — É garras? — Ele riu de sua própria piada. — Não sei o que aconteceu com o corpo dela, mas Siri provavelmente sabe.

— O que eu sei? — A voz de Siri interrompeu quando ela e Jaden entraram na caverna. Ela levantou a cabeça e respirou fundo. Ela provavelmente cheirou sangue. O olhar dela afiou e estreitou nele. — Você entrou em uma briga?

— Com os Imortais.

— O que?

— Encontrei uma Daeva e queria dar uma olhada mais de perto

— Você o que? — Siri, Jaden e Talon perguntaram em uníssono.

Rafael olhou para Siri. — Ela estava sangrando. Você arrancou o braço dela...

— Então, por que você não arrancou o outro? — Talon exigiu.

— Ou melhor ainda, arrancou a cabeça?

Com esforço, Rafael manteve a voz calma. — Porque eu sou um herbalista. As pessoas procuram ajuda e eu as ajudo. Não machucar as pessoas é um mau hábito que eu aprendi ao longo do caminho.

Talon sacudiu a cabeça. Ele olhou para Jaden. — Ainda temos um longo caminho a percorrer.

— O Imortali derrubou-me, pegou a Daeva e fugiu.

Talon e Jaden trocaram olhares. — Devemos dar uma olhada —, disse Jaden.

Talon assentiu.

— Preste atenção aonde você vai —, ordenou Siri. — Precisamos mapear as cavernas se quisermos selá-la para o acordo.

Rafael pegou sua mochila, jogou-a sobre os ombros e seguiu os dois vampiros mais velhos.

Siri manteve o passo ao lado dele. — Você está gravemente ferido? — ela perguntou, sua voz baixa.

— Eu posso acompanhar —, disse Rafael antes de mudar de assunto. Manter a conversa focada em questões práticas o ajudou a ficar à frente da dor forte por estar ao seu redor. — Eu queria perguntar sobre Megun.

— O que tem ela?

— Onde está o corpo?

Por um momento, Siri pareceu confusa. — Oh, Megun, a Daeva, não a criança Daeva-Icrathari.

Os olhos de Rafael se arregalaram. — Existe um híbrido?

— A criança nascida de Megun e Elsker. Ashra e Jaden estão criando ela.

O queixo dele caiu. — Não é de conhecimento geral, é?

— Não é algo que dizemos aos humanos, não —, Siri concordou. — Então, o que tem o corpo de Megun?

— Alguém fez uma autópsia?

— Por que nós faríamos? Nós sabemos como ela morreu. Ashra cortou a garganta e arrancou o estômago.

— Alguém verificou suas unhas, garras - em busca de vestígios de acônito?

Os olhos de Siri se arregalaram. — Não, nós não fizemos. Isso nunca nos ocorreu. Podemos fazer isso quando voltarmos. Congelamos o corpo dela.

— Está na arca?

Ela assentiu. — Como isso ajudará sua pesquisa na cura?

— Não tenho certeza —, disse Rafael. — Eu só preciso verificar alguma coisa. — Sua testa franziu quando ele tentou trabalhar com fatos que não se alinhavam. Ele franziu a testa. — O Daeva que

ajudei... cheirei acônito em sua respiração.



CAPÍTULO 13

Quando Siri, Rafael, Jaden e Talon retornaram a Aeternae Noctis dez horas depois, eles não esperavam uma recepção calorosa. Mesmo assim, eles subestimaram a profundidade da ira de Ashra.

Dizer que Ashra estava furiosa teria sido um eufemismo. A emoção de conquistar um vampiro mais velho não diminuiu sua raiva. O retorno seguro de Jaden mal a acalmou. Siri fez o possível para ficar fora do caminho; não foi difícil com a raiva de Ashra focada, corretamente, em Jaden e Talon. “Inimaginavelmente juvenil”, foi a coisa mais gentil que ela disse. Se deteriorou rapidamente depois disso. Quatro mil anos de existência deram a Ashra um repertório extremamente amplo de maldições em vários idiomas.

— Encontrei algo na caverna, — Siri interrompeu. Seu olhar varreu Ashra, Tera, Rafael, Jaden e Talon, antes de pegar o pedaço de plástico e alisá-lo sobre a mesa.

Os dedos de Ashra traçaram levemente a escrita preta no plástico quase translúcido. — Parece... fresca.

— É plástico decomponível. Não duraria mais de cinquenta anos depois de feito. Você consegue ler as palavras?

— Você não pode? Você é nosso gênio residente. — Ashra franziu a testa, como se tentasse identificar as letras escuras. — Indo-europeu. Do norte da Alemanha.

— Não. É norueguês —, disse Siri. — Svalbard Global Seed Vault.

A cabeça de Ashra levantou. — O que?

Siri apontou o plástico. — Este invólucro tem menos de cinquenta anos, ostenta as marcações do cofre de sementes e rastreia evidências de solo.

— O cofre de sementes... — Tera murmurou. — Mas o sol o teria destruído.

Siri balançou a cabeça. — Eles tiveram tempo. O banco de sementes está dentro de uma montanha enterrada em permafrost. Eles estavam trancados no meio do inverno quando os humanos incineraram a atmosfera. Sua localização, mais distante dos raios solares, os salvou, pelo menos enquanto a Terra levou para girar para liberar o verão. Os humanos em Svalbard teriam seis meses para se preparar.

— Para quê? A morte?

— Vida. — Siri pegou o plástico da mão de Ashra e acenou no rosto de Tera. — Você não vê? Há algo lá fora em Svalbard. De alguma forma, os Daevas o encontraram.

As asas de Ashra sacudiram um sopro de vento. — Como está a instalação dos painéis solares?

— Terminarei em quarenta e oito horas. Já calculei nossa rota para a Sibéria. Depois disso, passaremos por Svalbard.

Tera fez uma careta. — Minha lembrança da geografia da Terra tem mil anos, mas não me lembro desses lugares serem próximos um do outro.

— Svalbard é muito remoto para estar a pouca distância de qualquer coisa, mas com os painéis solares instalados e sem a necessidade de superar o sol, podemos chegar a qualquer lugar, eventualmente.

— O que implora a pergunta... — Jaden falou. — Como os Daevas conseguiram viajar até Svalbard?

— Eu não sei. Essa é uma pergunta que teremos que fazer a eles ou ao imortal com eles.

Tera interrompeu. — O que é isso sobre imortal? Eles também estão nas cavernas?

— Pelo menos um está —, disse Siri. — Mas ele não é um dos que oficialmente transformamos.

— Existem imortais não-oficiais transformados por aí? — Ashra perguntou.

— Ah... — Siri teve o bom senso de escolher suas palavras com cuidado. — Apenas um que conhecemos.

— O que você sabe sobre ele? — Ashra perguntou.

— Não muito. Ele é um artista.

A cabeça de Tera levantou-se. — O que?

— Um artista —, disse Siri. — Ele pintou um lindo mural de Aeternae Noctis nas paredes de pedra calcária.

— Qual era o nome dele? Há quanto tempo ele é imortal? — Tera perguntou.

Siri olhou para Rafael.

Ele encolheu os ombros. — Ele não disse. Ele sugeriu que já fazia um bom tempo.

— Como ele era?

— Alto e magro. Loiro, eu acho. Olhos azuis.

A senhora da guerra Icrathari soltou uma respiração trêmula.

Siri franziu a testa. — Tera?

— Não é nada.

— Nada está fazendo um ótimo trabalho de irritar você.

O queixo de Ashra ergueu-se. — Você o transformou, não foi,

Tera? Sem autorização. Quem era ele?

— Um poeta e artista. — A voz de Tera foi moderada. — Isso aconteceu durante a última rebelião em toda a cidade, cerca de duzentos e cinquenta anos atrás.

— O liderado por Yuri.

Tera assentiu. Ela andou pela largura da câmara. Suas asas farfalharam quando ela se moveu. — Ele estava no lugar errado na hora errada. Ele foi pego... ferido na luta. Ele estava morrendo. Então eu o transformei.

As sobrançelas de Siri se arquearam. Certamente estavam faltando grandes pedaços da história. Ela e Ashra trocaram um olhar. — Humanos morrem o tempo todo. Por que você não o deixou morrer?

Asas de morcego queimaram. — Ele era diferente.

Diferente. Siri sabia como essa palavra não podia significar nada e tudo. Rafael também era diferente, e ser diferente em um mundo ancorado em torno da guerra perpétua era convincente.

Mesmo assim, havia algo mais na voz de Tera. Algo mais do que apenas memória.

— Qual era o nome dele? — Ashra perguntou.

— Erich Dale.

— Sério? — Siri perguntou. — A mãe de Yuri era uma Dale.

— Eles são primos. — Tera balançou a cabeça. — Não sabia que ele havia sobrevivido à transformação, embora suponha que não, já que ele é um imortal.

Rafael falou. — Eu conheci apenas um imortal. Não sei como deve ser um imortali insano, mas Erich não parecia insano. Amargo e bravo, mas não louco.

— Ele salvou as Daevas que machuquei —, disse Siri. Talvez aqueles jovens Daevas, como Erich, estivessem no lugar errado na hora errada. Eles não pareciam preparados para a batalha. Mas se eles não entraram na caverna com a intenção de lutar contra Rafael e ela, eles devem ter entrado nela em busca dos imortais, mais uma evidência de uma parceria entre os imortais e os Daevas.

Jaden falou. — Ele poderia ter sido o Imortali que vi na caverna quando escapei?

— Espero que sim —, disse Siri. — Eu não acho que poderíamos sobreviver a uma parceria entre vários imortais e Daevas. Você não disse que aquele Imortali os comandava?

— Isso certamente me pareceu —, confirmou Jaden. — Temos que encontrá-lo. Ashra quer alguém na mesa que possa negociar uma paz. Nós precisamos deste imortali. Ele é a chave da paz com os Daevas.

Algo perigoso brilhou nos olhos dourados de Ashra. — Você o

encontrará, não é, Tera?

Tera assentiu, mas não encontrou o olhar de Ashra.

— E para ser perfeitamente claro, precisamos dele vivo.

Siri abafou uma risada. Ashra conhecia Tera bem, mas aparentemente não estava bem o suficiente se a paixão de Tera por um artista tivesse passado despercebida. — Você não disse a Erich o que fazer se ele sobrevivesse à transformação?

— Eu fiz, mas não sei se ele me ouviu. Ele já estava se transformando.

Siri balançou a cabeça. A transformação desencadeava o inferno em sentidos humanos despreparados. Erich fora arremessado, despreparado, para a transformação e não sabia como voltar para Aeternae Noctis. No entanto, de alguma forma, ele havia sobrevivido e conquistado uma posição de influência, talvez até poder, com os Daevas.

Tera deu as costas para Siri e Ashra. — Eu vou encontrá-lo. Talon, você vem comigo.

— Espere. — Siri levantou as mãos. — Que parte de 'esta cidade está viajando para o norte para a Sibéria' você não entendeu?

— A ameaça está aqui —, disse Tera.

— A oportunidade está aí —, apontou Siri.

Rafael falou em voz baixa. — E o assentamento nas cavernas?

Ashra arqueou uma sobrancelha.

Siri respirou fundo antes de se virar, ostensivamente para olhar para Aeternae Noctis. Falar era mais fácil quando ela não precisava olhar para Rafael e testemunhar o silencioso desgosto em seus olhos. — Rafael levantou a possibilidade de um acordo nas cavernas, mas isso foi antes de tomarmos a decisão de viajar para Svalbard.

Rafael balançou a cabeça. — Não importa se temos acesso a todas as ervas e curas do mundo, se não podemos testar seus efeitos. O veneno nasceu nas cavernas. Ele infectou os Daevas. É aí que encontraremos a cura.

— Você vai capturar Daevas e tentar curá-los de envenenamento por acônito? — Os olhos de Talon se arregalaram. — E eu pensei que era louco.

— Não há outra maneira de testar com segurança as poções e pomadas antes de entregá-las à Siri.

Força de vontade impediu a voz de Siri de tremer. — Mas o risco...

— Alguém tem que aceitar, e eu sou o único candidato óbvio. Preciso de tempo para examinar e cultivar ervas lá em baixo. Eu sei como preparar, misturar e testá-los, e sou o único que você pode economizar. Eu não sou um guerreiro. Não posso ajudá-la a defender Aeternae Noctis.

O olhar de Ashra era duro. — Você tem certeza da sua decisão? Ele assentiu.

Siri fechou os olhos com força, em negação, em protesto, mas ele fez sua escolha e Ashra a afirmou.

A rainha Icrathari assentiu. — Então, faremos o possível para garantir sua segurança nas cavernas antes de viajar para o norte, para a Sibéria e Svalbard. — Ela alisou o pedaço de plástico, a primeira dica de vida além de Aeternae Noctis. — Os Imortais, e provavelmente os Daevas, também estiveram lá. A ameaça está em toda parte; talvez eles achem Aeternae Noctis um alvo muito mais interessante do que um vampiro solitário. Por esse motivo, você pode estar seguro. Sua voz afiou com um aviso. — E Rafael, você está lá para realizar pesquisas, não para começar uma briga com os imortais. Você o deixará com Tera.

Jaden assentiu. — O Imortali é perigoso. Não acho que alguém, nem um vampiro mais velho, nem mesmo um Icrathari, deva enfrentá-lo sozinho.

Siri respirou fundo. — Jaden está certo. Erich Dale é perigoso, não porque ele é louco, mas porque há uma excelente chance de ele não ser.



CAPÍTULO 14

Depois que Ashra terminou a reunião, Rafael voltou para o conjunto de salas na torre que Siri havia reservado para seu uso. A sala principal foi reformada transformada em uma estufa. Suas ervas, incluindo vários vasos de acônito, floresceram sob colunas de luz branca. As duas salas adjacentes abrigavam um laboratório do século XXI e um quarto com um banheiro anexo. Rafael nunca dormiu na torre, mas naquele momento ele apreciava o acesso a um banheiro. Ele lavou o sangue e o fedor da batalha antes de trocar as roupas que Siri colocou no armário.

As bordas irregulares das feridas em seu pescoço, mandíbula e bochecha deixaram a carne exposta, mas não sangravam mais. Ele enrolou um pano em volta do pescoço para esconder o ferimento; esperava que uma aplicação de pomada fechasse a ferida mais tarde. Enquanto isso, ele tinha trabalho a fazer antes de partir para as cavernas.

As luzes brilhantes do laboratório lançavam um brilho implacável sobre a laje de metal e o corpo rígido e frio de Megun. Na morte, com as asas abertas e os membros contorcidos pela agonia de seus momentos finais, ela parecia o demônio da lenda em comparação com a beleza angelical dos Icrathari, exceto que eram geneticamente a mesma espécie, e ela era mãe.

Rafael ainda não tinha visto a criança Daeva-Icrathari com o nome de sua mãe, mas a criança não era seu foco naquele momento. O processo criogênico eliminou os aromas naturais da Daeva morta, mas com pouca dificuldade, Rafael extraiu um frasco de sangue e testou-o quanto a acônito. O resultado foi positivo, assim como os recortes de unha de Megun.

Ele prendeu a respiração quando olhou para cima. Seu olhar se concentrou na parede oposta do laboratório, mas seus olhos vidraram as cartas.

O veneno infundiu os Daevas.

O que isso significava?

Megun provavelmente não era a única Daeva com acônito no sangue, Rafael também o cheirara na outra Daeva ferida, mas quão difundida era a condição? O acônito também retardou as capacidades de auto cura dos Daevas, ou os daevas superaram o acônito e, mais

importante, o incorporaram como arma?

Ele precisava de pessoas para teste, Daevas vivos, talvez o jovem Megun também. Ele tinha que encontrar a fonte de acônito nas cavernas.

Uma voz baixa o distraiu de seus pensamentos. — Então é verdade.

Rafael olhou por cima do ombro. — Lucas.

O vampiro entrou no laboratório. — Eu não acreditei na fofoca de que Siri havia transformado um humano em um vampiro mais velho. Jaden conseguiu, é claro, mas houve circunstâncias atenuantes, entre as quais ele possuía a alma reencarnada de um Icrathari. Ele olhou para Rafael, seu olhar desafiador. — Como você fez isso?

— Eu não sei.

Lucas seguiu um círculo em volta de Rafael, seus olhos demorando na faixa de pano em volta do pescoço de Rafael. — Suas feridas não estão fechando.

— Eu herdei o envenenamento por acônito do sangue de Siri.

— Então você não cura.

— Acho que não; não por minha conta.

— Mas suas pomadas

— Eles devem fechar as feridas, e existem ervas que podem ajudar na cura, mas eu não tenho a capacidade de auto cura de um vampiro.

— Mas você também não morre.

Rafael conseguiu dar um sorriso fino. — Aparentemente não. Inconveniente, não é? A única coisa pior do que viver para sempre é ser ferido e nunca se curar, para sempre.

— Eu ofereço a você uma infusão do sangue de Tera, mas não vai funcionar.

— O que você quer dizer?

— A única vez que vampiros ou Icrathari precisam de sangue é para curar. Quanto mais forte o sangue, mais rápida a cura. Tera é a única Icrathari cujo sangue não está contaminado com acônito, mas o sangue dela não vai curar suas feridas. Eu tentei com Siri meses atrás; não deu certo.

— Eu nunca pensei nisso —, confessou Rafael. — As pessoas da cidade costumavam acreditar que os vampiros levavam as crianças pelo sangue. Na verdade, eles ainda fazem.

Lucas encolheu os ombros. — O sangue humano não é particularmente saboroso ou satisfatório, mas era mais fácil permitir que as pessoas acreditassem no que queriam. Além disso, quem teria acreditado na verdade sobre os Night Terrors?

Ninguém. Rafael conseguiu dar um sorriso cansado. — Eu tenho que voltar para as cavernas. A caverna é a fonte do veneno e,

possivelmente, a cura. Eu tenho que encontrar.

— Por quê?

Porque sou tolo, ainda estou tentando ajudar a Siri. — Porque o acônito não era apenas algo que os Daevas aplicaram nas unhas antes de atacar Siri. — Rafael levantou o frasco do sangue de ouro de Megun. — O acônito está no sangue deles.

Lucas, que já era pálido, empalideceu ainda mais. — Mas isso significaria...

— Batalhas com os Daevas são inevitáveis. É uma questão de tempo até que todos os Icratharis e todos os vampiros sejam envenenados. — Rafael inalou profundamente. — Eu tenho que encontrar uma cura.

Lucas assentiu. — Boa sorte —, disse ele sem sarcasmo ou ironia, depois se virou para sair.

— Lucas —, Rafael gritou.

— Sim?

— Naquela noite, na floresta, por que você me atacou?

Os ombros de Lucas endureceram por um momento antes de ceder em um suspiro silencioso. — Eu temia por ela.

— Siri?

— Fui o primeiro, o único que sabia da lesão. Quinhentos anos de prática médica, mas não pude ajudá-la. Você fez, no entanto, com seus remédios à base de plantas. — Lucas riu, mas o som tocou sem humor. — Quando Siri foi até você para pegar a pomada, vi a história se repetindo. Por um momento, parei de pensar e ataquei você.

— O que você quer dizer com “história se repetindo”?

— Quinhentos anos atrás, eu era o médico da cidade. Eu estava apaixonado por Clara Miller. Meu rival por seus afetos era Nicholas Varens.

— Varens?

— Sua família estava no ramo de herbalistas, mesmo naquela época. Clara se comprometeu comigo, mas no final ela se casou com Varens. Eu exigi uma explicação, mas ela me dispensou com uma piada sobre uma poção do amor. Mais tarde, descobri que Clara estava doente e Varens lhe forneceu as poções que salvaram sua vida. — Lucas fechou os olhos brevemente, mas não antes que Rafael visse a dor passando através deles. Lucas continuou, sua voz instável. — Não sei se ela se casou com ele por gratidão ou amor, mas os motivos não importam. Ela deu à luz filhos, continuou sua linhagem.

— E? — Rafael perguntou calmamente.

— Eu nunca casei, nunca tive filhos. Um Icrathari me pegou e me transformou em um vampiro. Minha linhagem morreu comigo.

— A minha também está morta —, disse Rafael. — Stefan está na arca; ele nunca vai acordar. E agora, nunca terei outro filho. Se

você queria vingança, consegui Lucas.

— Eu nunca quis... — Lucas balançou a cabeça. — Por que você não disse a Siri que eu era o vampiro que atacou você?

— Porque você fez isso por ela, para protegê-la. Não vi nenhum motivo para atrapalhar isso. — O reconhecimento irônico impregnou o leve sorriso de Rafael. — No grande esquema das coisas, a vida de um humano seria um preço pequeno a pagar para salvar um Icrathari. É sobrevivência, não despeito. Nós dois sabemos que os Icratharis destruíram pelo menos tantas vidas quanto salvaram. Morte e vida distribuídas em medidas iguais.

Lucas assentiu. — Poucos os veem e os entendem como você, demônio e anjo habitando o mesmo corpo.

Demônio e anjo? Rafael balançou a cabeça. Siri era apenas... Siri. Única. Insostituível. Inesquecível. Ele olhou para Lucas. — Você a ama também, não é?

Lucas suspirou e baixou o olhar. — Ela facilita o amor. Ela não tem a indiferença gelada de Ashra ou a vantagem perigosa de Tera. Às vezes, ela até parece se importar.

Rafael lutou para manter sua postura relaxada. Ele também fora enganado pela atenção de Siri.

— Mas isso não a torna menos Icrathari —, continuou Lucas. — É uma maravilha que você não seja obcecado por ela.

— O que você quer dizer?

— Depois que te ataquei, ela te beijou para acessar suas memórias. Você sabe o que eles dizem sobre o beijo de um Icrathari. Isso distorce as emoções e compele o amor onde não deveria existir.

— Ela me beijou? — *Tudo o que senti... tudo o que ainda sinto por ela... mentiras, todas mentiras?* Rafael olhou para o frasco na mão. Força de vontade sozinha o impedia de esmagá-lo. Ele virou as costas para Lucas. — Por favor vá. Tenho trabalho a fazer.

Ele esperou até a porta se fechar atrás de Lucas antes de ceder à dor. Um grito arrancou dele. *Eu tenho sido um tolo. Ela não prometeu nada, mas eu dei tudo a ela.*

Ela o beijou, mas ele reconheceu sua atração não natural por ela. Ele poderia ter lutado, mas desistiu. Ele entregou a vitória a ela.

Horas se passaram antes que a mágoa e a fúria se transformassem em uma palpitação sem graça. No final, a racionalidade venceu. O que quer que Siri tenha feito, estava no passado e não importava mais. O jogo foi disputado. De volta às cavernas, ela deixara seu desdém abundantemente claro, tudo o que ela queria dele era a cura para o envenenamento por acônito.

E tudo o que ele queria era que Rafael respirasse fundo. Por alguns breves momentos, quando ele foi capaz de olhar além de tudo o que a Icrathari havia tirado dele, tudo o que ele queria era ela.

Talvez seu amor tenha sido construído com base em uma mentira, mas a base instável não o tornou menos real ou forte. Ele a amava simplesmente por quem ela era, não pelo que havia feito.

No entanto, o amor não mudou o fato de que ele não tinha lugar na vida dela. Ele não implorou, o que não lhe deixou outra opção a não ser partir, quanto antes, melhor.

Rafael providenciou para que o corpo de Megun fosse devolvido à sua câmara criogênica na arca e depois saiu da torre com o frasco de sangue de Megun escondido em sua mochila, aninhado ao lado de potes de cogumelos e musgo.

Ele voltou para sua casa para encontrar muitas mudanças. A fragrância de flores e ervas subiu para cumprimentá-lo, mas desta vez, seus sentidos aprimorados separaram a mistura do todo em seus componentes. Ele parou para acariciar uma orquídea e ficou impressionado com a textura profundamente diferente de suas pétalas aveludadas. Ele podia até distinguir suas fibras individuais.

Foi mais forte quando ele entrou na cabana. O perfume de Stefan, com mais de quatro meses, indetectável pelos sentidos humanos, era extremamente evidente para um vampiro mais velho.

A sensação de perda caiu sobre ele mais uma vez. Luto renovado, dor de cabeça revigorada.

Ele fechou os olhos com força para conter as lágrimas. A dor passaria um dia; esse dia não poderia chegar em breve. Seu olhar desviou para a pequena urna das cinzas de Ariel no local do manto. Ele levava a urna para sua nova casa nas cavernas. Ele teria que transplantar suas ervas em vasos, e os utensílios de cozinha, incluindo seu almofariz e pilão, precisariam ser embalados para a mudança. O livro de receitas dele também e -

— Rafael. — A voz familiar de Siri acalmou seus movimentos rápidos e nervosos em torno de sua casa.

Ele educou sua voz com cortesia profissional antes de responder. — O que foi?

Ela parou no limiar de sua casa. — Você colocou a pomada no seu ferimento no pescoço para fechá-lo?

Um músculo contraiu-se em sua bochecha lisa. — Estou trabalhando nisso.

Ela encontrou os olhos dele. — Estou aqui por você.

Você está? As palavras de Lucas voltaram para ele. *Às vezes, ela até parece se importar.*

— Rafael! — a voz de uma mulher chamou. Passos percorreram o caminho de paralelepípedos até sua casa, mas pararam. Sem dúvida, seu visitante viu Siri em pé na porta.

Rafael foi até a porta. Nancy Baker, assistente da parteira, parecia agradecida por ter alguém além de uma Icrathari. — As

contrações de Leona começaram e parece que será difícil. Meghan precisa de você lá... O rosto dela empalideceu e ela recuou vários passos até as costas baterem no poste da cerca. — Você ... você é um vampiro.

— Eu vou...

Nancy balançou a cabeça. — Não venha. Eles não vão querer isso. — Ela se virou e correu para longe.

Rafael xingou baixinho.

Siri olhou para ele, os olhos arregalados no rosto. — Você não vai?

— Eu não posso. Só vou piorar a situação. — Ele fechou os olhos com força. Em vez de expandir seu mundo, o amor, e a imortalidade, o haviam encolhido. Ele engoliu a risada irônica. Tarde demais. A decisão foi tomada e agora o preço tinha que ser pago. Concentre-se no aqui e agora; era tudo o que podia fazer. Com o pote de pomada na mão, sentou-se na cama. Siri estava sentada atrás dele, a curva de seus seios pressionados contra as costas dele, os braços em volta da cintura estreita dele. Ele arrancou a tampa e inalou o cheiro de terra da pomada. Sua mão tremia quando ele mergulhou os dedos na pomada fria.

Covarde, ele zombou de si mesmo.

Rafael inclinou a cabeça para expor o corte sangrento. Ele fechou os olhos, respirou fundo e, antes que pudesse mudar de ideia, passou a pomada sobre as feridas abertas.

A dor despedaçou seu mundo em estilhaços. Um milhão de fragmentos de sensações, cada um com um minuto de sobra para agarrá-lo, esmurrou-o, arrancando um grito dele.

Os braços de Siri apertaram sua cintura. — Eu tenho você —, ela sussurrou. — Estou segurando você. Sempre irei.

A escuridão o envolveu; seu calor suave continha os pedaços quebrados de sua psique até que seu corpo e mente trêmulos se juntaram. Quando ele abriu os olhos, encontrou as asas de Siri em volta dele, um cobertor de proteção.

— Você está bem? — ela perguntou baixinho.

— Ainda vivo —, disse ele, e então se perguntou se vivo estava tecnicamente correto, dado seu novo status como um vampiro mais velho. O termo preferido pelos humanos de *Aeternae Noctis* era morto-vivo, mas não havia nada morto em um corpo que tivesse sofrido a intensidade da dor que o agredia momentos antes. Talvez morrer fosse a melhor palavra - uma vida que se estendia para sempre, exceto acidentes.

As asas de Siri abriram-se, pequenos riachos de sangue dourado quase invisíveis contra o preto de suas asas de couro.

Os olhos de Rafael se arregalaram. Na loucura de sua dor, suas

unhas, suas garras, rasgaram suas asas. — Eu te machuquei.

— Não é nada. Apenas arranhões. Estou bem.

Ele franziu a testa. — Vampiros mais velhos não são capazes de causar apenas arranhões.

Siri riu, o som como o toque de sinos de prata. — Você realmente parece insultado. — Ela ficou de pé, as asas estendendo-se até a envergadura de três metros antes de dobrar contra as costas. Ela tentou esconder a leve careta que passava por seu rosto, mas não com rapidez suficiente para escapar à sua atenção. Ele abriu a boca para falar, mas ela o interrompeu segurando o queixo e virando o rosto para o lado para que pudesse examinar o pescoço dele. — Você não ganhará nenhum concurso de beleza com essa cicatriz

— Eu nem percebi que estava concorrendo a qualquer concurso de beleza antes de arrumar a cicatriz.

A risada de Siri foi encantadora e surpreendentemente infantil. — Considerando que existem apenas três vampiros mais velhos, você certamente ganhará algo, mesmo que seja o segundo colocado. Enfim... — Ela o soltou; a perda do toque dela fez algo doer profundamente em seu estômago. — Cicatriz desagradável, mas fechou. Suas pomadas são maravilhosas, Rafael.

— Agora só preciso encontrar algo para curar o envenenamento por acônito. — Com palavras concisas, ele resumiu tudo o que havia aprendido através da autópsia de Megun.

Siri franziu o cenho enquanto andava em sua pequena casa. — S e o veneno estava no sangue dela e nas unhas dela, estava quase certamente em todas as células do corpo. Megun não parecia estar morrendo. Lesões normais não a incapacitavam; Ashra teve que matá-la da maneira que se usa para matar os Faes.

— É isso o que sabem sobre vocês?

— O que? — Siri perguntou.

— Os faes. O povo das fadas.

— Claro. O que você achou que éramos?

Anjos. Demônios. — Eu não sei. Eu não gastei muito tempo pensando nisso antes. Agora vou ter muito tempo nas cavernas.

Ela suspirou. — Se você precisa de alguns para teste, podemos capturar Daevas em vez de matá-los. Você ainda pode trabalhar aqui, na cidade, onde está seguro.

— Precisamos de mais do que a cura. Precisamos de respostas para as perguntas.

— O que você quer dizer?

— Talon e Jaden me disseram que os humanos infundidos com sangue Icrathari foram enterrados fora da cidade porque a transformação levou horas e porque eles provavelmente ficariam loucos.

— Isso é verdade.

— Por que eu me transformei em minutos?

— Eu não sei.

— Por que eu não enlouqueci?

Siri abaixou o olhar. — Eu também não sei.

— Temos muitas perguntas e poucas respostas.

— Mas as respostas não estão lá nas cavernas.

— Por que não? É onde as perguntas começaram.

Ela foi até ele. — Você ficaria sozinho.

— Eu não me importo de ficar sozinho. Eu não pertenço a este lugar. Eu não posso ficar. — *Não implore. Ela quer a cura. Ela não quer você.* — Eu tenho trabalho que preciso fazer lá em baixo. — Ele levantou o frasco do sangue de Megun. — Precisamos de uma cura.

Ela olhou para ele. Seus lábios se moveram como se ela estivesse prestes a dizer algo, mas duas falsas partidas depois, seu queixo quadrado. — Você é um de nós agora.

— Não por escolha.

Ela ergueu o rosto. — Que escolha você teve de nascer aqui, em Aeternae Noctis? Nenhuma. Que escolha Jaden teve quando Ashra o transformou para salvar sua vida? Que escolha Erich teve quando Tera fez o mesmo por ele?

— Você poderia ter me deixado morrer.

Ela olhou para ele como se ele tivesse falado uma língua estrangeira. — Você não tem motivos para viver?

— O que eu tenho? — Ele passou a mão pela cabana, sem vida e amor. Ariel está morta. Stefan pode muito bem estar morto. E agora estou morto para o povo da cidade. O que vejo ao meu redor, senão a morte?

Ela caminhou até o dele e enrolou os punhos pequenos na camisa dele. — E a vida? Você tem a eternidade ao seu alcance - pode ter sucesso ou fracassar além de suas expectativas mais loucas.

— Então me deixe ir. Deixe-me trabalhar na cura do envenenamento por acônito. Você precisa disso; Ashra, Jaden e todos os vampiros que protegem a cidade.

— Mas por que você tem que sair?

— Eu já contei os motivos.

— Todos eles?

Ele encontrou o olhar dela com firmeza. — Todos eles. Por que você insiste que eu fique quando nós dois sabemos que não há nada para mim aqui?

Ela não disse nada. Sua expressão não revelou nada. Lentamente, ela balançou a cabeça.

Ela o estava mandando embora. Ela não o amava. Ele nunca ousou imaginar que ela faria. Aquele Imortalí, Erich, o avisara. *Amá-*

los é ser amaldiçoado.

Rafael fechou os olhos com força. Suas mãos se fecharam em punhos para conter os fragmentos de angústia que o perfuravam.

Amaldiçoado.

Não, o amor nunca foi uma maldição, mesmo que não fosse correspondido ou destinado a acabar. Abrace a beleza, a alegria, por mais transitória. Ele não aprendeu a fazer exatamente isso com Stefan?

Rafael abriu os olhos e olhou para Siri. Seu sorriso era instável, mas não forçado. — Quando posso sair de Aeternae Noctis?

— Posso montar uma casa para você nas cavernas dentro de uma semana. Você levará Stefan com você?

— Não, claro que não.

O desespero repentino passou pelo rosto de Siri, embora ele não entendesse o motivo.

Rafael balançou a cabeça. — Não há nada para ele lá.

— Mas você estará lá. — O desespero tingiu sua voz.

— Não sou suficiente e não posso mantê-lo seguro; nós dois sabemos disso. Ele ficará aqui com você, na arca, onde ele pertence. — Ele olhou para ela através dos olhos estreitados. Por que Siri parecia ter quebrado seu coração?

Mas ela não disse mais nada. Ela lhe deu as costas e saiu da cabana.

Ele não a viu sair. Com a cabeça erguida, apesar da dor latejante no peito, ele começou a fazer as malas. Não havia mais nada em Aeternae Noctis para ele.



No final, apenas Jaden estava na entrada de Aeternae Noctis para se despedir de Rafael. Jaden estendeu a mão. — Levará alguns meses para seguir para o norte, mas voltaremos para ver como você está e para garantir que você está bem. Apenas mantenha-se vivo.

Rafael ergueu os ombros. — Vale uma semana disso.

— Siri me disse que você fez uma boa exibição contra esse imortal. Confie nos seus instintos.

— Os mesmos instintos que me disseram que eu estava apaixonado por Siri?

— Você está?

— Ela me beijou. Ela torceu minhas emoções para servir a seus propósitos. O que sinto por ela não é real. — Rafael olhou para o chão bem abaixo da cidade, tão queimado que toda a umidade evaporou, deixando apenas poeira fina. *Bem-vindo ao inferno. Bem-vindo à liberdade.*

A afirmação de Jaden foi prática. — Ashra me beijou também.

Rafael virou-se para encarar Jaden.

Jaden deu de ombros, o movimento descuidadamente gracioso.

— Eu tenho a alma de Rohkeus. Entre isso e o beijo de Ashra, eu provavelmente não tive chance de pensar direito.

— Você não se importa que suas emoções não sejam suas?

— Eles não são? — Jaden perguntou.

Rafael suspirou. Jaden, como humano, tinha sido um líder e guerreiro respeitado. Mesmo que ele não fosse um Icrathari reencarnado, ele e Ashra eram bem parecidos. Não é assim, Rafael e Siri. Rafael balançou a cabeça. — Eu lido com a vida. Ela lida com a morte. Nós não temos nada em comum. Um truque, uma mentira, me liga a ela. Mas não mais. Ele respirou fundo e saltou da cidade.

Distantemente, como um sonho, a voz de Jaden o seguiu. — Nada falso dura para sempre. Especialmente amor.



CAPÍTULO 15

A agitação do Aeternae Noctis desapareceu em um ruído branco atrás de Siri quando ela abriu o portão baixo e entrou no jardim de Rafael. Flores e ervas, sem uso durante seis meses, derramavam-se de suas panelas para rastrear gavinhas frondosas através dos paralelepípedos. O emaranhado de plantas transformou seu jardim em um bosque místico, repleto de fragrâncias complexas que atormentavam seus sentidos.

O aroma de flores e ervas quase enterrou os restos do perfume de Rafael na casa abandonada. Ela caminhou pelo pequeno prédio, parando em cada quarto para absorver as camadas de poeira acumuladas sobre os móveis. Ela poderia ter varrido a poeira, mas, em vez disso, ela a deixou ficar.

O pó representava a inevitável marcha do tempo. Rafael havia escolhido seguir em frente. Ela poderia também.

Uma voz, como seda sobre uma lâmina de aço, cortou seus pensamentos. — Você está aqui novamente.

Siri estremeceu e mal conseguiu evitar se virar para encarar Ashra.

A rainha Icrathari entrou na cabana de Rafael e se virou para encarar Siri. — Você passa tanto tempo aqui, que eu me pergunto se você é obcecada por ele.

— Eu não sou.

Ashra arqueou uma sobrancelha.

Esse olhar frio teria feito um vampiro mais velho correr para se esconder. Siri apenas suspirou. — Eu... sinto falta dele —, ela admitiu.

Ashra esperou.

A boca de Siri se torceu em uma careta. — Um pouco.

Ashra não disse nada.

— Ta bom. Muito. — Algo ficou preso no peito de Siri, dificultando a divulgação das palavras. — Ele não queria ficar.

— Eu não posso acreditar que ele disse não para você.

Siri suspirou. É claro que Ashra nunca acreditaria que alguém pudesse dizer não a uma Icrathari. — Eu não contei a ele.

— Por que não?

— Como eu poderia perguntar mais sobre ele? Eu sabia no que estava me metendo quando me apaixonei por um humano. Eu estava

preparada para perdê-lo em algum momento... só que não estava pronta para perdê-lo naquele momento. Quando ele estava morrendo, entrei em pânico.

— A imortalidade não é uma maldição.

— É se você não a quiser. Ele nunca quis isso. A realidade a despedaçou. — Ele não me amava, não do jeito que eu o amava. Ele estava apenas esperando para morrer. Ele queria sua esposa morta, seu filho perdido. — *Impertinente. Auto centrado. Míope.* — Aqui estou eu, focada em manter a cidade funcionando, mantendo todos nós vivos; tudo em que ele consegue pensar é morrer.

— Como ele pode pensar o contrário? Jaden não fala muito sobre seu tempo como humano, mas ganhei novas idéias com o pouco que ele disse. Os humanos têm uma perspectiva diferente, e não é apenas porque a vida útil deles é de oitenta anos, em vez do infinito. Os pais da cidade não pensam ou falam sobre o futuro de seus filhos até depois do quinto aniversário. A vida é suspensa por cinco anos e, se for permitido continuar, é vivida um mês de cada vez. As crianças estão em risco, mas também os adultos. Os vampiros os levarão também?

— Pegamos apenas o que precisávamos.

— Eu sei —, disse Ashra. — Mas para as pessoas da cidade, a morte é uma realidade mensal. Rafael não é diferente. Ele foi ressuscitado com a morte constantemente no horizonte; mais para ele do que para outros em seu trabalho como herbalista. Ele salva vidas, apenas para ver os Night Terrors levá-los. Para ele, sempre termina na morte, e ele sente isso, cada um deles. Ele não é um guerreiro, Siri. Ele é um curandeiro, luta pela vida, e o que fazemos, como Night Terrors, agride o que ele é.

Siri suspirou. — Mesmo se você estiver certa, ele não me vê como eu. Ele não se importa com a necessidade do que eu faço.

— Então ele não te merece.

— Talvez não, mas ele também não merecia o que eu fiz. Eu fui gananciosa e egoísta. Eternidade não deveria ter importado. Se o relacionamento valesse a pena, deveria ter valido a pena quando ele era um humano com apenas décadas, em vez de séculos, de seu amor para me oferecer. Que diferença faz o tempo?

— Você está certa, não deveria. — Ashra sorriu. — Você vê as coisas muito mais claramente do que eu vi com Jaden. Eu queria a eternidade, não uma mera vida humana com ele. Não queria lamentar outro amante do jeito que lamentava Rohkeus por mil anos.

— Ah, mas isso foi porque você sabia o que era amar com esse tipo de intensidade. Eu não.

— E passear pela cabana abandonada de Rafael como um filhote apaixonado não é prova de intensidade?

Siri afundou em uma cadeira e enterrou o rosto nas mãos. — Não posso decepcioná-lo.

— Eu diria que você já o fez, mas só para deixar claro que estamos falando da mesma coisa, sobre o que exatamente você não pode decepcioná-lo?

— O filho dele. Ele queria que os filhos, todos eles, não apenas Stefan, fossem libertados. Agora Rafael não apenas não tem filho. Ele está sozinho, totalmente sozinho. — Siri olhou para cima e balançou a cabeça. Seu peito doía. — Quando podemos libertar as crianças? Quando, Ashra, realmente, verdadeiramente?

— Talvez nunca. — Ashra deu de ombros. — Fizemos o que podíamos. Nós fomos para a Sibéria. O fato de não termos encontrado paládio não é sua culpa.

Siri levantou-se e andou pela largura da cabana. Suas asas agitaram contra suas costas. — Sem paládio, não posso construir outra cúpula. Sem outra cúpula, nunca poderemos expandir a cidade.

— Você pode usar outro tipo de liga de vidro?

— Eu tentei tudo o que pude pensar, mas eles se desintegraram na areia sob o calor do sol. O vidro de paládio é mais forte que o aço. É o único tipo de vidro que pode sobreviver aos raios do sol. — Ela se virou. — Você não vê? Não posso cumprir a promessa que fiz a ele.

— Se você não podia mantê-la antes, como pode ser diferente agora? Por que você fez a promessa em primeiro lugar? Foi por causa das suas pomadas?

— Não! Ele teria me dado suas pomadas sem nenhuma condição. Eu fiz a promessa para mim. Queria que ele fosse feliz. — A voz de Siri falhou. — Seu filho era tudo o que tinha. Eu queria devolver o filho dele.

— Vocês foram felizes juntos sem o filho, sem paládio e sem uma cura para o veneno?

Siri pensou naquelas horas passadas trabalhando juntas no laboratório. As conversas fáceis. A risada. A facilidade de estar perto de um amigo de confiança. O prazer de estar perto do homem que ela amava. — Sim mas...

— Então, para ser perfeitamente claro —, disse Ashra. — Você está punindo você e ele por algo que nem parecia importar quando estavam juntos?

Siri hesitou. Soou estúpido quando Ashra expressou dessa maneira. Siri ainda estava refletindo sobre isso quando Ashra saiu da cabana e voltou para a torre. A noite se fechou ao seu redor enquanto os sons da cidade se apagavam. Sozinha, no chalé de Rafael, era fácil esquecer que uma cidade de humanos adormecidos ficava a poucos minutos de distância, uma cidade que ele amava, pessoas que ele amava e que lhe haviam dado as costas quando ela roubou sua

humanidade.

O que ele não perdeu por causa dela?

Ela não queria viver com o conhecimento de que não tinha nada a oferecer, a não ser ela mesma.

No entanto, quando estavam juntos, ele parecia em paz, até feliz, com isso.

Siri inalou profundamente. Talvez Ashra estivesse certa. Talvez nada fosse necessário, exceto um ao outro. Ela se permitiu um leve sorriso. Se seus cálculos estivessem corretos, Aeternae Noctis finalmente estava caminhando para o quadrante de Rafael após sua viagem de ida e volta de seis meses à Sibéria.

Não é bem o destino, ou mesmo acaso. Ela pensava constantemente nele. Talvez, no nível mais elementar, ela nunca tenha parado de esperar.

Siri levou apenas quinze minutos para voltar para Malum Turris e sair da cúpula. O brilho das estrelas era constante no céu noturno, embora ela não precisasse da luz deles para navegar. Ela conhecia o caminho através da paisagem árida e empoeirada; ela viajara em sua mente noite após noite. Era mais fácil visitar Rafael em seus sonhos; o Rafael que a conheceu a perdoou e ficou emocionado ao vê-la.

Ela voou pelo céu, seu olhar procurando o horizonte e a expansão da terra abaixo dela. No chão, o tom cinza-prateado polido das portas de aço carbono colocadas na terra, como a entrada de um abrigo para tornados, refletia a luz da lua. Suas asas queimaram para diminuir sua descida e ela pairou um pé no ar para olhar o scanner de retina instalado ao lado das portas.

Com um assobio metálico, as portas se abriram.

A atmosfera inimitável das cavernas correu para encontrá-la. A escuridão era opressiva, e a umidade persistente se instalou em seus ossos. Suas asas negras farfalhavam de irritação quando Siri abafou um bufo de nojo. As cavernas pouco mudaram nos seis meses que se passaram desde que ela liderou uma equipe de vampiros em cavernas para proteger os túneis que levavam à gruta de Rafael.

— Rafael? — Ela gritou uma saudação, embora tenha captado o cheiro familiar dele. Nunca foi uma boa ideia pegar um vampiro mais velho desprevenido.

— Por aqui.

Ela seguiu a voz dele até o rio subterrâneo que passava por sua casa de um quarto. Aparentemente, ele tinha acabado de sair da água e estava enrolando uma toalha na cintura. Gotas de água escorriam por seus membros longos. Ele olhou para cima com um meio sorriso, ele nunca mais sorriria de novo para ela? — Quanto tempo você tem? — ele perguntou, como se já tivessem se visto poucas horas antes.

Essa foi a ideia dele de uma saudação? Provavelmente era bom que ela não tivesse depositado dinheiro em uma recepção calorosa. — Apenas alguns minutos —, ela mentiu, combinando com a frieza dele.

Rafael assentiu. — Venha comigo. Eu tenho algo para você. — Ele entrou em sua casa e ela a seguiu, alguns passos atrás. Mais uma vez, ela ficou impressionada com a limitação de sua casa. A maior parte do minúsculo espaço foi ocupada por seus suprimentos de cozinha e pelos frascos bem organizados de ervas e flores secas. Uma pequena mesa e cadeira estava dobrada em um canto, e do outro lado havia um palete para dormir. Várias mudas de roupas estavam dobradas ao lado do palete. Os únicos itens pessoais na sala eram uma urna que continha as cinzas de sua esposa e o ursinho de pelúcia que pertencia a seu filho.

— Como você pode ser feliz aqui, sozinho, com tão pouco? — Ela perguntou, mantendo o olhar desviado enquanto ele se vestia.

— Eu nunca precisei de muito e desfrute da solidão. — Ele pegou um frasco colocado em uma prateleira e entregou a ela. — Um experimento com cogumelos reishi. Deve estimular o sistema imunológico e, com sorte, retardar os efeitos do envenenamento por acônito. Não mais que uma xícara por dia. — ele disse. — Se houver efeitos colaterais negativos, pare imediatamente. Eu escrevi a receita no verso do rótulo.

— Você testou em si mesmo?

Um sorriso irônico atravessou seu rosto. — Não dessa vez. Não há muito. Não duraria mais de três meses para uma pessoa. Cultivei mais cogumelos reishi, mas levará algum tempo até que eles estejam maduros o suficiente para serem usados.

Siri balançou a cabeça. — Apenas me dê a receita. Tenho cogumelos reishi na minha estufa, crescendo a partir dos esporos que você coletou. Você deve beber o que tem. Estou segura na cidade. Por outro lado, você mora aqui em baixo e...

— Se os Daevas realmente quisessem me atacar e me matar, um sistema imunológico totalmente funcional não os impediria de fazê-lo. Além disso, a intenção nunca foi viver para sempre. — Seu sorriso não alcançou seus olhos. Ele deu um passo deliberado para trás dela. — Eu deverei ter mais da poção em cerca de seis meses, se você quiser voltar então.

— Voltarei para visitá-lo antes disso.

Ele encolheu os ombros. — Não há necessidade de se arriscar a descer aqui mais do que o necessário.

Seu tom indiferente a picou. Ela mudou de pessoal para profissional e abandonou a defensiva pela ofensiva. — O que você aprendeu de seus experimentos com acônito?

— Eu acho que é um catalisador; acelerou minha

transformação.

— Mas isso atrasou sua autocura.

Rafael fez uma careta. — Não tenho muitos pontos de dados para trabalhar; Não vejo Daevas desde que me mudei para cá. Sabemos que Ashra e Jaden têm vestígios de acônito no sangue, mas na maioria das vezes estão se recuperando normalmente. Você e eu, com maiores concentrações de acônito em nosso sangue, não estamos. Algo no sangue Icrathari está reagindo, talvez até mudando, com maior exposição ao acônito.

—Mas... um catalisador?

Ele assentiu. — Um catalisador, com muito potencial para novas mudanças. Acho que o acônito nem sequer começou a fazer o que pode fazer com um Icrathari ou um vampiro mais velho. No momento, todos os recursos do corpo são tão exaustivamente canalizados para combater o acônito que ele é menos capaz de se curar de outros danos. Porém, não é possível expurgar o acônito - não estamos melhorando - o que me diz que qualquer acônito que esteja no sistema, é permanente.

— E o que acontece quando a concentração de acônito finalmente superar as defesas naturais do corpo? — Siri perguntou.

— Eu não sei. — Rafael enfiou a mão no bolso para pegar um frasco de sangue. — O corpo de Megun foi infundido com ele - do sangue ao cabelo e unhas -, mas ela não demonstrou efeitos negativos.

— Imunidade? Ou saturação?

— Eu gostaria de saber. — Ele desviou o olhar por um momento. — Encontrou o que procurava?

Siri engoliu através do repentino aperto na garganta. — Insuficiente. Chegamos às minas da Sibéria e encontramos finas veias de paládio sob trinta pés de água.

— Água? Onde?

— Em vastas cavernas subterrâneas. Suspeito que a neve derretida tenha inundado as minas antes que possa ser evaporada pelo sol.

Rafael assentiu devagar, o gesto de resignação silenciosa. Ela não precisava dizer a ele o que isso significava para as cúpulas de vidro de paládio ou para as crianças em hibernação. Ele sabia. — E Svalbard?

— Nós não chegamos lá em cima. Os Daevas atacaram e danificaram nossos motores. Tivemos que parar para repará-los e, a essa altura, perdemos a vantagem do tempo.

— Verão?

Siri assentiu. — O sol da meia-noite nunca se põe; não até que as estações desapareçam no inverno. Voltaremos a Svalbard no futuro, mas não imediatamente. A gravidez de Ashra está perto do termo e é

mais seguro viajar por rotas conhecidas. — Ela hesitou. — É fácil para mim passar todas as noites. Nós poderíamos conversar...

Ele desviou o olhar. Até aquele momento, ela não havia percebido o quanto poderia ser dito sem palavras. A respiração dela estremeceu. — Rafael, nós éramos quase amigos antes. Não podemos voltar a ser como eram as coisas?

— Nós podemos? — Ele se virou para olhar para ela. A intensidade em seus olhos fez uma mentira da indiferença em sua voz.

— Você ainda me culpa pelo que você se tornou?

— Eu não culpo você. Eu nunca fiz isso.

— Então. Por quê?

Ele encolheu os ombros. — Está no passado. Não importa. — Ele olhou em volta da cabana esparsa. — Aqui, sozinho, estou aprendendo a lidar com a estimulação aumentada. Estou aceitando o fato de que a morte provavelmente está muito longe e que meu destino depois disso não é certo. Eu pensei que estaria com Ariel algum dia, e Stefan também. Essa esperança se foi agora e ainda não tenho nada para substituí-la, mas um dia terei.

Um sorriso aqueceu Siri. O otimismo persistente permaneceu o núcleo de Rafael; o homem que ela conheceu e amou não havia sido totalmente extinto no vampiro mais velho que ele se tornara. — Quando você encontrar algo, você voltará para a cidade? — ela perguntou.

— Talvez para visitar. Sei que isso vai surpreendê-la, mas gosto de estar aqui fora, livre para me concentrar nas minhas plantas e na minha pesquisa...

— Eu nunca percebi antes que você era tão introvertido.

— Eu nunca teria tido tempo de desenvolver curas em potencial tão rapidamente se estivesse de volta à cidade, ainda trabalhando como herbalista. — Seus lábios se curvaram, mas era um sorriso triste. Ele sabia, como ela, que não podia mais trabalhar entre humanos. — Você deve ir antes que a cidade fique muito à sua frente.

— Eu quero que você venha comigo.

— Mas as ervas

— Elas são uma desculpa. Você sabe tão bem quanto eu que pode cultivar essas plantas na cidade. Precisamos de você lá atrás.

— Nós precisamos de você? — Ele balançou sua cabeça. — Eu confundi proximidade com amizade, até amor, uma vez antes, Siri. Não pretendo cometer o mesmo erro novamente.

Siri inalou bruscamente. Amor. Ele a amava. Ela suspeitava, mas era diferente ouvir as palavras saírem da boca dele.

Rafael continuou, sua voz baixa. — Talvez um dia, quando eu for mais velho, mais sábio, quando a amizade for tudo que eu queira de você, eu voltarei, mas até então, eu não posso viver na torre, perto

de você, e não querer mais entre nós, mesmo que seja uma traição a Ariel, Stefan e a pessoa que eu costumava ser. Até que eu possa alinhar meu coração e minha cabeça com a realidade, este é o melhor lugar para eu entrar em acordo comigo, livre de influências externas... — Ele acenou com a mão para abranger o ambiente. — Fora da cidade, separado de você, separado dos outros.

— Você vai voltar, para mim, por favor? — Ela engoliu em seco além do nó que entupia sua garganta. — Minhas responsabilidades, não posso deixar a cidade indefinidamente, mas talvez você possa voltar?

— Por quê?

Siri torceu os dedos. — Passo horas todas as noites em sua casinha à beira do rio. Seu cheiro está desaparecendo...

— O que?

Siri balançou a cabeça. Os olhos dela se fecharam brevemente. — Volte por favor. Não posso fazer nenhuma promessa para você; nem posso cumprir a única promessa que fiz, mas não sei mais o que perguntar.

Rafael ficou em silêncio por um longo momento. — Eu preciso de tempo para pensar.

A forte pressão contra seu peito diminuiu um pouco. — A cidade fará outra volta nesta área amanhã antes de começarmos a circular para o sul, para seguir a noite. Eu voltarei para você amanhã.

— Se eu decidir ir com você, estarei esperando do lado de fora das cavernas.

A declaração sem compromisso era mais do que ela esperava dele. Suas asas bateram e a ergueram no ar para que ela pudesse envolver um braço em volta do pescoço dele e pressionar um beijo hesitante em sua bochecha.

Mesmo assim, o contato a sacudiu e fez seu coração acelerar. Também o fez, evidências traidoras de que ele sentia mais do que dizia.

Era a única esperança que ela podia levar quando deixasse as cavernas naquele dia, mas era muito mais do que tinha quando chegara pela primeira vez.



Rafael a observou se afastar. Sua ligeira forma desapareceu na escuridão e, momentos depois, ele ouviu as portas de aço fecharem. Mais uma vez, o silêncio caiu ao seu redor. A caverna parecia mais escura, como se ela tivesse roubado um pouco da luz e levado com ela.

Mantenha-se ocupado. Mantenha o fogo.

Ele saiu de sua cabana para cuidar das plantas que

prosperavam sob as colunas de luz que Siri instalara em seu jardim. A célula de energia estava acabando. Ele teria que reabastecê-lo com uma nova da estação de carregamento solar fora das cavernas.

Ele ainda tinha muitas horas até o nascer do sol, mas ele poderia cuidar disso mais cedo ou mais tarde. Coletando uma célula de energia vazia de sua cabana, ele partiu pelos túneis agora familiares que o levariam de volta à superfície.

Ele podia sentir o cheiro de Siri nas cavernas. Demoraria várias horas, talvez até um dia. Isso gerou uma dor aguda, mas trouxe um sorriso que o acompanhava nos lábios. Ela parecia mais perto, presente mesmo quando não estava.

Sua assinatura retiniana exclusiva destrancava as portas de aço que mantinham sua casa segura. O céu ainda estava escuro quando ele emergiu das cavernas, o ar da noite fresco. No leste, o amanhecer era uma lasca ameaçadora no horizonte distante. Ele levantou a cabeça e fechou os olhos, mas, por mais que tentasse, não pôde sentir os tremores no ar que anunciavam a passagem de Aeternae Noctis. A cidade provavelmente estava a centenas de quilômetros de distância.

Ele mentiu quando disse a Siri que gostava da solidão. Ele sentia falta da agitada animação da cidade, os sorrisos nos rostos tão brilhantes quanto as conversas alegres na praça no dia do mercado. Ele sentia falta da companhia de seus vizinhos, canecas de cerveja erguidas em reconhecimento e amizade quando ele entrou na taberna, procurando um fogo quente e uma companhia mais quente.

Ele sentia falta dela desesperadamente.

O fato era que ele não pertencia a lugar algum. Ele era um vampiro mais velho agora, rejeitado pelas pessoas da cidade pelo que havia se tornado, da mesma maneira que rejeitou a companhia dos Night Terrors, ele não tinha vontade de se tornar o que eram. Para salvar a humanidade, eles a oprimiram. Ele entendeu a lógica, a lógica, mas não podia aceitar que não havia outro caminho.

Enquanto isso, ele não pertencia a lugar algum, mas esse refúgio silencioso, bem no fundo do solo, estava se tornando o lar.

Volte por favor.

Siri exigiu mais do que ele poderia dar. Ele não tinha lugar em Aeternae Noctis, e ela estava vinculada por sua responsabilidade a Aeternae Noctis. Não havia meio termo para eles, nenhum lugar seguro para ele.

Mas quando o amor foi salvo?

Ele amava Ariel com tudo nele, e Stefan com o mesmo fervor, apesar de saber o quão fraca a compreensão de seu precioso filho na vida. Ele havia perdido os dois, mas não se arrependia de um pingote de atenção, tempo ou afeto que havia lhes dado.

Por que ele hesitou agora com Siri?

Porque ela não era humana? Ele não era humano também, não mais.

Porque ela não o amava?

Talvez ela tremesse à beira de cuidar dele.

A voz de Siri voltou para ele, a captura sutil enquanto ela sussurrava as palavras. *Passo horas todas as noites em sua casinha à beira do rio. Seu perfume está desaparecendo.*

Ele não queria sua eternidade ou Siri definida pela dolorosa perda de aromas desbotados. Ela o beijara; seu amor era baseado em um engano; mas no final, importava mais onde ele estava do que como havia chegado lá.

As mãos de Rafael estavam firmes quando ele trocou a célula de energia e selou a estação de carregamento. Ele hesitou, prestes a dar um passo à frente para aceitar a promessa não bastante da Siri. Ele era imortal agora, e as consequências de suas ações poderiam ressoar por toda a eternidade, mas isso não significava que ele tinha que ser mais cauteloso com seu amor do que como humano.

A vida, mesmo imortal, muitas vezes se resumia a arriscar tudo por amor, por mais transitório. Seus lábios se curvaram em um sorriso; se ele não pudesse correr esse risco por Siri, ele não poderia correr por mais ninguém.

As plantas em seus vasos poderiam ser facilmente realocadas. Os frascos de ervas secas em sua cozinha, ele teria que embalar com cuidado. Quanto aos seus pertences pessoais, as únicas coisas que importavam eram as cinzas de Ariel e o travesseiro, cobertor e ursinho de pelúcia de Stefan. Aqueles que ele podia enfiar na mochila; ele não precisava de mais nada em sua casa subterrânea.

Se ele comesse imediatamente, completaria sua embalagem com algumas horas de sobra para continuar sua pesquisa sobre o sangue de Megun.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou o frasco com rolha do sangue de Megun. O sangue da Daeva o intrigou. Ele o comparou com amostras do sangue de Siri. Como o de Siri, o sangue de Megun estava contaminado com acônito, mas também incluía uma concentração significativa de algo mais, um produto químico que ele não conseguiu identificar apesar de testá-lo contra todos os reagentes conhecidos. Ele havia esgotado todos os testes possíveis no sangue de Megun e não descobriu o que era.

Rafael fez uma pausa. Ele levantou a cabeça para encarar a vasta extensão de paisagem queimada. Ele assumira que Megun e Siri seriam geneticamente semelhantes, pois eram da mesma espécie originária, mas e se Megun se transformasse geneticamente como resultado da exposição ao sol e do acônito? Até onde ele sabia, os humanos não podiam alterar seus genes, mesmo quando sua fisiologia

mudou, mas quem diria o que os Icratharis poderiam ou não fazer?

Havia mais uma coisa que ele não tinha feito.

Ele se atreveria a beber o sangue de Megun em um experimento para ver o que aconteceria?

Rafael balançou a cabeça enquanto colocava o frasco de volta no bolso. Ele não era louco o suficiente, ou estúpido o suficiente. Ele falaria com Lucas quando retornasse à cidade; talvez juntos eles pudessem planejar um experimento sem ir direto para os ensaios clínicos.

Ele voltou para as cavernas subterrâneas. Um aviso de aromas estrangeiros deu a ele apenas uma fração de segundo de aviso. Uma enxurrada de asas e membros fortes o invadiu e o jogou no chão. A célula de energia caiu de suas mãos. Seus músculos se contraíram contra os seis Daevas que o prenderam, mas ele não conseguiu se libertar.

— Onde ela está? — Uma voz falou da escuridão.

Rafael olhou enquanto as sombras se abriam para trás e o Imortali Erich Dale se adiantou.

— Quem? — Rafael perguntou mesmo tendo suspeitas.

— A senhora da guerra. — Erich sibilou. — Onde está Tera?

— Por que Tera viria?

O sorriso de Erich mostrou suas presas. — Ela não vai. Ela não se importa com humanos ou aqueles que já foram humanos. Mas ela viria, não viria, por outro Icrathari?

Rafael inalou bruscamente. — Não Siri. Qualquer que seja o seu problema com Tera, ele não envolve Siri. Deixe-a fora disso.

— Você não aprendeu nada. Eu te avisei. — Erich apontou um dedo no rosto de Rafael. — Amá-los é ser amaldiçoado. Você é amaldiçoado e, ainda assim, cuida do demônio.

— Essa é a minha escolha, não é?

— Eu assisti você trabalhar, indiferente ao tempo, para encontrar uma cura para o veneno dela. Você também está doente, mas não tomou a poção. Você deu tudo a ela.

— Você está me observando? Onde? Desde quando? Como?

Erich riu. Ele abriu os braços. — Eu vejo tudo. Meus olhos estão por toda parte nessas cavernas, mesmo na alcova que você pensa ter se protegido contra mim. Quando ela voltará?

— Por que ela iria? Eu dei a poção a ela. Ela não tem motivos para voltar.

— Eu vi os olhos dela, especialmente quando você não está olhando para ela. Ela voltará e, quando voltar, estaremos esperando. Talvez a vida dela signifique mais para Tera do que a sua. Erich se aproximou, sua ronda como a de um predador. — Então, essa doença no seu sangue retarda sua cura. Quão devagar?

Rafael rangeu os dentes. Se Erich esperava que ele implorasse por misericórdia, Erich teria que esperar pela eternidade. *Eu posso sobreviver a ele. Eu preciso.*

A um sinal de Erich, os Daevas o levantaram e o arrastaram pelos túneis de volta à grande caverna que ele construiu.

Portas de aço barravam o caminho. Os Daevas bateram com o rosto no scanner da retina e mantiveram a cabeça firme quando uma fina luz vermelha passou por seus olhos. As portas deslizaram para trás e os Daevas o puxaram para dentro da alcova.

— Vou facilitar para ela encontrar você —, disse Erich. — Segure-o contra a parede. — Ele desapareceu por outro túnel e voltou momentos depois com uma grande pedra e duas hastes de metal, ambas afiadas em uma extremidade.

Rafael inalou bruscamente.

Erich sorriu. — Precisamos garantir que você não possa escapar. — Ele agarrou uma vara com as duas mãos e pulou para frente.

Rafael gritou, um grito de dor quando a ponta afiada da vara penetrou seu ombro esquerdo para afundar na parede de pedra calcária da caverna. Sangue vermelho-dourado brotou e derramou em seu peito, manchando sua camisa. *Respire. Apenas respire através da dor.*

Outro flash branco atrás de seus olhos apagou o pensamento.

O grito que ele ouviu, de um animal caçado e ferido, tinha que ter vindo de alguém... outra coisa.

Quando sua visão clareou, seu mundo se fundiu na agonia pulsando em seu peito, pulsando em torno das hastes de metal que perfuravam os dois ombros. Ele ergueu o olhar para encontrar os olhos de Erich e cuspir uma maldição, suas palavras distorcidas por uma mente atordoada demais para percorrer a conversa.

Erich riu. — Você vai se arriscar, tenho certeza, mas não se não puder se sustentar. — Ele se agachou, pegou a pedra com as duas mãos e as esmagou nos joelhos de Rafael.

Ossos quebraram em fragmentos, uma vez duas vezes, enquanto o joelho direito de Rafael e depois o esquerdo desmoronavam. Seu grito ficou preso na garganta quando o peso de seu corpo cedeu contra as varas, enviando novos raios de dor cortando através dele.

Os Daevas recuaram, deixando Rafael pendurado nos ombros na parede da caverna. Os olhos escuros de Erich eram indecifráveis. — Considerando o estado de seus ferimentos, ela não pode retornar com rapidez suficiente para você. Se eu fosse você, rezaria pela misericórdia da morte.

Se ao menos fosse tão simples.

Ele tinha que estar vivo para avisar Siri, para impedi-la de entrar em uma armadilha. Ele fez a única coisa que ainda podia fazer: respirar.

Rafael respirou através da agonia interminável que o queimava. Através da névoa vermelha da dor, ele viu os Daevas pisotear seu jardim de ervas, arrancando as frágeis e preciosas plantas pelas raízes. A urna de porcelana contendo as cinzas de Ariel foi esmagada. O ursinho de Stefan estava desfiado. Os fragmentos deles, os fragmentos de sua vida, espalharam-se pela caverna.

Ele não podia nem sentir sua perda. Seu mundo se condensou em nada além de dor e sua vontade de sobreviver.



Na noite seguinte, uma figura esbelta apareceu de Aeternae Noctis e atravessou o céu noturno.

Siri respirou fundo. O som estremeceu através de seu peito. Suas asas dobraram contra suas costas quando seus pés pousaram levemente no solo abrasador. A noite estava fria; o ar ainda. Ela não precisou olhar em volta para saber que Rafael não estava esperando por ela.

Obviamente, ele havia decidido que sua solidão e sua tranquilidade importavam mais.

Como ela poderia culpá-lo quando, em seu lugar, ela poderia ter tomado a mesma decisão?

No entanto, ela esperava que ele escolhesse o contrário, que ele a escolhesse. No fundo, ela ainda esperava que ele mudasse de ideia nas poucas horas cruciais disponíveis para ele.

Ela estava sentada em um penhasco rochoso, seu olhar nunca deixando o buraco no chão que levava às cavernas de Rafael. A dor no peito ficou mais aguda a cada minuto que passava. Ela observou e esperou até o último momento possível, quando o amanhecer era uma lasca de luz contra o céu noturno. Aeternae Noctis estava a centenas de quilômetros de distância, sem problemas para um Icrathari, mas agora inacessível por um vampiro, mesmo um vampiro mais velho.

Suas palavras não foram suficientes. Talvez tivessem sido meses antes, quando o amor dele era mais forte, mas agora, com a grande distância emocional para superar, ela precisaria de ações para convencê-lo.

No final, tudo se resumia a um garoto adormecido em um momento de vida.

Ela ficou de pé e roçou a mão contra o rosto e ficou surpresa com a umidade que cobria seu rosto. Seus lábios se moveram, moldando palavras silenciosas. — Adeus, Rafael.

Suas asas se espalharam por toda a envergadura, e ela subiu ao

ar. Ele deu as costas para ela e agora ela o deixou.

Mesmo assim, ela olhou para trás até que a casa dele foi perdida para os quilômetros que os separavam, finalmente invisíveis até para os olhos de um Icrathari.



CAPÍTULO 16

Um suspiro silencioso rasgou a mortalha silenciosa que estava sobre a arca. De seu poleiro em uma viga de aço carbono nos alcances superiores da grande sala, Siri permitiu que seu olhar fluísse através das filas intermináveis de vagens de vida. Na mão, ela girou duas pequenas bolas de aço. O movimento rotativo na palma da mão a ancorou e deu a ela algo para focar além do fato de que seus problemas não eram apenas vastos, mas também eternos.

Doze meses se passaram desde a última vez que ela ouviu a voz de Rafael, quando se despediram nas cavernas. No grande esquema da eternidade, um ano não passava de um momento, mas os últimos doze meses se arrastaram com o lento tormento de séculos. Rafael estava certo quando chamou a arca de tumba. Quase não importava que todos os habitantes da arca estivessem vivos; eles nunca mais acordariam. Por que os Icratharis se preocuparam em manter vivos os filhos humanos? Eles nunca acordavam, nunca sorriam, nunca ririam de novo.

A esperança de expandir o assentamento além da cúpula era uma impossibilidade, um fato que a atormentava como uma ferida aberta. As escassas fontes de paládio da Terra eram inacessíveis. Não haveria mais cúpulas de vidro, nem assentamentos humanos além de Aeternae Noctis. Não há segundas chances para a vida na Terra.

Os Icratharis salvaram a humanidade por nada!

Siri jogou as bolas para longe dela. Eles voaram pela sala e se chocaram contra o vidro de um colete salva-vidas, antes de saltarem inofensivamente, para aterrisar no chão.

O copo permaneceu intacto.

Os olhos dela se arregalaram.

O vidro de paládio da cápsula vital não estava danificado.

A arca abrigava milhares e milhares de pods de vida, cada um deles construído na perfeição com vidro de paládio.

Ela se levantou. Suas asas queimaram, erguendo-a no ar. Siri pairava sobre a arca, olhando para o maior depósito de paládio do mundo.

Risos borbulhavam através dela, um carrilhão de prata que ecoava nas abóbadas em arco da arca. — Oh, Rohkeus. Você pensou em tudo? Ela mergulhou em voo exultante através das fileiras de

vagens da vida. As pontas dos dedos roçaram as superfícies geladas, como se acariciassem os rostos das crianças adormecidas. Seus caixões seriam sua salvação, a chave para uma nova vida.

Ela correu para fora da arca e quase colidiu com Jaden e Ashra, que aparentemente estavam a caminho da arca. Siri passou os braços em volta do pescoço de Jaden e deu um beijo em sua bochecha. — Você é um gênio.

— Ah... — As sobranceiras de Jaden se uniram. — Ok... — Ele se inclinou para trás para encarar Siri. — Você está bem?

— O que é isso? — Ashra perguntou.

Siri pegou as mãos de Ashra e Jaden e as puxou para a porta da arca. — O que você vê?

Ashra fez uma careta. — A mesma coisa que eu vi nos últimos mil anos.

— O que você está vendo é a genialidade e perspicácia de Rohkeus —, disse Siri. — Há pouco mais de mil anos, quando estávamos nos estágios finais de equipar a Aeternae Noctis, Rohkeus ordenou que os vampiros usassem vidro de paládio para as vagens.

Os olhos de Ashra se arregalaram. — O que?

— Sim. — Siri passou a mão pela sala. — Cada cápsula de vida é feita de vidro de paládio.

— Você tem certeza? Por que você não se lembrou disso antes?

— Por que eu teria? Não preendi todas as palavras de Rohkeus como você. Além disso, se você se lembra, estávamos com pressa de construir o Aeternae Noctis naquela época. O holocausto iminente me deixou um pouco distraída. Como eu deveria me lembrar de um comentário aleatório que ele fez, mesmo se ele fosse nosso príncipe?

O olhar de Ashra flutuou através das fileiras de vagens de vida. — Você está me dizendo que poderá construir cúpulas a partir do vidro de paládio aqui?

— Exatamente. — Siri respirou fundo. — Posso construir duas, talvez três, cúpulas, cada uma do tamanho da cúpula sobre Aeternae Noctis.

— E a vida volta à Terra —, Jaden murmurou.

— Como Rohkeus... como você sempre pretendeu.

Jaden balançou a cabeça. — Eu gostaria de conhecê-lo.

Ashra sorriu e ficou na ponta dos pés para dar um beijo nos lábios de Jaden. — Não trocaria você por ele. — Ela olhou de volta para Siri. — Em quanto tempo você consegue levantar as cúpulas?

— Bem, teremos que encontrar bons locais para elas e estacionar Aeternae Noctis nas proximidades para proteger o sol, enquanto construímos a cúpula. Depois, há a construção interna e a migração... eu diria pelo menos seis a nove meses por peça.

— Você vai deixar Rafael saber, é claro.

— Uh —, Siri gaguejou. — Sim, eu vou. Depois de erguer as cúpulas.

— Por que não antes?

Os ombros de Siri se mexeram com um suspiro silencioso. — Porque as palavras não são suficientes, não são mais. Eu preciso de algo para dar a ele.

— Como o filho dele?

Siri assentiu. — Especialmente o filho dele.



CAPÍTULO 17

Tudo parecia o mesmo, mas diferente, quando Siri voou de Aeternae Noctis para o ar. A noite estava fria, em contraste com o calor suave que irradiava do chão. Ao longe, ela viu o afloramento de rochas que marcavam a entrada das cavernas de Rafael.

Aparentemente, nada havia mudado desde que ela era assim, três anos antes. Dois anos, onze meses e vinte e sete dias, para ser mais precisa. A última vez, algo nela havia rachado, quase quebrado, quando ela percebeu que ele não estava esperando por ela na superfície da Terra.

Suas palavras não foram suficientes para comovê-lo, mas suas ações fariam tudo certo agora. Quatro cúpulas de vidro de paládio, cada uma com 16 quilômetros de diâmetro, pontilhavam a paisagem outrora dominada pelo rio Colorado. A formação de terra tornara o vale fértil mais uma vez. Os aquíferos artesianos forneceram água para as comunidades que floresciam embaixo da cúpula.

Aeternae Noctis foi ocupada por uma equipe de esqueletos. A maioria dos humanos havia se mudado para uma das quatro cidades permanentes, Ganimedes, Calisto, Io e Europa, protegidas pela tecnologia militar humana do século XXI, bem como exércitos de vampiros liderados por Talon e Yuri.

A arca estava vazia de crianças, exceto uma. As famílias foram reunidas e os risos das crianças encheram as cidades. A noite da lua cheia não era mais vista com medo.

Apenas uma criança permaneceu na arca, ainda congelada no sono. Ele não tinha família para quem voltar.

O objetivo de Siri era dar a ele um pai para o qual retornar, mesmo que o próprio homem não a quisesse mais. Sem dúvida, Rafael se mudaria com Stefan para uma das cidades. Ela precisava permanecer em Aeternae Noctis, mas o veria toda vez que a cidade em movimento fizesse o circuito da área. Era menos do que ela queria, embora mais do que ela merecia. Ela aprenderia a viver com isso; afinal, ela aprendera a viver sem ele nos últimos três anos.

As asas de Siri brilharam, diminuindo a velocidade de sua descida, enquanto ela pousava na rocha. O ar estava parado. Nada se mexeu.

Ela olhou em volta. Algo parecia errado, mesmo que ela não pudesse identificá-lo imediatamente. Havia uma célula de energia completa na estação de carregamento solar. Distraidamente, ela passou o dedo pela estação. A cor prateada do aço apareceu sob a espessa camada de poeira marrom.

Ela olhou para as camadas de terra endurecida em seu dedo. Rafael nunca teria permitido que a sujeira se acumulasse na estação de carregamento solar.

A bobina de horror em seu estômago a lançou adiante.

O alçapão de aço ficou preso quando ela o puxou; ela teve que exercer força para abri-lo. O ar nas cavernas era obsoleto e uma célula de energia caíra logo abaixo da entrada das cavernas, sua superfície outrora brilhante de um marrom opaco. A visão a estimulou.

Ela correu pelos túneis familiares. Suas asas de morcego queimaram, carregando-a para que seus pés mal tocassem o chão. Ela olhou para o scanner da retina. Metal moído contra aço. Com um gemido baixo, as portas de aço carbono se abriram.

Ela podia sentir o cheiro dele, mas era diferente. Errado. Ele cheirava a decadência e morte.

Ela irrompeu na alcova dele. Choque arrancou um suspiro dela.
— Rafael!

A figura esquelética presa à parede oposta levantou a cabeça. Suas feições eram irreconhecíveis, mas ela conhecia sua voz, a voz dele. — Armadilha... — Seu sussurro era tão suave que seus sentidos sobrenaturais mal podiam ouvi-lo. — Corre.

Ela correu em direção a ele, não para longe. — Rafael!

A luz desapareceu de seus olhos e sua cabeça balançou, como se a necessidade de emitir o aviso tivesse sido a única compulsão que o mantinha vivo.

As sombras ao lado das ruínas da cabana mudaram, e uma figura humanóide magra apareceu. — Ele disse que você nunca mais voltaria.

Siri virou-se para enfrentar a nova ameaça. Parada, ela avaliou o Imortali que havia lutado uma vez antes. Ele não parecia perigoso. Ele nem parecia bravo, mas os olhares enganavam. Sua mandíbula quadrada. — Ele estava errado.

Erich Dale inclinou a cabeça. Espero que você signifique muito mais para suas irmãs Icratharis do que ele significou— para você, ou terei que esperar mais dois anos, onze meses e vinte e sete dias para soltar minha armadilha?

Um punho duro parecia apertar seu coração. Rafael tinha sido atacado e aprisionado na parede no dia em que ela o deixou. Ele não foi ao seu encontro porque não podia. Se ela tivesse feito mais do que esperar por ele na superfície do planeta, se tivesse mergulhado nas

cavernas, o teria encontrado. Ela poderia ter salvado ele. Mas agora...

— Você chegou tarde demais — disse Erich, como se tivesse lido os pensamentos dela. Ele andou em círculo até ficar entre ela e Rafael. O forte contraste entre seu corpo e o de Rafael zombou dela. — Não importa o que fizemos com ele, ele se recusou a gritar seu nome, com medo de que de alguma forma a convocasse. Ele nunca teve uma chance; a doença de sangue que você infligiu a ele impediu que seu corpo quebrado se curasse e, eventualmente, ele sangrou. Tornou-se uma casca. O lábio superior de Erich se curvou. — E, no entanto, ele se recusou a morrer. Ele ficou vivo para avisar você, por todo o bem que isso fará. — Ele acenou com a mão. Vinte ou mais Daevas flutuavam através dos túneis de conexão para cercar Siri como um laço construtivo.

Atrás de Erich, a casca quebrada do corpo de Rafael se moveu. Músculos murchos nos braços ossudos empurrados contra a parede, deslizando o corpo de Rafael para frente ao longo das estacas.

Erich se virou ao som de carne enrugada raspando contra metal. Sua mandíbula caiu e seus braços se ergueram quando Rafael se lançou no ar. O vampiro mais velho e o Imortali caíram no chão em um emaranhado de membros. Rosnados retumbaram pela caverna, ecoando contra suas paredes. A sujeira chutou uma nuvem de poeira, obscurecendo a visão de Siri dos imortais lutando.

— Ligue para eles. — O sussurro áspero como a ponta de uma faca era de Rafael. A cortina de poeira marrom caiu para trás, revelando Erich de joelhos. Rafael agachou-se sobre o Imortali; sua mão esquelética apertava os cabelos louros de Erich e a outra mão, garras estendidas, enroladas ao redor da garganta exposta de Erich.

Os Daevas congelaram. Suas asas farfalharam quando trocaram olhares nervosos.

— Você não fará isso —, disse Erich. — Você possui muita humanidade para me matar a sangue frio.

— Que humanidade, você me torturou por quase três anos.

O que restou do coração de Siri se partiu com o tom natural da voz de Rafael.

Rafael fez uma pausa antes de começar a contagem regressiva. — Três dois...

Erich fez um som agudo. Apesar de todos os seus tons guturais, ele tocou com comando. Os Daevas recuaram, como um ventilador de papel dobrando-se, abrindo caminho para a saída.

Rafael olhou para cima. Seus olhos castanhos, tão cansados, tão cheios de desespero, encontraram os dela. Um meio sorriso apareceu em um canto da boca dele. — Vá —, ele respirou.

De jeito nenhum. Suas asas queimaram até o máximo de três metros de comprimento e desceram, carregando-a rapidamente pelo ar

em direção a Rafael e Erich. Ela voou pela curva das paredes da caverna, ganhando velocidade. Ela não diminuiu a velocidade ao passar por Rafael. Ela o afastou de Erich e voou pelo túnel.

Embora a altura de Rafael o deixasse volumoso, ele não pesava quase nada nos braços dela. Ela superou os gritos de indignação. Ela deixou para trás as asas batendo e os sons de seus perseguidores enquanto desviava pelas cavernas estreitas. Com menos de cinco segundos de vantagem, ela explodiu ao ar livre.

Siri viu Aeternae Noctis à distância. Ela não conseguiu, não sobrecarregada com Rafael. Uma decisão de uma fração de segundo a levou a mergulhar em direção às colunas amassadas de aço e tijolo que ladeavam o leito seco do rio. Ela se agachou atrás das ruínas quando os Daevas subiram do túnel. Eles pairavam no ar, seus olhos amarelos procurando a paisagem.

Com um grito de animal, um deles apontou para a cidade abobadada, afastando-se cada vez mais. Como um grupo, eles voaram em direção a Aeternae Noctis. *Invasão de entrada de Daeva, Tera. Desculpe.*

Rafael ficou sem fôlego.

Ela olhou para ele.

Seus olhos estavam fechados, mas seus lábios se moveram, moldando as palavras que ela se esforçou para ouvir. — Teria estado lá...

Siri engoliu em seco contra a garganta. — Eu sei. E eu estou aqui agora. — Ela espiou por cima da barricada de aço retorcido e tijolos caídos. Os Daevas eram manchas escuras à distância. Ela teria que usar uma luva para voltar para Aeternae Noctis. Selada com um vampiro mais velho ferido, não, não apenas ferido, mas um à beira da morte, suas chances se tornaram impossíveis.

Independentemente disso, ela não deixaria Rafael. Seus braços se apertaram ao redor dele enquanto ela avaliava seus ferimentos. Cortes abertos traçavam caminhos sobre o peito e as costas, mas o pior eram as feridas abertas em ambos os ombros, atravessando a escápula. Fragmentos de ossos quebrados embutidos em sua carne dessecada. Como ele conseguiu se mexer, quanto mais lutar com Erich?

Provavelmente da mesma maneira que ele permaneceu vivo quando sangrou anos antes - força de vontade.

O olhar dela viajou ao longo do corpo dele. Seus joelhos foram esmagados. A potente cura acelerada dos vampiros consertaria ossos quebrados, mas os fragmentos não se mirariam milagrosamente.

Rafael precisava de um renascimento, facilmente realizado com uma nova infusão de sangue icrathari, mas primeiro ela tinha que consertá-lo novamente. O processo prometeu ser torturante para ele. Ela olhou em volta. Aqui não. Ela precisava de abrigo contra o sol e

luz suficiente para trabalhar. A luz da lua não seria suficiente.

Aeternae Noctis era o único santuário, e vinte ou mais Daevas estavam entre ela e a cidade.



Tera entrou na câmara no último andar de Malum Turris. Suas asas, queimadas por um vôo recente, dobraram-se contra suas costas. — O que está acontecendo em nome do Criador?

Jaden olhou por cima do ombro. — Daevas. Vinte e cinco, pela minha conta. Vindo por aqui.

— Eles estão atacando a cidade? — ela perguntou. Os Daevas não haviam aprendido que não poderiam entrar na cidade sem ter um traidor por dentro?

— Ainda não. — Um músculo se contraiu na mandíbula lisa de Jaden. — Siri ainda não voltou.

— De volta de onde?

— Ela foi às cavernas atrás de Rafael à meia hora.

Tera avançou para examinar o mapa em um dos painéis do computador. Em meia hora, a cidade viajou duzentos e oitenta quilômetros. A distância não representava um problema para um Icrathari que voava rápido, mas se Siri não era rápida, ou pior, não estava voando... — Vire a cidade e volte para as cavernas. Siri provavelmente está com problemas. Os Daevas seguirão a cidade, e eu quero estar do lado de fora da caverna antes de os envolvermos, caso ela precise de um retiro rápido.

— Vai demorar meia hora até chegarmos onde precisamos estar.

Um sorriso fino curvou os lábios de Tera. — Os Daevas simplesmente terão que ser pacientes enquanto esperam para morrer. Vou dizer a Ashra que estamos retornando.

Jaden assentiu. — Vou me juntar a você assim que inserir os novos códigos de navegação.

Tera mergulhou de cabeça no poço, suas asas queimando para controlar sua queda livre. Vinte e cinco Daevas não representariam um problema para um exército de vampiros liderado por uma Icrathari, exceto que ela não tinha vampiros para comandar. Quase todos foram transferidos para proteger os novos assentamentos. Aeternae Noctis era teoricamente invulnerável, e ela nunca esperava se envolver em uma batalha contra o que havia sido planejado como uma passagem superficial pelas cavernas de Rafael.

Jaden ajudaria, é claro, mas um Icrathari e um vampiro mais velho contra vinte e cinco Daevas seriam uma batalha fechada.

O lábio dela torceu. Ashra ia sujar o vestido novo e transparente.

Tera pousou na plataforma que levava à grande câmara que

Ashra e Jaden compartilhavam com Megun e Aisling, a filha que Ashra havia dado a Jaden. Ela entrou depois de uma única batida superficial. Lindsay, a vampira, que assistia as crianças na ausência de Ashra, olhou para cima quando Tera entrou.

Tera assentiu com aprovação; A mão direita de Lindsay repousava sobre o punho de sua lâmina. Nunca se poderia estar muito seguro ou muito complacente.

Megun, uma criança Icrathari bonita como Tera já vira, era uma evidência viva de que a aparência aparentemente demoníaca do Daeva era uma função direta da superexposição ao sol, em vez de uma falha genética. Ela correu em direção a Tera e passou os braços pelas pernas de Tera. Suas asas negras bateram contra suas costas; a brisa agitou suas mechas de prata. Os brilhantes olhos dourados de Megun brilhavam. — Você viu meu cabelo bonito? Lindsay trançou para mim, assim parece com o seu.

— Muito bonita —, disse Tera. Do outro lado da sala, a criança, Aisling, de cabelos escuros e olhos verdes como o pai que já foi humano, estava na lua etérea do sol deslumbrante de Megun. Ela cambaleou com os pés instáveis, o rosto carrancudo definido em linhas severas que lembraram Tera de Ashra. As asas com chifres douradas de Aisling não deixaram dúvidas quanto ao seu status. Aquela criança era uma princesa, refletiu Tera, e ela seria um crédito para a mãe e uma dor de cabeça absoluta para todos os outros.

O barulho de seda e chiffon chamou a atenção de Tera para a porta que levava a um dos quartos da suíte.

Ashra saiu do quarto, seu vestido diáfano branco perolado. Seus cabelos prateados caíam em ondas exuberantes pelas costas. Se não fosse por suas grandes asas negras, ela poderia parecer um anjo. — Por que a cidade virou?

Ela saberia, é claro. Ashra, por tudo o que ela preferia usar em vez de armaduras, era perspicaz e atenciosa. Ela também era, quando o humor lhe convinha, uma guerreira cruel e capaz.

— Siri foi visitar Rafael. Ela não voltou, mas há vinte e cinco Daevas nos perseguindo. Jaden está encaminhando a cidade de volta às cavernas de Rafael, caso Siri precise de nós lá. A luta é inevitável.

Ashra assentiu. — Bem.

— Você vai usar algo mais... adequado?

Ashra arqueou uma sobrancelha. — Eu preciso? — Suas asas queimaram em toda a extensão de três metros. Os chifres dourados em cada junção dos ossos de suas asas brilhavam sob as luzes. Com um deslizar lento, suas garras se estenderam.

Tera encolheu os ombros. — Seria uma pena sujar seu vestido.

— O menor dos meus problemas —, disse Ashra. Ela se endireitou com um suspiro sutil. — Jaden e eu manteremos os Daevas

ocupados. Quero que encontre Siri e a traga para casa em segurança.

De Ashra, essa ordem simples era equivalente a um ataque de pânico. Quem sabia que Ashra, a rainha distante dos Icrathari, era capaz de sentir tanto por alguém que não fosse Rohkeus, e agora Jaden?

Tera assentiu. Um fantasma de sorriso passou por seu rosto. Parecia que até os Icratharis eram capazes de mudar. — Vou encontrar Siri. — E tenha pena de qualquer tolo que atrapalhe.



Com suas presas, Siri rasgou um corte no pulso. O sangue dela derramou. Ela apertou o pulso sangrando nos lábios de Rafael. — Aqui, beba.

Sua respiração era como o bater quase imperceptível de asas de borboleta contra a pele dela. A sucção foi fraca, pouco mais do que o bater da língua contra o fluxo interminável de seu sangue.

Ela olhou as feridas ferozes nos ombros dele. *Curar. Por favor, cure.*

Por um momento, nada aconteceu, e então o sangue dourado - o sangue dela - escorreu não processado e não absorvido pelas feridas abertas. Ele não estava curando; ele não podia curar.

E o sangue dela, ainda manchado de acônito, não podia curá-lo.

O ar se moveu ao seu redor, como se fosse conduzido por milhares de asas. A cabeça de Siri levantou. Até Rafael, embora pouco vivo, mexeu-se. Seus olhos, anormalmente grandes em seu rosto magro e afundado, abriram-se. Ela pressionou um dedo nos lábios dele, abaixou-o no chão e avançou para olhar por trás da rocha.

Uma nuvem negra de tempestade varreu as montanhas ao norte.

Os olhos de Siri se estreitaram. Não, não poderia ser...

Quando se aproximou, a nuvem se desfez em farrapos de asas negras de morcego, enquanto centenas de Daevas pousavam em frente ao imortal Erich Dale, que ficava nos penhascos do lado de fora das cavernas. O bater de mil asas retumbou como um trovão.

A respiração de Siri ficou presa. O Icrathari não seria capaz de segurar Aeternae Noctis contra tantos Daevas.

Erich falou no tom gutural dos Daevas. Siri esforçou-se para separar os sons em palavras enquanto procurava em sua memória a linguagem humana que tinha sido sua fonte. Dicas de russo. Vislumbres de alemão. Enquanto Erich falava, ela reuniu as palavras que reconheceu. — Cidade abobadada... se aproxima. Mate a rainha... e seu consorte. Deixe a rainha guerreira comigo.

A guerreira. Tera.

Siri bufou baixinho. *Ela vai te separar.*

Os Icratharis estavam, no entanto, em menor número. A única chance de sobrevivência de Ashra, Tera e Jaden era permanecer na cidade, e eles só fariam isso se entendessem a enormidade da batalha invencível pela frente.

Siri precisava extrair os Daevas, deixá-los visíveis em uma passagem aérea pela cidade onde os sensores perceberiam sua presença.

E ela ainda não tinha ideia de como colocar Rafael de volta na segurança da cidade.

Ela não podia voar com ele; seu volume, se não seu peso, a atrasaria.

— Vá —, ele sussurrou, o som quase inaudível.

A respiração que ela percebeu estremeceu através de seu corpo. Ela virou-se para encará-lo. Ele era uma casca enrugada, pouco mais que um esqueleto, mas aqueles olhos, aqueles lindos olhos cor de avelã, ainda eram seus - sábios além dos anos.

— Eu sempre voltarei para você —, ela sussurrou.

Ele assentiu. — Eu sei. — Os cantos de sua boca puxaram, mostrando os dentes em um sorriso medonho. — Vá.

Ela se virou e rastejou por trás da linha irregular de rochas até ficar a várias centenas de metros de distância de Rafael, e depois saltou e subiu no céu.

Erich gritou um comando. Centenas de Daevas voaram.

Sua liderança era pequena, mas a fuga não fazia parte de seu plano. Ela correu em direção a Aeternae Noctis. *Por favor, esteja assistindo, Tera. Jaden. Alguém.*

Eles não poderiam ter perdido a sombra que varria a cidade enquanto a horda de Daevas fluía sobre a cúpula, apagando a luz da lua. Eles não poderiam ter perdido os gritos, pois as Daevas que deslizavam sob Aeternae Noctis estavam esquentadas por rajadas de ar superaquecido que jorravam dos motores que mantinham a cidade no ar.

Quando o fim de Aeternae Noctis apareceu, Siri girou no meio do vôo. Suas asas bateram, empurrando-a verticalmente. Abaixo dela, alguns Daevas dominavam a cidade antes que se virassem para segui-la. Siri correu de volta para Rafael e uma chance tola de salvar os dois. Ela o havia deixado uma vez antes; ela não faria isso de novo.



As mãos de Rafael, pouco mais que ossos, tornaram o agarrar o tubo estreito particularmente difícil, mas ele conseguiu extrair o frasco do sangue de Megun do bolso da calça, onde ele havia passado por meses e anos de tormento.

As palavras de Lucas ecoaram em sua mente. *Quanto mais forte o sangue, mais rápida a cura.*

Rafael manobrou a tampa do frasco e depois levou o tubo estreito aos lábios. O sangue de Megun, tão dourado quanto o de Siri, derramou pelos lábios. Como néctar, cobriu sua garganta e derramou em seu corpo. Feito. As consequências, quaisquer que fossem, foram sua escolha. *Por Siri.*

Rafael fechou os olhos e sua mão caiu frouxa ao seu lado. O frasco vazio rolou de sua mão e parou com um leve tilintar de vidro contra a rocha.

Algo de dentro o arrancou com tanta força que seu corpo convulsionou. A escuridão, perfurada por tons psicodélicos, levantou-se para consumi-lo; a loucura assaltou sua consciência. *Deus, não...* estava acontecendo de novo. Ele estava se transformando pela segunda vez e, dessa vez, Siri não estava por perto para ancorá-lo à sanidade.



Um grito rasgou a noite, o grito de um animal ferido, um animal enlouquecido pela dor. O som subiu alto no ar. Em algum lugar, naquele grito enlouquecido, Siri reconheceu sua voz.

— Rafael! — Siri mergulhou em direção ao esconderijo de Rafael, mas Erich e um grande Daeva saltaram para bloquear seu caminho.

Erich sacudiu a cabeça. Um sorriso sarcástico dançou em seu rosto. — Você voltou para ele. Esta é a terceira vez que você faz isso.

Ela olhou para ele. — E vou continuar voltando, de novo e de novo.

O Daeva rosnou uma palavra que quase soou como o nome dela.

Siri olhou para ele. Algo quase familiar em seu rosto chamou uma lembrança. — Elken?

Inclinou a cabeça. Como Megun, Elken, irmão de Elkser, optou por não seguir Rohkeus até Aeternae Noctis. Foi uma decisão que Siri tinha certeza de que os quatro Icratharis que se tornaram Daevas se arrependeram.

Erich olhou além de Siri enquanto os Daevas que a perseguiam por Aeternae Noctis a alcançavam. Eles pairavam no ar, impossibilitando a fuga. — Quão alto você vai gritar? De que forma dolorosamente você teria que morrer antes de Tera vir atrás de você?

Os olhos de Siri se estreitaram. Ela não teria tempo de gritar, não se estivesse muito ocupada matando-o.

Com as mãos tensas em garras, ela saltou para a garganta de Erich. Com um golpe casual e desdenhoso, ele deu um tapa no ataque dela e a jogou no chão. Ela balançou a cabeça bruscamente para trazer seu mundo vacilante de volta ao foco.

Com um sorriso no rosto, Erich passou a mão em volta da

garganta dela e sem esforço a levantou do chão. Os dedos dos pés chutaram o ar enquanto ela tentava encontrar um apoio para os pés. Ela precisava de seu equilíbrio, de alavancagem, para combatê-lo.

Em algum lugar atrás de Erich, os gritos de Rafael haviam cessado em gemidos, seu timbre irracional e repetitivo, tanto assustador quanto amedrontador.

— Rafael... — Ela forçou as palavras para além do aperto sufocante preso em sua garganta. — Estou aqui...

Elken moveu-se para ficar ao lado de Erich. Pelo canto do olho, Siri viu duas figuras radiantes saindo de Aeternae Noctis. Ashra. Tera. Eles vieram buscá-la. Ela falhou...

Um borrão de movimento saltou de trás das pedras e se prendeu a Elken. Um punho com garras perfurou o estômago de Elken. Com os olhos arregalados, o Daeva olhou para a mão que emergia em sua barriga. Seus olhos vidraram e ele caiu de joelhos. A criatura esquelética que atacou Elken puxou a cabeça para o lado, expondo a garganta. Os incisivos brilhavam brancos à luz da lua antes de afundarem no pescoço de Elken e rasgarem a pele e a carne.

Sangue dourado jorrou.

A criatura lambeu o sangue, bebendo com a necessidade desesperada de um animal levado à beira da morte pela sede.

Diante dos olhos incrédulos de Siri, o corpo de Rafael se encheu, carne e músculo se reconstruindo com pressa não natural. Quando Rafael levantou a cabeça, estava mais uma vez como estava, fisicamente restaurado ao seu estado imortal aperfeiçoado, exceto que seus olhos estavam completamente loucos.

Um grito de consternação surgiu entre as fileiras dos Daevas. —Immortali!

Rafael se lançou nos Daevas, um turbilhão de morte em meio a uma agitação caótica de asas negras. Por vários momentos, tudo o que Siri pôde ver foi uma cortina escura quando centenas de Daevas subiram ao céu. A torrente de vento criada pela batida de asas maciças agitou o ar em um tornado. Quando a enxurrada de Daevas em pânico se dissipou e o vento explodiu, Rafael ficou sozinho, ileso, sobre um monte que ele construiu com os cadáveres de Daevas.

O lábio superior se afastou, expondo incisivos pingando sangue dourado. Com os olhos cheios de ódio, ele saltou no ar em direção a Siri e Erich. Erich largou Siri e a empurrou para trás quando ele se virou para enfrentar o ataque de Rafael, mas Rafael o afastou com aparentemente sem nenhum esforço e o jogou em uma pedra.

Antes que Siri pudesse se levantar, Rafael estava nela. Garras e presas a rasgavam, rasgando a pele, cortando veias sensíveis e artérias pulsantes.

Sangue jorrou dela quando ela o alcançou. Ela tocou sua

bochecha, o movimento lento e difícil, como se seus membros estivessem recusando seus comandos. — Rafael... — Ela olhou nos olhos dele, ciente de que a expressão neles estava mudando, mas fraca demais para perguntar, muito menos entender o porquê.

A escuridão flutuou em sua visão. Seu coração palpitava enquanto lutava para bombear sangue que não fluía mais através dela. *Morrendo. Estou morrendo.*



CAPÍTULO 18

A visão de Rafael era uma névoa de ouro e preto - luz e escuridão se misturando em um círculo retorcido de condenação eterna. O cheiro de sangue, perfumado e intoxicante como flores de jasmim, encheu suas narinas e infundiu seu corpo.

Mais. Ele precisava de mais.

Ele precisava de algo, qualquer coisa, para silenciar o grito estridente que ricocheteia em ecos intermináveis em sua mente. Seu grito de pânico e angústia - sua queda na loucura, o mantiveram lá, o horror se repetindo.

Deve correr. Deve escapar. Rasgue tudo. Destrua tudo.

Deve tocar. Deve sentir. Quebre os ossos. Fragmentos de carne.

A vida vibra como um pardal de asas quebradas.

Esmague. Esmague.

Rafael, uma voz suave sussurrou através da cacofonia de sua insanidade. Ele flutuou na borda da memória.

Esmague.

A batida de asas anunciou um grito. — Rafael! — Uma voz, não a quieta e convincente, ecoou em sua cabeça como o som de gongos.

Pare com isso. Pare com isso. Silencie isso.

Ele deixou cair o corpo quebrado nos braços e girou. Duas criaturas aladas de cabelos prateados pousaram a vários metros dele. Um homem de cabelos escuros, não, não um homem - um predador imortal, um vampiro mais velho, estava ao lado deles.

O Imortal Rafael havia se jogado para o lado, agachado. Com um baixo assobio de dor e raiva, Erich pulou na criatura alada que usava os cabelos em uma trança. O emaranhado de membros da batalha deles levantou uma nuvem de poeira. A comoção provocou um eco uivante em seu crânio, mas não conseguiu silenciar seus próprios gritos.

Cale-se. Cale-se.

Rafael atacou a outra criatura alada, mas o vampiro mais velho interceptou seu ataque. Presas à mostra, garras estendidas, eles trocaram golpe por golpe. Rafael rasgou a carne; sangue da cor de um pôr-do-sol derramado no chão sedento.

— Rafael, pare —, implorou o vampiro mais velho enquanto

aparava o ataque de Rafael. — Nós somos amigos! Você sabe quem nós somos. Pare.

Amigos?

Não sei. Não consigo pensar nos gritos. Silencie isso.

Faça parar. Faça isso ir embora.

Mate isso. Esmague.

Rafael pegou a cabeça do vampiro mais velho entre as mãos. Seu aperto aumentou, suas garras cravando na carne do vampiro. Seus músculos ficaram tensos em antecipação à matança.



A batida rítmica de grandes asas espalhou uma brisa no rosto de Siri. Alguém a reuniu. A voz de Ashra parecia flutuar através de um vasto espaço para ela. — Vou levá-lo de volta à cidade. Lucas vai te salvar.

Siri reuniu forças para balançar a cabeça. Era muito tarde para ela. Lucas não pôde salvar um corpo que não poderia curar, e Rafael a machucou gravemente. Ela não podia viver, mas Rafael não precisava morrer. Ela forçou as palavras, o som estridente através de uma garganta rasgada. — Custas. Para o Rafael.

— Não, eu tenho que...

— Rafael. Volte para ele. Prometi que sempre voltaria para ele.

O vento mudou quando Ashra mudou de direção. Siri forçou os olhos a abrir. Ao longe, Tera lutou com Erich, mas a atenção de Siri foi atraída para a batalha entre Jaden e Rafael. Músculos tensos, pisotearam o chão encharcado de sangue. Os ferimentos de Rafael sararam duas vezes mais rápido que os de Jaden, e a insanidade deu a Rafael uma vantagem que nem mesmo o treinamento de Jaden como guerreiro poderia superar.

Rafael segurou a cabeça de Jaden entre as mãos. Uma torção aguda quebraria o pescoço de Jaden.

Tera se afastou de Erich e correu em direção a Rafael e Jaden.

Com um único olhar, Siri mediu a distância. Tera não conseguiu alcançar Rafael a tempo de impedi-lo de assassinar Jaden.

Só ela poderia detê-lo. Siri estendeu a mão trêmula e soltou o nome dele. — Rafael.



Rafael. A voz dela ressoou com uma certeza tranquila, uma segurança que o apoiou contra suas tempestades mentais. Rafael.

Seus lábios se moveram, moldando uma palavra silenciosa. — Siri.

Fragmentos de um rosto adorável apareceram em cacos de vidro quebrado. O rosto quebrado o encarou. Bonita. Irreparável.

Suas mãos se separaram. Algo caiu no chão com um baque, mas ele mal ouviu o som. Ele caiu de joelhos e se enrolou sobre a dor

que o queimava. O uivo de angústia que surgiu dentro dele tocou com a perda dela. Amor. Ele a amava. Ele a matou.

Rafael, sua voz chamou por ele.

Não está perdida. Não está morta. Ainda não.

Foco.

Em sua mente, os cacos de vidro quebrado se moveram. Como peças de um quebra-cabeça, um olho aqui, a boca ali, ele reformulou os fragmentos. Com cada peça que se encaixava, a agitação de sua tempestade mental diminuía, como se uma parede estivesse subindo em sua mente, mantendo a loucura à distância.

A peça final girou e mudou de lugar. O rosto o encarou através de fragmentos de vidro perfeitamente colocados. O rosto dela. Os olhos violeta dela. O meio sorriso dela. A expressão solene que ele agora conhecia era amor.

— Siri —, ele sussurrou.

A imagem brilhava. Quando a luz se apagou, as rachaduras haviam desaparecido. A imagem se fundiu em um único todo perfeito.

Os olhos de Rafael se abriram e ele olhou para o mundo, sua visão não mais sendo obscurecida por uma névoa de loucura.

Ashra estava diante dele, suas asas negras parcialmente abertas. Ao lado dela, Jaden agachou-se sobre um joelho, respirando pesadamente enquanto seus ferimentos cicatrizavam, mas Ashra não prestou atenção ao amante. A rainha Icrathari tinha uma expressão ferida. O corpo que ela segurava com tanta ternura estava mole e quebrado.

— Siri. Não... — Rafael se levantou e correu para frente. Ele estendeu a mão para tocar o rosto de Siri, mas se conteve. Ele respirou fundo, estremecendo. As mãos dele estavam manchadas com o sangue dela.

— Leve-a —, disse Ashra.

Os lábios de Rafael formaram uma objeção, mas ele instintivamente se moveu para obedecer. Ele olhou para o corpo imóvel de Siri em seus braços. Os cortes que ele rasgou em um corpo imortal incapaz de curar a sangraram. Não, oh, Deus, não. — Siri? — O pedido o arrancou. Ele caiu de joelhos e curvou-se sobre o corpo dela. Ele pressionou sua bochecha na dela e seus ombros tremiam tanto que ele quase perdeu o pulso fraco que flutuava em sua garganta.

Quase...



A dor havia passado, deixando-a em uma solidão lânguida. Sensações e sons pareciam distantes. Ela fechou os olhos, contente em descansar. A vida, como fios de seda, deslizaram por seus dedos, mas ela não tinha força para agarrá-los.

— Siri? — A voz de Rafael a alcançou a uma grande distância. Os olhos dela se abriram.

O mundo dela se moveu ao seu redor quando ele a levantou e a pressionou contra ele. Os lábios dela repousaram na cavidade do pescoço dele. Do fundo de seu peito, sua voz, o timbre rico de poder, sussurrou: — Beba, meu amor. Beba e viva.

Ele passou uma unha afiada em sua jugular. Sangue derramou de seu corpo em sua boca. Instinto exigiu que ela bebesse. Seu sabor inebriante de seu sangue fez com que seus sentidos ficassem confusos, mas ela sabia o suficiente para choramingar de necessidade e desespero quando o ferimento em sua garganta se fechou. De novo e de novo, ele cortou seu pescoço, mantendo o ferimento aberto para ela enquanto trocava seu sangue pelo dela.

A sensação voltou gradualmente como o amanhecer rastejando pelo céu noturno, e com ela a consciência de que ela não estava mais sangrando. Ela olhou para Rafael. Os olhos castanhos dele se fixaram no rosto dela, mantendo o olhar firme. Um meio sorriso apareceu em seu rosto quando seus lábios se moveram, moldando o nome dela.

Siri pressionou a mão contra a barriga. Sob as pontas dos dedos, a sensação áspera do tecido cicatricial suavizou ao ser reabsorvida pelo corpo. Carne e músculos atravessaram a lesão interna. Ela tocou o pescoço, traçando a forma lembrada de lesões agora ausentes. Ela olhou para cima, olhando para o corpo de Elken antes de encontrar o olhar de Rafael. — Sangue Daeva...

— Aconito infundiu sangue Daeva... tanto o veneno quanto a cura.

Siri deu um suspiro trêmulo. — Aconito era, como você suspeitava, um catalisador, suprimindo a capacidade do corpo de purgá-lo até que estivesse concentrado o suficiente para desencadear uma transformação. Isso mudou você... — Ela passou a mão pelo peito dele. Ele era mais forte do que tinha sido como um vampiro mais velho. O que ele fez para ela?

— A loucura me levou...

— Mas você encontrou o caminho de volta.

— Não, você encontrou meu caminho de volta. — Ele rangeu os dentes e estremeceu. — Ainda está lá, atrás dos meus olhos, empurrando contra a parte interna do meu crânio

— Shhh. — Ela pressionou um dedo contra os lábios de Rafael e relaxou em um sorriso. — Estamos juntos. Nós vamos descobrir.

— Você voltou para mim. — Surpresa infundiu sua voz.

— Eu sempre irei. — Ela engoliu em seco contra a dor familiar que a perseguia nos últimos três anos, a dor que agora ela sabia, com absoluta certeza, era amor. Quanto ele sofreu porque ela não confiou na força de seu amor e partiu para procurá-lo mais cedo? — Desculpe,

demorou tanto tempo.

— Eu teria ido até você.

Ela assentiu. — Eu sei.

O sorriso dela refletia a paz e o alívio que ela viu no sorriso dele? Rafael se inclinou para frente para tocar sua testa na dela. Naquele momento, bastava ficarmos juntos, vivos e inteiros, no meio da carnificina.

O rosnado de Tera arrancou a serenidade do momento. Siri olhou para cima. A senhora da guerra Icrathari olhou para longe, seus olhos cinzentos procurando o horizonte. — Ele se foi.

Aparentemente, Erich Dale havia escapado. Siri balançou a cabeça. Era difícil não, em algum nível, ter pena do Imortali. — Ele deve ter sabido que não poderia vencer.

A expressão de Tera era inescrutável. — Ele não está interessado em vencer. E ele estará de volta.



EPÍLOGO

Um aglomerado de luzes brilhava na cidade de Aeternae Noctis, que de outro modo estava escura. Na cabana de Rafael, perto do rio, chamas crepitavam na lareira, espalhando calor pela pequena sala.

Siri estava ao lado do fogão, onde uma panela de sopa fervia ao lado de uma chaleira de água quente, infundida com uma pitada de ervas. Ela ouviu, confortada pelos sons do comum - o som suave da água corrente, o estalo e o estalo de troncos quando se estabeleceram nas chamas, o som áspero da tosse de Stefan.

Em um dos dois quartos pequenos, Rafael se ajoelhou ao lado da cama de Stefan e segurou uma xícara de chá de ervas nos lábios de seu filho. O ocupante final da arca foi finalmente libertado aos cuidados de seu pai. A reunião tinha sido prosaica por parte de Stefan - como se ele tivesse antecipado totalmente acordar algum dia. Aparentemente, a eterna esperança e otimismo que tornaram Rafael tão notável também faziam parte de Stefan.

Siri não achou que o prognóstico a longo prazo de Stefan melhorou muito, mas Rafael esperava que as muitas ervas que ele havia encontrado nas cavernas diminuíssem, se não curassem, a saúde debilitada de Stefan.

A única coisa que importava era que eles estavam juntos por enquanto, uma família mais uma vez, contra as probabilidades.

— Que nojo. — Stefan estendeu a língua e bateu nela com a mão. — Eu odeio esse.

Siri julgou o chá de ervas adequadamente embebido e derramou o líquido perfumado em uma xícara. Ela ofereceu a Stefan. — Aqui está uma infusão de camomila e lavanda para se livrar do

gosto horrível do outro chá.

Stefan alcançou a xícara com uma pressa que fez Siri e Rafael rirem. Ele tomou um gole longo e cuidadoso e depois olhou para Siri com seu sorriso mais amável. — Eu terminei o chá nojento. Isso significa que você vai me levar de avião amanhã?

Siri lançou um olhar para Rafael. — Somente se seu pai disser que sim.

— Como eu poderia dizer não? — Rafael disse.

— Isso significa que sim —, Stefan forneceu prestativamente.

— Então sim, é. — Siri se inclinou para puxar o cobertor sobre o peito de Stefan. — Voar é muito árduo, então você deve dormir um pouco.

— OK .— Stefan aconchegou-se em sua cama e fechou os olhos. — Estou dormindo. Olha, eu estou dormindo.

— Boa tentativa. Agora vá dormir de verdade. Com uma risada, Rafael bagunçou o cabelo na cabeça do filho e depois se levantou. Ele conduziu Siri para fora da sala à sua frente antes de fechar a porta do quarto de Stefan. — Obrigado.

Ela encolheu os ombros. — Feliz por ajudar. — Ela olhou por cima do ombro para a porta fechada. A fácil aceitação do garoto, um Night Terror, a fez tremer de espanto. — Ele faz o amor parecer fácil.

— O amor não deve ser difícil. — Rafael pegou uma garrafa na prateleira de cima da despensa e serviu dois copos de um líquido vermelho que brilhava à luz do fogo. Siri captou a fragrância de groselhas fermentadas em álcool doce. Ele sorriu para ela, a curva de seus lábios triste e depreciativa. — E então sempre deve haver alguém, ou duas pessoas, para provar que a teoria está errada.

— Como nós? — Siri perguntou, divertida com a lembrança de algo que ela lhe dissera nos primeiros dias de sua amizade.

Rafael pegou as duas xícaras e ofereceu uma para ela. — Vamos beber por uma segunda chance mais fácil de amar.

As asas de Siri bateram e a ergueram no ar, nos braços de Rafael. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele e sorriu para ele. — Não preciso de vinho para brindar o futuro. Eu tenho tudo o que preciso aqui e agora.

Duas xícaras foram colocadas de lado quando Siri atraiu Rafael para um beijo infundido com a doçura da rendição mútua, de dois amantes de longa data que finalmente encontraram o meio termo.



Tera andava devagar pela curva da varanda no andar mais alto de Malum Turrus. Sob a torre, a cidade estava envolta em trevas, exceto por um conjunto de luzes na borda da floresta, a casa de Rafael.

Por um momento, os pensamentos de Tera permaneceram em

Rafael. Somente o Criador sabia o que ele era agora, um híbrido renascido do sangue de um Icrathari e dois Daevas. Ele era mais forte, mais rápido e mais mortal do que qualquer vampiro mais velho ou imortal poderia reivindicar. No entanto, tudo o que ele aparentemente queria do resto da eternidade era passear em seu jardim de ervas com seu amado filho e Siri.

Siri parecia não ter objeção a deixar de lado a tecnologia do século XXI para viver na relativa miséria de uma cabana do século XVIII. Tera nunca a tinha visto mais contente. Felicidade absoluta manifestada de maneiras estranhas, mas comuns.

Para Tera, a felicidade já fora tão simples quanto sentar ao lado de Erich Dale na praça da cidade, sob a luz da lua cheia. Ao seu redor, os vampiros realizavam suas tarefas desagradáveis de arrancar crianças de cinco anos de suas casas, mas ela ignorou a agitação da atividade enquanto folheava os poemas de Erich, nenhum dos quais havia sido particularmente bom, ou via imagens ganhando vida, embaixo da ponta do lápis. Ele sempre fora um artista melhor que um poeta; ele tinha sido sua conexão com as raras lascas de beleza e arte que sobreviveram às ruínas da civilização humana.

Quando ele era humano, ela havia inspirado sua arte, mas agora, ele era um imortal, e ela inspirava apenas seu ódio. Em algum lugar, na desolação que era a Terra, Erich Dale comandou um exército de Daevas com apenas uma intenção, destruí-la.

As asas de Tera queimaram em toda a extensão de três metros. Ela olhou para a escuridão que o ocultava. Estou pronto para você, Erich. Nós acabaremos com isso.

Ao longo do horizonte, a noite concedeu ao dia. O sol apareceu no céu, sua luz imparável cortando a cúpula curva de Aeternae Noctis para repousar sobre a senhora da guerra Icrathari, de couro, que vigiava a cidade. O amanhecer chegara à cidade da noite eterna.

Fim...

Ou

Apenas o começo?